

A Doutrina Secreta

A Síntese da
Ciência, Religião e Filosofia

por

H. P. Blavatsky

Autora de “Ísis Sem Véu”

सत्यात् नास्ति परो धर्मः ।

“Não há Religião mais elevada que a Verdade”

Vol. I - COSMOGÊNESE



www.FilosofiaEsoterica.com
www.TeosofiaOriginal.com
www.VislumbresDaOutraMargem.com

Prefácio da Edição Fac-Similar Norte-Americana de 1947

O Movimento Teosófico do século 19 começou em 1875. A DOUTRINA SECRETA, publicada pela primeira vez em 1888, foi escrita pela senhora H. P. Blavatsky para estabelecer um registro autêntico dos ensinamentos da filosofia teosófica. “A DOUTRINA SECRETA”, disse ela, “não é um tratado, ou uma série de teorias vagas, mas contém tudo o que pode ser dado ao mundo neste século”. [1]

Em torno de 1925, cinquenta anos depois da fundação do Movimento em Nova Iorque, a primeira edição da obra estava esgotada já havia muito tempo. Naquele momento, o ponto médio do ciclo de cem anos do Movimento Teosófico, a Theosophy Company tornou disponível pela primeira vez uma edição fac-similar da grande obra da senhora Blavatsky, com uma reprodução fotográfica da edição original. O atual volume é idêntico às impressões anteriores, embora tenha sido impresso a partir de novas chapas.

Além da edição original de 1888 - a única autorizada pela senhora Blavatsky - apareceram várias outras edições desta obra. Uma delas, a chamada “Terceira Edição Revisada”, de 1893, está distorcida e com muitos milhares de alterações, algumas das quais são triviais, enquanto outras são verdadeiras mutilações do texto original. Mais adiante, foi incluído nesta suposta “Edição Revisada” de A DOUTRINA SECRETA um ilegítimo “Terceiro Volume”. Ele foi lançado em 1897, seis anos depois da morte de H. P. Blavatsky. Compilado de papéis vários achados em seus arquivos, este volume não faz parte da DOUTRINA SECRETA original escrita pela senhora Blavatsky. [2]

A “Terceira Edição Revisada” deu lugar a outra edição em 1938, esta vez com seis volumes, que foi chamada de “Edição de Adyar”. Esta edição é substancialmente a mesma versão “revisada”, com as exceções do acréscimo de índices remissivos, de um texto biográfico sobre a autora, de várias mudanças tipográficas e de um texto tentando justificar a publicação do ilegítimo “terceiro volume”.

Houve ainda outra edição de A DOUTRINA SECRETA. Neste caso, com a exceção de “correções” sem fundamento, feitas nas expressões sânscritas usadas pela autora, e de um acréscimo de material sectário irrelevante, trata-se de uma reprodução virtualmente fiel do texto original. A sua autenticidade exata, no entanto, não pode ser confirmada sem uma cansativa comparação com a edição original.

A DOUTRINA SECRETA autêntica tem apenas dois volumes. Como foi escrito inicialmente, A DOUTRINA SECRETA devia ser publicada em quatro volumes,

mas só dois volumes foram dados por H. P. B. ao editor. Os dois volumes restantes, embora completos, foram retirados por ela por razões claramente indicadas ao final do segundo volume da edição original. [3]

Com a presente impressão de A DOCTRINA SECRETA, a Theosophy Company continua cumprindo sua função de tornar acessíveis aos estudantes e interessados edições inalteradas da literatura original do Movimento Teosófico. Os dois volumes da edição original estão aqui reunidos em um só volume para maior comodidade dos estudantes; em todos os outros aspectos, esta edição é um fac-símile exato da edição original e isso é algo em que se pode confiar.

The Theosophy Company, 17 de Novembro de 1947.

NOTAS:

[1] “The Secret Doctrine”, Theosophy Company, volume I, p. xxxviii. (Nota do Tradutor)

[2] A edição brasileira da Ed. Pensamento de “A Doutrina Secreta” tem seis volumes. Os dois primeiros correspondem ao primeiro volume da edição falsificada de 1897. Os volumes 3 e 4 correspondem ao volume 2 da edição adulterada. Os volumes 5 e 6 correspondem ao terceiro volume, fabricado por Annie Besant em 1897. (Nota do Tradutor)

[3] “The Secret Doctrine”, Theosophy Company, volume II, p. 798. Trata-se do parágrafo que encerra o volume II da obra. Nele H. P. B. diz:

“Enquanto o lixo acumulado durante eras não for afastado das mentes dos teosofistas a quem estes volumes são dedicados, é impossível que o ensinamento mais prático contido no Terceiro Volume seja compreendido. Em consequência disso, a questão sobre se os dois últimos volumes serão publicados algum dia - embora eles estejam *quase* prontos - depende inteiramente do que os Teosofistas e Místicos fizerem, quando tiverem em suas mãos os volumes I e II.” (Nota do Tradutor)

000000000000

A Doutrina Secreta

A Síntese da
Ciência, Religião e Filosofia

por H. P. Blavatsky

Vol. I - COSMOGÊNESE

Dedico esta Obra a
todos os Verdadeiros Teosofistas,
em todos os Países e de todas as
Raças, porque eles chamaram por
ela e ela foi escrita para eles.

Prefácio

A autora - ou, mais precisamente, a redatora - sente que é necessário desculpar-se pela longa demora na aparição desta obra. O atraso ocorreu devido a problemas de saúde e à magnitude da tarefa. Mesmo os dois volumes agora publicados não completam o projeto, e eles não tratam exaustivamente os assuntos abordados. Já foi preparada uma grande quantidade de material sobre a história do ocultismo [1] através das vidas dos grandes Adeptos [2] da Raça Ariana [3], mostrando a influência da filosofia oculta sobre a conduta na vida, tal como é e tal como deveria ser. Caso os volumes atuais encontrem uma recepção favorável, não serão medidos esforços para que o plano da obra seja realizado integralmente. O terceiro volume está inteiramente pronto; o quarto, quase pronto.

Este plano, devemos acrescentar, não existia quando a preparação da obra foi anunciada pela primeira vez. De acordo com a intenção inicial, “A Doutrina Secreta” seria uma versão corrigida e aumentada de “Ísis Sem Véu”. Pouco depois, no entanto, viu-se que era necessário um método diferente para as explicações que se poderia acrescentar ao que já havia sido dado ao mundo em “Ísis Sem Véu” e outras obras dedicadas à ciência esotérica. Por esse motivo, os presentes volumes não contêm, ao todo, nem sequer vinte páginas de “Ísis Sem Véu”.

A autora não considera necessário pedir pela generosa compreensão dos leitores e críticos em relação aos muitos erros de estilo literário, ou em relação ao inglês imperfeito que pode ser encontrado nestas páginas. Ela é estrangeira, e o seu conhecimento deste idioma foi adquirido numa etapa madura da vida. A língua inglesa é usada porque oferece o meio mais amplamente difundido para a transmissão das verdades que é seu dever colocar diante do mundo.

Estas verdades não são apresentadas, de modo algum, como uma *revelação*. A autora tampouco reivindica a posição de reveladora de um conhecimento místico agora divulgado publicamente pela primeira vez na história do mundo. O que está contido nesta obra pode ser encontrado em fragmentos espalhados ao longo de milhares de volumes que formam as escrituras das grandes religiões asiáticas e das primeiras religiões da Europa, oculto sob hieróglifos e símbolos, e até aqui despercebido devido a este véu. O que se tenta fazer agora é reunir os antigos ensinamentos e fazer deles um todo harmonioso e contínuo. A única vantagem que

a autora tem em relação aos seus predecessores é que ela não necessita recorrer a especulações e teorias pessoais. Esta obra é o registro parcial do que ela própria aprendeu com estudantes mais avançados, e que foi complementado, apenas em alguns poucos detalhes, pelos resultados do seu próprio estudo e da sua observação. A publicação de muitos destes fatos tornou-se necessária devido às especulações fantasiosas e sem fundamento em que caíram durante os últimos anos muitos teosofistas e estudantes da tradição mística, enquanto tentavam produzir um sistema completo de pensamento a partir dos poucos fatos comunicados antes a eles.

É desnecessário explicar que este livro não contém a Doutrina Secreta toda, mas um número seletivo de fragmentos dos seus aspectos fundamentais, ao mesmo tempo que é dada, nele, uma especial atenção a certos fatos captados por diversos escritores e distorcidos até uma situação em que passam a estar muito distantes da verdade.

Mas talvez seja desejável afirmar inequivocamente que os ensinamentos contidos nestes volumes, por mais fragmentários e incompletos que sejam, não pertencem exclusivamente ao Hinduísmo, nem ao Zoroastrismo, nem à religião dos caldeus ou à religião egípcia; e tampouco ao Budismo, ao Islamismo, ao Judaísmo ou Cristianismo. A Doutrina Secreta é a essência de todas estas religiões. Inspirados pela Doutrina Secreta em suas origens, os vários esquemas religiosos são agora colocados novamente no seu elemento original, a partir do qual cada mistério ou crença surgiu, cresceu e se materializou.

É mais do que provável que o livro seja visto por grande parte do público como um romance dos mais fantásticos: quem ouviu falar, alguma vez, do livro de Dzyan?

A autora, portanto, está preparada para assumir completa responsabilidade pelo conteúdo desta obra, e para enfrentar a acusação de haver inventado tudo o que escreveu. Ela está plenamente consciente de que a obra tem muitas falhas. O que ela afirma é que, embora a obra pareça romântica para muitos leitores, a sua coerência lógica e a sua consistência capacitam este novo Gênesis para estar, pelo menos, no mesmo nível que a “hipótese de trabalho” tão amplamente aceita pela ciência moderna. Além disso, esta obra merece consideração, não porque tenha como apoio alguma autoridade dogmática, mas porque segue firmemente a Natureza, e obedece às leis da uniformidade e da analogia.

A meta desta obra pode ser descrita do seguinte modo: mostrar que a Natureza não é “uma aglomeração casual de átomos”, e indicar ao ser humano o seu lugar correto no esquema do Universo; resgatar da degradação as verdades arcaicas que estão na base de todas as religiões; e revelar, até certo ponto, a unidade fundamental da qual todas elas surgem; e, finalmente, mostrar que o lado oculto da Natureza nunca foi enfocado pela Ciência da civilização moderna.

Se isso tiver sido obtido, mesmo em pequena medida, a autora estará contente. A obra foi escrita para servir à humanidade, e deve ser julgada pela humanidade e pelas futuras gerações. Sua autora não reconhece a validade de nenhum tribunal

inferior a estes. Ela está acostumada ao desrespeito. Calúnia é algo que enfrenta diariamente; diante da maledicência, ela sorri com silencioso desprezo.

De minimis non curat lex. [4]

Londres, Outubro, 1888.

H. P. B.

NOTAS:

[1] Ocultismo, ou filosofia esotérica, nada tem a ver com “artes ocultas”, mas se refere à ciência que leva à compreensão altruísta do universo e da vida, situado além do mundo da forma e por isso “oculto”. O essencial é invisível aos olhos. A filosofia oculta ou esotérica investiga aquilo que é transcendente, e faz isso a partir do ponto de vista da ética universal e com base no princípio do respeito por todos os seres. (Nota do Tradutor)

[2] Adeptos; Sábios, Iniciados, Proficientes na Ciência Secreta (Nota do Tradutor)

[3] Em teosofia, o termo “Raça” corresponde a um tipo humano abrangente, que transcende características físicas, inclui diversas etnias e equivale a quase toda a humanidade, influenciando fortemente a totalidade dela. Através da reencarnação, as mesmas almas devem passar sucessivamente por todas as Raças. A evolução ao longo das Raças é um processo da humanidade como um todo. Seria um absurdo, portanto, pensar em “superioridade” ou “inferioridade” de alguma raça em relação a outras. Durante o século vinte, no entanto, o termo “raça” foi deturpado pelos líderes criminosos do nazismo e do fascismo, que contavam ao atacar a democracia com o discreto apoio do Vaticano, na Itália e na Alemanha. (Veja, a respeito, o texto “**A Teosofia e a Segunda Guerra Mundial**”, que pode ser localizado através da [Lista de Textos por Ordem Alfabética](#), em www.FilosofiaEsoterica.com.) Para a filosofia esotérica, a “Raça Ariana” é o grupo humano descendente dos Árias, os sábios habitantes da Índia antiga. A filosofia teosófica ensina a lei da fraternidade universal entre todos os povos, raças e etnias, e afirma a igualdade de todos perante a lei da justiça universal. (Nota do Tradutor)

[4] “De minimis non curat Lex”. Tradução do latim: “A lei não leva em conta ninharias.” Trata-se de uma paráfrase da frase latina “De minimis non curat praetor”, “o juiz não leva em conta ninharias”. (Nota do Tradutor)

0000000

Introdução

“Ouvir gentilmente, julgar com amabilidade”¹

Shakespeare

Desde a aparição da literatura teosófica na Inglaterra, tornou-se um costume chamar os seus ensinamentos de “Budismo Esotérico”. E, como diz um velho provérbio baseado na experiência cotidiana - depois que o Erro se torna um hábito, “ele desce por um plano inclinado, enquanto a Verdade tem que subir laboriosamente abrindo caminho montanha acima.”

As velhas verdades conhecidas de todos são, frequentemente, as mais sábias. A mente humana dificilmente fica completamente livre de preconceitos, e frequentemente opiniões decisivas são formadas antes de um exame atento de todos os aspectos de um assunto. Dizemos isso como uma referência ao duplo erro predominante hoje, (a) de limitar a Teosofia ao Budismo; e (b) de confundir os princípios da filosofia religiosa ensinada por Gautama, o Buda, com as doutrinas esboçadas no livro “O Budismo Esotérico”.² Seria difícil imaginar algo mais errôneo do que isso. O fato tornou possível aos nossos inimigos encontrar uma arma eficiente contra a teosofia, porque, como um destacado estudioso do idioma páli enfaticamente afirmou, não há no volume mencionado “nem esoterismo nem Budismo”. As verdades esotéricas apresentadas na obra do Sr. Sinnett haviam cessado de ser esotéricas no momento em que foram tornadas públicas; e o livro não contém a religião de Buddha, mas simplesmente alguns princípios de um ensinamento até aqui oculto que são agora complementados amplamente, aumentados e explicados nos presentes volumes. Mas mesmo estes últimos, embora divulgando muitos princípios fundamentais *da* DOUTRINA SECRETA *oriental*, erguem apenas uma pequena ponta do escuro véu. Porque ninguém, nem mesmo o maior adepto vivo, teria permissão para, caso ele pudesse - ou quisesse - divulgar

¹ Citação do final do prólogo da peça “A Vida do Rei Henry V”, de William Shakespeare. (Nota do Tradutor)

² Referência ao livro “O Budismo Esotérico”, de A. P. Sinnett. A obra foi publicada no Brasil pela Editora Pensamento. Título original em inglês, “Esoteric Buddhism”. (Nota do Tradutor)

promiscuamente para um mundo desrespeitoso e descrente, aquilo que tem sido tão eficazmente escondido do mundo durante longos eons e eras.

“O Budismo Esotérico” foi uma excelente obra com um título muito infeliz, embora seu título quisesse dizer exatamente o que diz o título da presente obra, “DOCTRINA SECRETA”. Ele demonstrou ser infeliz porque as pessoas têm sempre o hábito de julgar as coisas pela aparência e não pelo significado; e também porque o erro agora se tornou tão universal que até a maior parte dos próprios membros da Sociedade Teosófica³ se tornaram vítimas da mesma concepção errada. Desde o início, no entanto, brâmanes e outros protestaram contra o título. Para ser justa comigo mesma, devo acrescentar que “O Budismo Esotérico” só foi apresentado a mim quando já era um volume completo, e eu não tinha ideia de qual seria a grafia adotada pelo autor para a palavra “Budh-ismo”.

A responsabilidade pela situação deve ser atribuída a aqueles que, tendo sido os primeiros a abordar publicamente o tema, deixaram de assinalar a diferença entre “Buddhismo”⁴ - o sistema religioso de ética ensinado pelo Senhor Gautama, e chamado assim em função do seu título de Buddha, “o Iluminado” - e *Budha*, “Sabedoria” ou conhecimento (*Vidya*), a função cognitiva, que vem da raiz sânscrita “Budh”, *saber*. Nós, teosofistas da Índia, somos os verdadeiros culpados, embora, na época, tenhamos feito o possível para corrigir o erro. (Veja “The Theosophist”, Junho de 1883)⁵. Evitar este erro lamentável de denominação teria sido fácil: seria suficiente mudar a grafia da palavra, e de comum acordo falar e escrever “Budhismo”, ao invés de “Buddhismo”. Este último termo tampouco está

³ Sociedade Teosófica; esta é uma referência à Sociedade Teosófica original, que deixou de existir pouco depois de 1891, quando morreu Helena Blavatsky. Em 1894-1895, Annie Besant liderou uma campanha política radical contra William Judge, provocando a fragmentação do movimento teosófico. No século 21, o movimento tem um grau bastante grande de diversidade organizativa. Portanto, cada vez que uma obra clássica de teosofia se refere a “Sociedade Teosófica”, deve-se ler “Movimento Teosófico”. (Nota do Tradutor)

⁴ Buddhismo; embora em português a palavra seja grafada normalmente como “budismo”, seguimos neste trecho da tradução a grafia etimológica da palavra - que é mais próxima da língua inglesa - para que o leitor possa acompanhar o raciocínio de H. P. B. O uso em português da grafia etimológica em palavras como “buddhismo” e “Buddha” seria útil para estabelecer uma relação mais direta com o verdadeiro significado destes termos, que se referem a **Buddhi**, o sexto princípio da consciência humana ou “luz espiritual”. No entanto, usaremos na presente tradução a grafia etimológica apenas nas situações que se referem à presente argumentação. Fora dos limites desta discussão etimológica, grafaremos a palavra budismo e termos derivados tal como se usa hoje normalmente no idioma português. (Nota do Tradutor)

⁵ Junho de 1883. A data da referência está errada no original em inglês. Na verdade, a edição de “The Theosophist” em que foi tentado esclarecer o problema é a de junho de 1884. O título do texto, assinado por “A Brahman Theosophist”, é “Esoteric Buddhism and Hinduism”. Veja, naquela edição, as pp. 223-225. (Nota do Tradutor)

corretamente grafado, porque em inglês o correto seria “Buddhism”, e os seus seguidores seriam “Buddhaists”.⁶

Esta explicação é absolutamente necessária no começo de uma obra como esta. A “Religião da Sabedoria” é uma herança de todas as nações, no mundo inteiro, embora tenha sido afirmado em “O Budismo Esotérico” (no *Prefácio* à edição original) que “dois anos atrás (isto é, 1883) nem eu *nem qualquer outro europeu vivo* sabia o alfabeto da Ciência, aqui colocada pela primeira vez em forma científica”, etc. Este erro deve ter surgido inadvertidamente no texto. Porque a presente redatora já conhecia tudo o que está “divulgado” em “O Budismo Esotérico” - e muito mais do que isso - *muitos anos* antes que se tornasse dever dela (em 1880) transmitir uma pequena parcela da Doutrina Secreta a dois cavalheiros *europeus*, um dos quais é o autor de “O Budismo Esotérico”; e seguramente a presente redatora tem o indubitável, embora, para ela, vago, privilégio de ser europeia de nascimento e por educação. Além disso, uma parte considerável da filosofia exposta pelo Sr. Sinnett foi ensinada na América do Norte, inclusive antes que o livro “Ísis Sem Véu” fosse publicado, a dois europeus e a meu colega, o coronel H. S. Olcott. Dos três instrutores que este último cavalheiro teve, o primeiro foi um Iniciado húngaro, o segundo um egípcio, o terceiro um hindu. Na medida do que foi permitido, o coronel Olcott transmitiu de várias maneiras uma parte destes ensinamentos; se os outros dois não fizeram isso, foi simplesmente porque não tiveram autorização, e porque o momento para eles trabalharem publicamente não chegou. Mas para outros indivíduos já chegou o momento de trabalhar em público, e a aparição de vários livros interessantes do Sr. Sinnett é uma prova visível deste fato. É importante acima de tudo compreender que nenhum livro teosófico adquire qualquer valor adicional com base em pretensão de autoridade.

Etimologicamente, *Adi*, ou *Adhi* Budha, a *única* (ou a Primeira) “Suprema Sabedoria” é um termo usado por Aryasanga em seus tratados secretos, e, hoje, por todos os místicos budistas do Norte. É um termo Sânscrito, e um título dado pelos primeiros Árias à divindade Desconhecida; a palavra “Brahmâ” não é encontrada nos Vedas e nas primeiras obras. Significa a Sabedoria absoluta, e “Adi-bhûta” é traduzido como “a causa primeira e não-criada de tudo” por Fitzedward Hall. Eons de duração indizível devem ter passado antes de o epíteto “Buddha” ter sido tão humanizado, digamos assim, a ponto de permitir o seu uso em relação a seres mortais, e finalmente a sua atribuição a um ser cujas virtudes e conhecimento fizeram com que recebesse o título de “Buddha de Sabedoria inalterada”. *Bodha* significa a posse inata de uma “compreensão” ou intelecto divinos; “Buddha”, a sua aquisição através de esforços pessoais e mérito próprio; enquanto *Buddhi* é a faculdade de conhecer o canal através do qual o conhecimento divino chega até o “Ego”, o discernimento do bem e do mal, e também a “consciência divina”; e a “Alma Espiritual”, que é o veículo de Atma. “Quando *Buddhi* absorve nosso EGO-ísmo (quando o destrói) com todos os seus *Vikaras*, Avalôkitêshvara se torna manifesto para nós, e Nirvana, ou *Mukti*, é alcançado”. “*Mukti*” é o mesmo que

⁶ Buddhism, Buddhaists; em português, os termos equivalentes seriam “Buddhaísmo” e “Buddhaístas”. (Nota do Tradutor)

Nirvana, isto é, liberdade das redes de “Maya” ou *ilusão*. “Bodhi” é também o nome de um estado específico de êxtase, chamado *Samadhi*, e durante o qual o indivíduo alcança a culminação do conhecimento espiritual.

Insensatos são aqueles que, com um ódio cego e já inviável contra o buddhismo - e, por extensão, contra o “budhismo” - negam os seus ensinamentos esotéricos (que são os mesmos dos brâmanes) apenas porque o título sugere o que para eles, monoteístas, são doutrinas nocivas. *Insensatos* é o termo correto em relação a eles. Porque só a filosofia esotérica pode enfrentar, nesta época de materialismo crasso e ilógico, os repetidos ataques contra tudo o que o ser humano considera mais valioso e sagrado em sua vida espiritual interna. O verdadeiro filósofo, o estudante da Sabedoria Divina, deixa inteiramente de lado as personalidades, crenças dogmáticas e religiões específicas. Além disso, a filosofia esotérica reconcilia todas as religiões, retira de cada uma as suas vestes externas e humanas, e mostra que a raiz de cada uma delas é idêntica à raiz de todas as outras grandes religiões. Isto comprova a necessidade de um Princípio Divino absoluto na natureza. Ela não nega a Divindade, assim como não nega o Sol. A filosofia esotérica nunca negou Deus na Natureza, nem a Divindade como o *Ente*⁷ absoluto e abstrato. Ela apenas se recusa a aceitar qualquer um dos deuses das chamadas religiões monoteístas, deuses criados pelo ser humano à sua própria imagem e semelhança, uma blasfêmia e uma triste caricatura do Sempre Incognoscível. Além disso, as evidências que pretendemos colocar diante do leitor incluem os ensinamentos esotéricos de todo o mundo, desde o início da nossa humanidade, e o ocultismo buddhista ocupa neles apenas o seu legítimo lugar e nada mais. De fato, as partes secretas de “Dan” ou “Jan-na”⁸ (“*Dhyan*”) da metafísica de Gautama - embora pareçam grandiosas para alguém que não esteja familiarizado com os princípios da antiga Religião da Sabedoria - são apenas uma porção muito pequena do todo. O Reformador Hindu limitou os seus ensinamentos públicos ao aspecto puramente moral e fisiológico da Religião da Sabedoria, à Ética e ao SER HUMANO, apenas. O grande Instrutor jamais abordou em suas palestras públicas as coisas “invisíveis e incorpóreas” e o mistério do Ser fora da nossa esfera terrestre, reservando as coisas ocultas para o círculo seletivo dos seus Arhats. Estes recebiam a sua Iniciação na famosa caverna Saptaparna (ou a *Sattapanni* de Mahavansa), perto do Monte Baibhâr (Webhâra nos manuscritos páli). Esta caverna estava em Rajagriha, a antiga capital de Mogadha, e foi a caverna *Cheta* de Fa-hian, como supõem corretamente alguns arqueólogos.⁹

⁷ Ente; no original em inglês, “ens”, ente ou entidade, algo que tem existência real. (Nota do Tradutor)

⁸ *Dan*, que agora se transformou, na fonética do chinês e do tibetano modernos, *ch’an*, é o termo usado para as escolas esotéricas e sua literatura. Nos livros antigos, a palavra *Jnana* é definida como “reformular a si mesmo através da meditação e do conhecimento”, um segundo nascimento *interior*. Disso vem o termo Dzan, foneticamente *Djan*, o “Livro de *Dzyan*”. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁹ Acreditamos que o Sr. Beglor, engenheiro-chefe em Buddhagaya e um destacado arqueólogo, foi o primeiro a descobrir isso. (Nota de H. P. Blavatsky)

O tempo e a imaginação humana empobreceram a pureza e a filosofia destes ensinamentos, depois que eles foram transplantados - durante o processo do seu trabalho de proselitismo - do círculo secreto e sagrado dos Arhats para solos menos preparados que a Índia para receber concepções metafísicas; ou seja, quando foram transferidos para a China, o Japão, o Sião¹⁰ e a Birmânia. O modo como a pureza prístina destas revelações grandiosas foi tratada pode ser visto quando se observa as formas modernas de algumas das antigas escolas budhistas chamadas “esotéricas”, não só na China e outros países budhistas em geral, mas também em não poucos casos no Tibet, onde foram deixadas sob a direção de Lamas não-iniciados e inovadores mongóis.

Assim, pedimos ao leitor que tenha presente a diferença muito importante entre *Buddhismo ortodoxo* - isto é, os ensinamentos públicos de Gautama, o Buddha - e o seu *Budhismo* esotérico. A sua Doutrina Secreta, no entanto, não era de modo algum diferente da doutrina esotérica dos brâmanes da época. O Buddha era filho do solo ária, nascido hindu, Kshatrya¹¹ e discípulo dos “nascidos pela segunda vez” (os brâmanes iniciados) ou Dwijas. Os ensinamentos do Buddha, portanto, não podiam ser diferentes das doutrinas dos brâmanes, porque toda a reforma budhista consistiu apenas em divulgar uma parte daquilo que havia sido mantido fora do alcance dos que não faziam parte do círculo “encantado” dos Iniciados do Templo e dos ascetas. Mesmo impossibilitado - devido a seus votos de segredo - de transmitir *tudo* o que lhe havia sido ensinado, o Buddha divulgou uma filosofia construída sobre o solo do verdadeiro conhecimento esotérico, e deu ao mundo apenas o corpo *externo* material do conhecimento, mantendo a sua *alma* para os Eleitos. (Ver também o volume II.) Muitos eruditos chineses, entre os orientalistas, ouviram falar da “Doutrina da Alma”. Nenhum deles parece ter compreendido a sua real importância e seu significado.

Esta doutrina foi preservada secretamente - demasiado secretamente, talvez - dentro do santuário. O mistério que envolvia o seu principal conceito e suas principais aspirações - o Nirvana - desafiou e estimulou tanto a curiosidade dos eruditos que a estudaram, que, sendo incapazes de resolver o problema logicamente e de desatar o nó Górdio, eles o cortaram¹², declarando que o Nirvana significava *absoluta aniquilação*.

¹⁰ Sião; atual Tailândia. (Nota do Tradutor).

¹¹ Kshatrya; o termo é sânscrito e designa a casta indiana dos guerreiros. (Nota do Tradutor)

¹² Nó Górdio; um nó, em uma corda, que é praticamente impossível de desatar, e que simboliza, portanto, um problema aparentemente sem solução. Uma alternativa que surge é “cortar o nó”, isto é, adotar uma medida radical e fora das regras convencionais. A expressão se refere a uma lenda segundo a qual Alexandre, o Grande, cortou o “nó Górdio” com sua espada. (Nota do Tradutor)

Em torno da primeira quarta parte deste século ¹³, apareceu no mundo um novo tipo de literatura que, a cada ano, se tornou mais bem definida em sua tendência. Sendo baseada, segundo ela própria afirma, nas pesquisas eruditas de especialistas em sânscrito e orientistas em geral, era considerada científica. Atribuiu-se às religiões, aos mitos e aos símbolos indianos, egípcios e de outros povos qualquer coisa que o especialista em símbolos quisesse ver neles, adotando-se, deste modo, a rudimentar forma *externa* ao invés do significado *interno*. Obras extremamente notáveis por suas hábeis deduções e especulações em círculo vicioso, com conclusões previamente determinadas trocando de lugar com as premissas, como nos silogismos de mais de um especialista em sânscrito e páli, apareceram em rápida sucessão e inundaram bibliotecas com dissertações mais dedicadas a religiosidades fálicas e sexuais do que à verdadeira simbologia, e cada uma contradizendo as outras.

Esta talvez seja a verdadeira razão pela qual o esboço de algumas verdades fundamentais da Doutrina Secreta das eras Arcaicas tem agora autorização para vir a público, depois de longos milênios do mais profundo silêncio e do mais profundo segredo. Digo de propósito “*algumas* verdades”, porque o que deve permanecer no silêncio não poderia ser dito ainda que escrevêssemos cem volumes, nem poderia ser transmitido às gerações atuais de saduceus.¹⁴ Mas mesmo o pouco que agora é dado ao público é melhor do que um completo silêncio sobre estas verdades de importância decisiva. O mundo de hoje, na sua corrida enlouquecida em direção ao desconhecido - algo que ele tende a confundir com o incognoscível sempre que o problema está além do alcance da ciência física - está progredindo rapidamente no plano material, o plano inverso ao da espiritualidade. Tornou-se agora uma vasta arena - um verdadeiro vale da discórdia e da eterna luta - uma necrópole em que estão enterradas as aspirações mais sagradas da nossa Alma Espiritual. A cada geração, esta alma se torna mais paralisada e atrofiada.¹⁵ Os “afáveis infieis e consumados libertinos da sociedade”, de que fala Greeley, dão pouca importância ao renascimento das ciências *mortas* do passado; mas há uma minoria expressiva de

¹³ “Deste século”; isto é, do século 19. (Nota do Tradutor)

¹⁴ Saduceus; sacerdotes profissionais das classes aristocráticas judaicas, no mundo antigo. Os saduceus defendiam a leitura literal da Bíblia judaica (conforme “*Webster Unabridged Encyclopedic Dictionary*”). Eles foram responsáveis pela morte de Jesus, segundo dizem as narrativas do Novo Testamento. Ver “*A Concise Encyclopedia of Christianity*”, by Geoffrey Parrinder, OneWorld, Oxford. (Nota do Tradutor)

¹⁵ “Alma se torna mais paralisada”. Ao escrever esta frase na década de 1880, o futuro diante de H. P. Blavatsky incluía o século vinte, com duas grandes guerras mundiais que iriam destruir uma e outra vez a Europa, além das bombas atômicas e da guerra fria que ameaçariam com a possibilidade de uma hecatombe capaz de aniquilar subitamente a população humana. Em relação ao século 20, a missão de H. P. B. visava, entre outras coisas, impedir o pior fortalecendo as bases da fraternidade universal. A missão teve êxito. A situação no século 21 é bem diferente. (Nota do Tradutor)

estudantes sérios que têm direito a aprender as poucas verdades que podem ser dadas a eles agora; e *agora* muito mais do que há dez anos atrás, quando “Ísis Sem Véu” foi publicada; ou mesmo do que quando apareceram outras tentativas - posteriores a “Ísis Sem Véu” - de explicar os mistérios da ciência esotérica.

Um dos maiores argumentos - e o mais sério deles - a serem usados contra o valor e a confiabilidade da obra diz respeito às ESTÂNCIAS preliminares: “Como é possível verificar as afirmações feitas nelas?” É verdade que, embora grande parte das obras sânscritas, chinesas, e mongóis citadas nos presentes volumes sejam conhecidas por alguns orientistas, a principal obra, da qual são reproduzidas as Estâncias, não está em poder de bibliotecas europeias. O Livro de Dzyan (ou “Dzan”) é completamente desconhecido dos nossos filólogos, ou, pelo menos, eles nunca ouviram falar dele com este nome. Isso, naturalmente, é um grande obstáculo para aqueles que seguem os métodos de pesquisa recomendados pela Ciência oficial; mas para os estudantes de Ocultismo e para todo Ocultista legítimo o fato terá pouca importância. A maior parte das Doutrinas divulgadas está espalhada por centenas e milhares de manuscritos sânscritos, alguns já traduzidos - e desfigurados como de costume em suas interpretações -; outros ainda esperando por sua vez. Todo estudioso tem, portanto, a possibilidade de verificar as afirmativas feitas aqui e de testar a maior parte das citações. Será difícil localizar a origem das referências a alguns fatos novos (*novos* apenas para o orientalista profano), e de algumas passagens reproduzidas dos Comentários. Além disso, vários dos ensinamentos foram transmitidos até agora oralmente; no entanto, mesmo estes são, todos, mencionados indiretamente nos volumes quase incontáveis das literaturas sagradas dos templos bramânicos, chineses e tibetanos.

Em todo caso, e sejam quais forem as críticas malévolas a serem feitas contra a redatora desta obra, há um fato inegável. Os membros de várias escolas esotéricas, cuja sede central está além dos Himalaias ¹⁶, e cujas ramificações podem ser encontradas na China, no Japão, na Índia, no Tibete e mesmo na Síria, além da América do Sul, afirmam ter em sua posse a *soma total* das obras sagradas e filosóficas, em volumes manuscritos e impressos; todas as obras, de fato, que já foram escritas, em quaisquer idiomas ou caracteres, desde que começou a arte de escrever, incluindo os hieróglifos ideográficos, o alfabeto de Cadmo ¹⁷, e o Devanagari ¹⁸.

¹⁶ Além dos Himalaias; isto é, ao Norte desta Cordilheira. (Nota do Tradutor)

¹⁷ Cadmo; na mitologia clássica, herói fenício que introduziu no mundo grego o alfabeto e a escrita. Fundou a cidade de Tebas. (Nota do Tradutor)

¹⁸ Devanagari; etimologicamente “A língua ou as letras dos devas (deuses)”. O alfabeto do idioma sânscrito. O mesmo alfabeto é usado para outros idiomas indianos, como o hindi. (Nota do Tradutor).

Tem sido afirmado ao longo do tempo que desde a destruição da Biblioteca de Alexandria (veja “Ísis Sem Véu”¹⁹, Ed. Pensamento, Vol. III, pp. 33-34) cada uma das obras cujo conteúdo poderia levar o profano a uma descoberta e uma compreensão nítidas de alguns dos mistérios da Ciência Secreta foi cuidadosamente localizado, graças aos esforços combinados dos membros das Fraternidades. Aqueles que sabem acrescentam, além disso, que, uma vez localizadas, três cópias de cada obra foram deixadas de lado e guardadas em segurança, e todas as outras foram destruídas. Na Índia, os últimos manuscritos preciosos foram reunidos e ocultados durante o reinado do imperador Akbar.²⁰

Afirma-se, além disso, que cada um dos livros sagrados desta categoria, cujo texto não estava suficientemente velado através de simbolismos, ou que fazia qualquer referência direta aos mistérios da antiguidade, foi cuidadosamente copiado em caracteres criptográficos, de modo a impossibilitar a sua leitura por parte até mesmo dos melhores e mais inteligentes paleógrafos, sendo depois também destruído até a última cópia. Durante o reinado de Akbar²¹, alguns fanáticos membros da corte, descontentes com o interesse pecaminoso do imperador por investigar a religião dos infieis, ajudaram, eles próprios, aos brâmanes no esforço de ocultar os seus manuscritos. Entre eles estava Badáoni, que sentia um *horror indistigável* diante da mania de Akbar em relação às religiões idólatras.²²

Além disso, em todas as lamaserías²³ grandes e ricas há galerias subterrâneas e *bibliotecas em cavernas*, cortadas na rocha, sempre que o *gonpa*²⁴ e o *lhakhang*²⁵

¹⁹ Na edição original; “Isis Unveiled”, H. P. Blavatsky, Theosophy Co., Los Angeles, volume II, p. 27. (Nota do Tradutor).

²⁰ O professor Max Müller mostra que nenhuma oferta de suborno ou ameaça feita por Akbar foi suficiente para obter dos brâmanes o texto original dos Vedas; e, afirma, orgulhosamente, que os orientistas europeus o possuem (*Palestras sobre “A Ciência da Religião”, Lectures on the “Science of Religion”*, p. 23). Que a Europa possua o *texto completo* é altamente duvidoso, e no futuro os orientistas podem ter surpresas muito desagradáveis. (Nota de H. P. Blavatsky)

²¹ Akbar era um imperador muçulmano, liberal e que estimulava as artes, a ciência e a literatura. (Nota do Tradutor)

²² Badáoni escreveu em seu *Muntakhab em Tawarikh*: “Sua Majestade gostava de investigações sobre as seitas destes infieis (que são tão numerosos que não podem ser contados, e possuem um número infindável de *livros de revelações*) Dado o fato de que eles (os Sramana e brâmanes) ultrapassam outros eruditos em seus tratados sobre moral e sobre ciências físicas e religiosas, e alcançam um alto grau de *conhecimento do futuro*, de poder espiritual e de perfeição humana, eles trouxeram provas baseadas na razão e em testemunhos e estabeleceram estas doutrinas de modo tão firme que já ninguém podia provocar uma só dúvida na consciência de Sua Majestade, ainda que montanhas se transformassem em pó ou o céu se abrisse ao meio.” Esta obra “foi mantida em segredo, e não foi publicada até o reinado de Jahangir.” (“Ain i Akbari”, tradução do Dr. Blockmann, p. 104, nota.) (Nota de H. P. Blavatsky)

²³ Lamaserías; monastérios dos lamas. (Nota do Tradutor)

estão situados em montanhas. Mais além do Tsaydam, nas passagens solitárias de *Kuen-lun*²⁶, há vários locais ocultos com estas características.²⁷ Ao longo da cordilheira de Altyn-Toga, cujo solo nenhum europeu jamais pisou até o momento, há uma certa aldeia perdida em um profundo desfiladeiro. É um pequeno agrupamento de casas, mais uma vila do que um monastério, com um templo de aparência pobre, e um velho lama, um eremita, que vive perto para cuidar dele. Os peregrinos dizem que as galerias e salões subterrâneos sob a aldeia contêm uma coleção de livros cujo número, de acordo com os informes dados, é tão grande que eles não poderiam ser alojados nem mesmo no Museu Britânico.²⁸

É muito provável que tudo isso cause um sorriso de dúvida. Mas antes de negar a autenticidade de tais relatos²⁹, o leitor deve fazer uma pausa e refletir sobre os

²⁴ Gonpa; palavra tibetana. Significa “monastério”. (Nota do Tradutor)

²⁵ Lhakhang; palavra tibetana. Significa templo, especialmente subterrâneo. (Nota do Tradutor)

²⁶ As montanhas Karakorum, na região ocidental do Tibete. (Nota de H. P. Blavatsky)

²⁷ Um Mestre de Sabedoria escreveu em 1880 sobre esta região dos Himalaias: “... Um dia destes, eu descia os desfiladeiros do Kouenlun - que vocês chamam Karakorum - e vi desabar uma avalanche. Eu tinha ido pessoalmente até o nosso chefe para submeter a ele a importante oferta do Sr. Hume, e estava cruzando o desfiladeiro em direção a Ladakh na volta para casa. (...) Exatamente quando eu estava desfrutando a tranquilidade impressionante que geralmente se segue a esse cataclisma (...) fui bruscamente chamado aos meus sentidos. (...)” (“**Cartas dos Mahatmas**”, Editora Teosófica, Brasília, 2001, Volume I, Carta 5, p. 54.) (Nota do Tradutor)

²⁸ De acordo com a mesma tradição, as regiões agora desoladas da terra seca de Tarim - um verdadeiro deserto no coração do Turquestão - estavam cobertas na antiguidade por cidades ricas e florescentes. Hoje em dia, só alguns poucos oásis verdes dão alívio à sua solidão sem vida. Um deles, surgido no sepulcro de uma vasta cidade engolida e encoberta pelo solo arenoso do deserto, não pertence a ninguém, mas é com frequência visitado por mongóis e budistas. A mesma tradição fala de imensos prédios subterrâneos, e de grandes corredores cheios de cerâmicas e cilindros. Pode ser que seja apenas um rumor sem fundamento. Talvez seja um fato real. (Nota de H. P. Blavatsky)

²⁹ Em “Cartas dos Mahatmas” há descrição de um dos refúgios usados pelos Mestres dos Himalaias. O raja-iogue escreve para um discípulo leigo inglês: “Em certo lugar que não pode ser mencionado a estranhos, existe um abismo, atravessado por uma frágil ponte de fibras entrelaçadas, com uma impetuosa correnteza em baixo. O mais intrépido membro dos seus clubes de alpinismo dificilmente ousaria aventurar-se a passá-la, porque a ponte está pendurada como uma teia de aranha e parece apodrecida e intransponível. E, no entanto, não é assim; e aquele que ousa enfrentar a prova e tem êxito - como o terá se for correto que ele tenha permissão - chega a um desfiladeiro cujo cenário é de uma beleza insuperável - a um dos *nossos* lugares, e a algumas pessoas *nossas*, algo em relação ao qual não há anotação ou registro entre geógrafos europeus. À distância do arremesso de uma pedra

seguintes fatos, que são bem conhecidos. As pesquisas coletivas dos orientalistas, e especialmente os esforços de anos recentes feitos por estudiosos de filologia comparada e da Ciência das Religiões, levaram à comprovação de que um número imenso, incalculável, de manuscritos, e mesmo de livros impressos *que se sabe que existiram, agora já não podem ser encontrados*. Eles desapareceram sem deixar o menor vestígio. Se fossem obras sem importância, poderiam ter sido deixados à mercê da destruição natural ao longo do tempo, e até os seus nomes teriam sido apagados da memória humana. Mas não é isso o que acontece, porque, como agora foi comprovado, a maior parte deles continha as verdadeiras chaves interpretativas de obras ainda existentes, e *inteiramente incompreensíveis* para a maior parte dos seus leitores, *sem estes volumes adicionais de Comentários e explicações*. Este é o caso, por exemplo, das obras de Lao-tzu, o predecessor de Confúcio.³⁰

Afirma-se que ele escreveu 930 livros sobre Ética e religiões, e *setenta* sobre magia, com *um total de mil*. Sua grande obra, no entanto, o *coração* da sua doutrina, o “Tao-te-King”, ou a sagrada escritura do *Tao-tzu*, possui, como mostra Stanislas Julien³¹, apenas “cerca de 5.000 palavras” (*Tao-te-King*, p. XXVII), não mais que uma dúzia de páginas; e no entanto o professor Max Muller considera que “o texto é ininteligível sem comentários, de modo que o Sr. Julien teve que consultar mais de sessenta comentadores para realizar a sua tradução”, o mais antigo dos quais é do ano 163 antes da era cristã, e *não antes*, como vemos. Durante os quatro séculos e meio que precederam *o mais antigo* dos comentadores houve tempo suficiente para que a verdadeira doutrina de Lao-tzu fosse velada para todos, com a exceção dos seus sacerdotes iniciados.³² Os japoneses, entre os quais encontramos hoje os mais eruditos sacerdotes e seguidores de Lao-tzu, simplesmente riem diante dos erros grosseiros e das hipóteses formuladas pelos especialistas europeus em cultura chinesa; e a tradição afirma que os comentários aos quais os sinólogos ocidentais têm acesso não são os registros *realmente ocultos*, mas apenas véus intencionais, e

desde o velho monastério de Lamas ergue-se a antiga torre dentro da qual surgiram gerações de *Bodhisatwas*. (...).” (“**Cartas dos Mahatmas**”, Volume I, Carta 29, pp. 153-154.) (Nota do Tradutor)

³⁰ “Se olharmos para a China, veremos que a religião de Confúcio se baseia nos cinco livros *King* e nos quatro livros *Shu*, eles próprios de uma extensão considerável e rodeados de volumosos Comentários, sem os quais nem mesmo o mais sábio dos eruditos tentaria explorar *as profundezas do seu cânone sagrado*.” (*Palestras sobre “A Ciência da Religião”, Lectures on the “Science of Religion”,* p. 185, Max Muller). Mas eles não as exploraram, e este é o motivo de um protesto por parte dos confucionistas, conforme reclamou um destacado erudito daquela corrente de pensamento, em Paris, em 1881. (Nota de H. P. Blavatsky)

³¹ O sinólogo Stanislas Julien (13 de Abril 1797 - 14 de Fevereiro de 1873) publicou sua versão do *Tao-te-King* em 1842, em francês. (Nota do Tradutor)

³² Sobre a importância da China para os Mestres de Sabedoria, cabe levar em conta estas palavras escritas por um deles a um discípulo leigo ocidental: “...Nós, do Tibete e da China...” (“**Cartas dos Mahatmas**”, Vol. II, Carta 136, p. 314.) Os Mestres não veem separação entre os dois países. (Nota do Tradutor)

que os verdadeiros comentários, assim como quase todos os textos, *desapareceram* há muito tempo dos olhos do profano.

Se observamos a literatura antiga das religiões semíticas, e a escritura dos caldeus, a irmã mais velha e instrutora (se não a fonte direta) da Bíblia de Moisés, que é por sua vez a base e o ponto inicial do cristianismo - quais são as descobertas dos eruditos? O que resta, atualmente, para perpetuar a memória das antigas religiões da Babilônia, para registrar o vasto ciclo de observações astronômicas dos magos caldeus, e para justificar a tradição da sua literatura esplêndida e notavelmente oculta? Apenas uns poucos fragmentos, que *são atribuídos* a Beroso.

Tais fragmentos, no entanto, são quase destituídos de valor, mesmo como uma pista que poderia indicar a natureza do que foi perdido, porque passaram pelas mãos do reverendo Bispo de Cesarea³³ - o auto-nomeado censor e editor dos documentos sagrados das religiões de outros povos - e sem dúvida têm até hoje a marca de suas mãos notavelmente verazes e confiáveis. Qual é a história deste tratado sobre aquela que foi a grande religião da Babilônia?

Ele foi escrito em grego por Beroso, um sacerdote do templo de Baal³⁴, para Alexandre o Grande, a partir dos registros astronômicos e cronológicos preservados pelos sacerdotes daquele templo, que cobriam um período de 200.000 anos. Agora está perdido. No século um antes da era cristã, Alexander Polyhistor fez uma série de transcrições parciais da obra - *também perdidas*. Eusébio usou estas transcrições ao escrever sua *Chronicon* (270-340, era cristã). Os pontos de semelhança - quase identidade - entre as escrituras judaicas e caldaicas³⁵ tornaram estas últimas³⁶ extremamente perigosas para Eusébio, em seu papel de defensor e proclamador da nova fé que havia adotado as escrituras judaicas, e que havia adotado, com elas, uma cronologia absurda. Está confirmado que Eusébio não preservou as Tabelas Sincrônicas Egípcias, de Manetho³⁷, e tanto é assim que Bunsen³⁸ o acusa de

³³ Cesarea; cidade fundada por Herodes no século um antes da era cristã, e situada no atual território de Israel. (Nota do Tradutor)

³⁴ Baal; “Belus” em latim. Divindade babilônica e do primeiro período da história judaica, mais tarde transformada em “demônio”. (Nota do Tradutor)

³⁵ Algo que foi descoberto só *agora*, através das descobertas feitas por George Smith (veja-se o seu livro “Chaldean Account of Genesis”), e que, graças a este falsificador armênio, enganou a todas as *nações civilizadas* durante mais de 1500 anos, fazendo com que elas aceitassem os relatos judaicos como *Revelação Divina direta!* (Nota de H. P. Blavatsky)

³⁶ A edição de 1876 do livro “**Chaldean Account of Genesis**”, de George Smith - citada por H. P. B. na nota imediatamente anterior a esta - foi reeditada em 1994 por Wizards Bookshelf, de San Diego, Califórnia, em 1994. A edição é facsimilar e tem 320 pp., incluindo um índice remissivo. (Nota do Tradutor)

³⁷ Manetho, ou Maneton; historiador egípcio antigo. (Nota do Tradutor)

mutilar a história de modo extremamente inescrupuloso. E tanto Sócrates, um historiador do século cinco, como Syncellus, vice-patriarca de Constantinopla (século oito), o denunciavam como o mais audaz e desesperado falsificador.

Será então provável que ele tenha tratado com mais respeito os documentos caldeus, que já estavam ameaçando a nova religião - aceita de modo tão apressado?

De modo que, com a exceção destes fragmentos mais do que duvidosos, toda a literatura sagrada dos caldeus desapareceu dos olhos do profano tão completamente quanto a perdida Atlântida. Alguns fatos que fazem parte da História escrita por Beroso são dados na parte II do volume II da presente obra, e podem lançar alguma luz sobre a verdadeira origem dos Anjos Caídos, personificados por Bel³⁹ e pelo Dragão.

Examinando agora a literatura ariana mais antiga, o Rig-Veda, se o estudante seguir estritamente os dados fornecidos pelos próprios orientistas citados acima, verá que embora o Rig-Veda contenha apenas “cerca de 10.580 versos, e 1.028 hinos”, e apesar dos Brahmanas⁴⁰ e da massa de interpretações e comentários, ele até hoje não é compreendido corretamente. Qual é a razão disso? Evidentemente, isso ocorre porque os próprios Brahmanas, “os tratados escolásticos e mais antigos dos hinos primitivos”, *requerem também uma chave interpretativa*, a que os orientistas não tiveram acesso.

O que dizem sobre a literatura budista os eruditos? Será que eles a possuem toda e completa? Seguramente não. Apesar dos 325 volumes do *Kanjur* e do *Tanjur* dos budistas do norte - dos quais cada volume, conforme nos é dito, “pesa entre meio quilo e dois quilos e meio” - nada, na verdade, é conhecido sobre o lamaísmo. No entanto, considera-se que o cânone sagrado dos templos do Sul contém 29.368.000 letras no Saddharma alankâra⁴¹, ou, sem contar tratados e comentários, “cinco ou seis vezes mais que a Bíblia”, já que esta última, segundo as palavras do professor Max Müller, tem apenas 3.567.180 letras. Apesar, portanto, destes “325 volumes” (*na realidade*, são 333 volumes, com o *Kanjur* possuindo 108, e o *Tanjur* 225 volumes), “os tradutores, ao invés de fornecer-nos versões corretas, intercalaram nas obras os seus próprios comentários, com a intenção de justificar as doutrinas das

³⁸ “Egypt’s Place in History”, Bunsen, vol. I, p. 200. (Nota de H.P. Blavatsky)

³⁹ Bel; uma variante do nome Baal. Ver nota algumas linhas acima. (Nota do Tradutor)

⁴⁰ Brahmanas; literalmente “que pertencem aos brâmanes”. Textos compostos por, e para, os brâmanes. Parte dos Vedas que ensina aos brâmanes sobre o uso dos hinos. (“A Classical Dictionary of Hindu Mythology”, John Dowson, Munshiram Manoharlal Publishers, New Delhi, India, 1973). Os Brahmanas contêm instruções para os iniciados. (“Theosophical Glossary”, Theosophy Co.) (Nota do Tradutor)

⁴¹ Spence Hardy, “The Legends and Theories of the Buddhists”, p. 66. (Nota de H. P. Blavatsky).

suas várias escolas.⁴² Além disso, “de acordo com uma tradição preservada pelas escolas budistas tanto do Sul como do Norte, o cânone sagrado budista incluía inicialmente 80.000 ou 84.000 tratados, *mas a maior parte deles foi perdida*, de modo que permaneceram apenas 6.000”, diz o professor ao seu público. Foram “perdidas”, como de costume, para os europeus. Mas quem pode ter certeza de que elas estão perdidas também para os budistas e os brâmanes?

Considerando o caráter sagrado que os budistas atribuem a cada linha escrita sobre Buddha ou sua “Boa Lei”, a perda de cerca de 76.000 *tratados* parece miraculosa⁴³. Se fosse *o contrário*, qualquer um que conheça o curso natural dos fatos aceitaria a afirmação de que, destes 76.000, cinco ou seis mil tratados *poderiam ter sido* destruídos durante as perseguições na Índia e a emigração daquele país. Mas como está bem estabelecido que os Arhats budistas começaram o seu êxodo religioso para propagar a nova fé além de Caxemira e dos Himalaias já no ano 300 antes da era atual⁴⁴, e que eles chegaram à China no ano 61 da era cristã⁴⁵, quando Kashyapa, convidado pelo imperador Ming-ti, foi até lá para familiarizar o “Filho do Céu” com as doutrinas budistas, parece estranho ouvir os orientalistas falarem de uma tal perda como se ela fosse realmente possível. Eles parecem não admitir nem por um momento a possibilidade de que os textos estejam *perdidos* apenas para o Ocidente e para *eles próprios*; ou de que o povo asiático possa ter a audácia, quase inimaginável, de manter os seus textos mais sagrados fora do alcance dos estrangeiros, recusando-se assim a entregá-los para a profanação e o uso inadequado por parte de povos tão “vastamente superiores” a eles.

Devido às lamentações feitas e às numerosas confissões de parte de quase todos os orientalistas (veja-se, por exemplo, as “Lectures” [“*Palestras*”] de Max Müller) o público pode ter certeza de que, (a) os estudantes de religiões antigas têm na verdade informações excessivamente escassas para construir conclusões finais, como geralmente fazem, em relação às religiões antigas; e (b) esta falta de dados não impede de modo algum que eles sejam dogmáticos a esse respeito. Poderíamos pensar que, graças aos numerosos registros da teogonia e mistérios egípcios ainda preservados nos clássicos, e em um bom número de obras dos escritores antigos, pelo menos os ritos e as doutrinas do Egito dos faraós deveriam estar bem compreendidos; e melhor compreendidos, pelo menos, do que as filosofias e o

⁴² “Buddhism in Tibet”, p. 78. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁴³ H. P. B. está mencionando aqui um número médio. A estimativa do número de tratados oscila entre os extremos de 80.000 e 84.000. No caso do número menor, 80.000 menos 6.000 textos que foram preservados seriam 74.000. Na outra ponta, 84.000 menos 6.000 preservados são 78.000. A média entre 74.000 e 78.000 é 76.000. (Nota do Tradutor)

⁴⁴ Lassen (“Ind. Althetsumkunde”, vol. II, p. 1072) mostra um monastério budista construído na serra de Kailas no ano de 137 antes da era cristã; e o general Cunningham menciona data anterior a esta. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁴⁵ Reverendo T. Edkins, “Chinese Buddhism”. (Nota de H. P. Blavatsky)

panteísmo abstrusos da Índia, de cuja religião e idioma a Europa dificilmente tinha alguma ideia antes do começo do século atual.⁴⁶ Ao longo do Nilo e de todo o país, existem até agora e são exumadas a cada ano e todos os dias novas relíquias que contam com eloquência a sua própria história. Apesar disso, a compreensão não ocorre. O próprio filólogo erudito de Oxford confessa a verdade ao dizer: “Embora (.....) tenhamos ainda erguidas as pirâmides e as ruínas de templos e labirintos, com suas paredes cobertas de inscrições hieroglíficas e estranhas pinturas de deuses e deusas (.....) Em rolos de papiros que parecem desafiar a passagem do tempo, temos até fragmentos do que podemos chamar de livros sagrados dos antigos egípcios; e no entanto, apesar de muitos dos antigos registros desta raça misteriosa terem sido decifrados, a tendência dominante da religião do Egito e a intenção original da sua adoração cerimonial *estão longe de serem completamente* compreendidas por nós.”⁴⁷ Neste caso, novamente, os misteriosos documentos em hieróglifos permanecem, mas desapareceram as chaves indispensáveis para que eles sejam inteligíveis.

No entanto, tendo descoberto que “há uma conexão natural entre a língua e a religião”, e, em segundo lugar, que houve uma religião ariana *comum* antes da separação da raça ariana; uma religião semítica *comum* antes da separação da raça semítica; e uma religião turaniana⁴⁸ *comum* antes da separação dos chineses e das outras tribos pertencentes ao grupo turaniano; e tendo, na realidade, descoberto apenas “três centros antigos de religião” e “três centros lingüísticos”, e embora ignore tudo sobre aquelas religiões e línguas primitivas, o professor não hesita ao declarar que “foi obtida uma *base verdadeiramente histórica* para um enfoque científico daquelas primeiras religiões do mundo!”

Um “enfoque científico” sobre um assunto não garante que haja uma “base histórica”; e com dados disponíveis tão escassos, nenhum filólogo, nem sequer entre os mais eminentes, tem condições de apresentar suas próprias conclusões como fatos *históricos*. Sem dúvida, o eminente orientalista comprovou diante do mundo que, de acordo com a lei das regras fonéticas formuladas por Grimm, Odin e o Buddha eram dois personagens diferentes, bastante diferentes um do outro; e ele demonstrou isso *cientificamente*. No entanto, quando ele aproveita a oportunidade para acrescentar que Odin “foi adorado como divindade suprema *durante um período muito anterior à época dos Vedas* e de Homero” (*Comp. Theol.*, p. 318), diz isso sem a menor

⁴⁶ “Século atual”; século 19. (Nota do Tradutor)

⁴⁷ Nossos maiores egiptólogos sabem tão pouco dos ritos funerários dos egípcios e das marcas externas diferenciando o sexo das múmias, que cometem erros ridículos. Um ou dois anos atrás, um equívoco deste tipo foi descoberto em Boulaq, no Cairo. A múmia, segundo se pensava, da esposa de um faraó sem importância, foi identificada, afinal - graças a uma inscrição descoberta em um amuleto pendurado ao seu pescoço - como sendo a múmia de Sesostris, o maior rei do Egito! (Nota de H. P. Blavatsky)

⁴⁸ Turaniana, turaniano; relativo aos povos do sul da Rússia e do Turquestão, e com traços mongólicos. (Nota do Tradutor)

“base *histórica*”. Ele trata a *história* e os *fatos* como se estivessem a serviço das suas próprias conclusões, o que pode ser muito “científico”, do ponto de vista dos estudiosos de temas orientais, mas fica extremamente longe da verdade dos fatos. No caso dos Vedas, as visões contraditórias sobre a questão cronológica, defendidas pelos vários eminentes orientistas e filólogos desde Martin Haug até o próprio Sr. Max Muller, são uma prova evidente de que a afirmação não tem base *histórica*, e que a suposta “evidência interna”, ao invés de ser um farol confiável por cuja luz alguém pode orientar-se, é frequentemente como uma abóbora iluminada do dia das bruxas ⁴⁹. A Ciência da moderna Mitologia Comparada tampouco tem qualquer prova melhor para mostrar que os doutos escritores que insistiram ao longo dos últimos cem anos, mais ou menos, que deve ter havido “fragmentos de uma revelação primitiva, dada aos ancestrais de toda raça humana (.....) preservados nos templos da Grécia e Itália”, estavam inteiramente errados. Porque é isso que todos os Iniciados e pândits ⁵⁰ Orientais têm estado dizendo ao mundo de tempos em tempos. Um destacado sacerdote cingalês ⁵¹ assegurou à autora ser um fato bem conhecido que os tratados budistas mais importantes, pertencentes ao cânone sagrado, estavam guardados à parte *em países e lugares inacessíveis aos pândits europeus*. O falecido Swami Dayanand Sarasvati, o maior sanscritista da Índia em sua época, disse a mesma coisa a alguns membros da Sociedade Teosófica, com relação a antigas obras bramânicas. Quando foi dito a ele que o professor Max Müller havia declarado ao público das suas “Palestras” que as teorias (.....) “segundo as quais *havia uma revelação primitiva e sobrenatural*, dada aos pais da raça humana, tem o apoio de poucos atualmente”, - o homem santo e sábio riu. Sua resposta foi significativa. “Se o Sr. *Moksh Mooler*”, era assim que ele pronunciava o nome, “fosse um brâmane e viesse falar comigo, eu poderia levá-lo a uma caverna *gupta* (uma cripta secreta) perto de Okhee Math, nos Himalaias, onde ele não demoraria muito para descobrir que tudo aquilo que cruzou o *Kalapani* (as águas escuras do oceano) desde a Índia até a Europa foram só *pedaços de cópias descartadas de algumas passagens dos nossos livros sagrados*. Um dia *existiu* e ainda existe uma ‘primitiva revelação’; ela jamais se perderá, e irá reaparecer; embora os Mlechchhas ⁵² tenham, é claro, que esperar.”

⁴⁹ Abóbora iluminada, *Jack-o'-lantern*, no original em inglês. Referência à abóbora iluminada usada no dia das bruxas, ou Halloween. Em Portugal, o enfeite é chamado de *coca*. (Nota do Tradutor)

⁵⁰ Pândits; do sânscrito, “eruditos”. (Nota do Tradutor)

⁵¹ Cingalês; nativo do Ceilão, atual Sri Lanka. (Nota do Tradutor)

⁵² Mlechchhas; poucas páginas mais adiante, na p. xxxiv do original em inglês, H.P. Blavatsky traduz o termo “Mlechchhas” como “párias, selvagens, aqueles que estão fora da civilização Ária”. (Nota do Tradutor)

Diante de novas perguntas sobre este ponto, ele nada respondeu. Isso ocorreu em Meerut ⁵³, em 1880. Sem dúvida foi cruel o embuste que os brâmanes aplicaram em Calcutá no século passado ao coronel Wilford e ao Sir William Jones. Mas foi merecido, e a culpa naquele episódio cabe apenas aos próprios Missionários e ao coronel Wilford. Os missionários, com base no testemunho do próprio Sir William Jones (ver *Asiat. Res.*, Vol. I, p. 272), foram suficientemente tolos para sustentar a ideia de que “os hindus mesmo hoje em dia são quase cristãos, porque o seu Brahmâ, Vishnu e Mahesa são nada mais e nada menos que a trindade cristã”. ⁵⁴ Foi uma boa lição. O fato fez com que os eruditos orientalistas ficassem duplamente cautelosos. Mas talvez isso os tenha tornado também excessivamente tímidos, e pode ser que tenha feito, como reação, com que o pêndulo das conclusões abandonadas se inclinasse demasiado para o outro lado. Porque aquele “primeiro acesso ao mercado bramânico”, feito pelo coronel Wilford, agora criou uma necessidade e um desejo evidentes, nos orientalistas, de declararem quase todos os manuscritos sânscritos arcaicos como textos tão modernos quanto o adequado para que seja dada uma oportunidade aos missionários. O fato de que estes últimos aproveitam tais oportunidades até o limite máximo das suas capacidades mentais é demonstrado pelas tentativas absurdas dos missionários no sentido de provar que toda a história purânica sobre Krishna foi *plagiada da Bíblia pelos brâmanes!* Mas os fatos citados pelo professor de Oxford em suas Palestras sobre a “Ciência da Religião”, e que se referem às agora famosas interpolações feitas para o benefício e a tristeza do Cel. Wilford, não interferem de modo algum com as conclusões a que deve chegar inevitavelmente alguém que estuda a Doutrina Secreta. Porque, se os resultados mostram que nem o *Novo* nem o *Velho* Testamento pegaram nada emprestado da religião mais antiga dos brâmanes e dos budistas, isso não significa que os judeus não obtiveram tudo o que sabiam dos documentos caldaicos, estes últimos tendo sido mutilados mais tarde por Eusébio. Quanto aos caldeus, eles obtiveram sem dúvida alguma o seu conhecimento original com os brâmanes. Rawlinson mostra uma influência inegavelmente védica na mitologia mais antiga da Babilônia; e o coronel Vans Kennedy há muito tempo declarou corretamente que a Babilônia foi, desde a sua origem, um local da sabedoria sânscrita e brãmene. Mas todas estas provas devem perder valor, devido à última teoria produzida pelo Prof. Max Müller. Todos sabem do que se trata. O código das leis fonéticas se tornou agora um solvente universal para toda identificação e “ligação” entre os deuses das muitas nações. Assim, embora a mãe de Mercúrio (Budha, Thot-Hermes, etc.) fosse Maia, a mãe de Buddha (Gautama), sendo também Mâyâ; e embora a mãe de Jesus fosse igualmente Maya (ilusão, porque Maria é *Mare*, o Mar, a grande ilusão simbolicamente) -, ainda assim, estes três personagens não estão conectados, nem

⁵³ Meerut; cidade situada no Estado indiano de Uttar Pradesh. Fica a 70 quilômetros da capital da Índia, Nova Delhi. Meerut é uma cidade antiga. (Nota do Tradutor)

⁵⁴ Veja “Introduction to the Science of Religion” (“Introdução à Ciência da Religião”), de Max Müller, palestra “Sobre Falsas Analogias em Teologia Comparada”, pp. 288 e 296 e pp. seguintes. Isso tem relação com a habilidosa falsificação (em folhas inseridas em velhos manuscritos purânicos), em idioma sânscrito correto e arcaico, de tudo aquilo que os pândits do Cel. Wilford haviam escutado dele sobre Adão e Abrahão, Noé e os seus três filhos, etc., etc. (Nota de H. P. Blavatsky)

podem ter qualquer ligação, desde que Bopp “estabeleceu seu código de leis fonéticas”.

Nos seus esforços para reunir os muitos fios da história não-escrita, foi um passo audacioso da parte dos nossos orientalistas a negação, *a priori*, de tudo o que não seja compatível com as suas conclusões específicas. Assim, enquanto a cada dia são feitas novas descobertas sobre grandes artes e ciências que existiram em momentos situados muito longe na noite do tempo, até o conhecimento da escrita é recusado a algumas das nações mais antigas, e atribui-se a elas barbarismo, ao invés de cultura. No entanto, os vestígios de uma imensa civilização, mesmo na Ásia Central, ainda são encontrados. Esta civilização é inegavelmente *pré-histórica*. E como poderia haver uma civilização sem forma alguma de literatura, sem anais ou crônicas? O simples bom senso deveria ser suficiente para suplementar os elos perdidos da história das nações que já não existem mais. O muro gigantesco e ininterrupto de montanhas que cerca o planalto do Tibete, desde o curso superior do rio Khuan-Khé até as montanhas Kara-Korum foi testemunha de uma civilização durante milhares de anos e teria estranhos segredos a contar para a humanidade. As porções oriental e central destas regiões - a Nan-Schayn e a Altyne-taga - estiveram em certa época cobertas de cidades que bem poderiam competir com as da Babilônia. Todo um período geológico passou pela terra desde que aquelas cidades deixaram de viver, conforme comprovam os pequenos morros de areia em movimento, e o solo estéril, e agora morto, das imensas planícies centrais da bacia do Tarim. Só as suas zonas de fronteira são conhecidas, e superficialmente, pelo viajante. Nestas planícies arenosas há água, e são encontrados, nelas, oásis plenos de vida que nenhum europeu jamais pisou, e cujo solo agora é traiçoeiro. Entre estes oásis verdejantes há alguns que são inteiramente inacessíveis mesmo para o trabalhador profano nativo. Furacões podem “mudar as areias de lugar e levar para longe planícies inteiras”; mas eles não têm o poder de destruir o que está além do seu alcance. Construídos em níveis profundos da Terra, os depósitos subterrâneos estão seguros. E como as entradas para eles estão escondidas nestes oásis, não há perigo de que alguém possa descobri-los, ainda que vários exércitos invadissem as áreas abandonadas e arenosas onde -

“Nenhum pequeno lago, arbusto algum, casa nenhuma são vistos,
E a cordilheira rodeia como um biombo irregular
As planícies ressequidas do deserto sem umidade alguma ...”

Mas não é necessário que o leitor atravessasse este deserto, porque as mesmas provas de civilizações antigas podem ser encontradas em regiões relativamente populosas do mesmo país. O oásis de Tchertchen, por exemplo, situado cerca de 1.330 metros acima do nível do rio Tchertchen-D'arya, está rodeado em todos os lados pelas ruínas de cidades antigas. Ali, cerca de 3.000 seres humanos são os remanescentes de cerca de uma centena de raças e nações, e até os nomes destes povos são desconhecidos dos nossos etnólogos. Um antropólogo se sentiria mais do que perplexo se quisesse classificar, dividir e subdividir tais nações; especialmente porque, como se tivessem caído da lua, os respectivos descendentes destas raças e tribos *antediluvianas* desconhecem os seus próprios ancestrais. Quando questionados sobre sua origem, respondem que não sabem de onde vieram seus

ancestrais, mas que ouviram dizer que as suas *primeiras* gerações (as mais antigas) eram governadas pelos grandes espíritos destes desertos. Isso pode ser atribuído à ignorância e à superstição; mas, tendo em vista os ensinamentos da Doutrina Secreta, esta resposta pode estar baseada na tradição primitiva. Apenas a tribo de Khorassan alega ter vindo do que agora se conhece como Afeganistão, muito antes da época de Alexandre, e traz conhecimentos lendários que corroboram esta afirmativa. Um viajante russo, o coronel (agora general) Prjevalsky, encontrou perto do oásis de Tchertchen as ruínas de duas cidades enormes, a mais velha das quais, de acordo com a tradição local, foi arruinada por um herói gigante; e a outra foi destruída pelos mongóis no século 10 da era atual. “Devido à movimentação das areias e ao vento do deserto, o local das duas cidades está agora encoberto por relíquias estranhas e heterogêneas, inclusive louça quebrada, utensílios de cozinha e ossos humanos. Os nativos frequentemente encontram moedas de cobre e ouro, prata fundida, lingotes, diamantes e turquesas, e o que é mais interessante, vidro quebrado.....”. “Caixões funerários feitos de alguma madeira perene, e também material com corpos embalsamados e bem conservados As múmias masculinas são todas de homens extremamente altos, fortes, com longos cabelos ondulados Foi encontrada uma galeria com doze homens mortos *sentados*. Em outra ocasião, em uma urna funerária separada, encontramos uma mulher jovem. Seus olhos estavam fechados com discos dourados, e as mandíbulas eram mantidas firmes graças a uma espécie de diadema de ouro que ia desde abaixo do seu queixo até o topo da cabeça. Estava vestida com uma roupa de lã estreita, com o peito coberto de estrelas douradas, e os pés permaneciam desnudos.” (De uma palestra de N. M. Prjevalsky.) A isso, o famoso viajante acrescenta que ao longo de toda a sua jornada pelo rio Tchertchen ele e seus companheiros de viagem ouviram lendas sobre vinte e três cidades que foram enterradas, eras atrás, pelas mutáveis areias do deserto. A mesma tradição existe no Lob-nor e no oásis de Kerya.

Os vestígios desta civilização e outras tradições semelhantes nos levam a acreditar nos conhecimentos lendários, aceitos por eruditos da Índia e da Mongólia, segundo os quais há imensas bibliotecas resgatadas das areias, cuidadosamente preservadas junto com várias relíquias dos antigos conhecimentos MÁGICOS.

Recapitulemos. A Doutrina Secreta foi a religião universalmente propagada no mundo antigo e pré-histórico. As provas da sua difusão, os registros autênticos da sua história, e um conjunto completo de documentos mostrando o seu caráter e sua presença em todas as nações, junto com o ensinamento de todos os grandes adeptos, existem até hoje nas criptas secretas das bibliotecas que pertencem à Fraternidade Oculta.

Esta afirmativa se torna mais aceitável se levarmos em conta os seguintes fatos: a tradição segundo a qual milhares de antigos pergaminhos foram salvos quando a biblioteca de Alexandria foi destruída; os milhares de obras sânscritas que desapareceram na Índia durante o reinado de Akbar; a tradição universal, na China e no Japão, segundo a qual os verdadeiros textos antigos, com os comentários indispensáveis para a sua compreensão e somando muitos milhares de volumes, foram retirados há longo tempo do alcance de mãos profanas; a desapareição da vasta

literatura oculta e sagrada da Babilônia; a perda das chaves indispensáveis para a solução de milhares de enigmas apresentados pelos registros hieroglíficos do Egito; a tradição na Índia segundo a qual os verdadeiros comentários secretos imprescindíveis para que o Veda seja compreendido, embora já não visíveis para olhos profanos, ainda permanecem ao alcance do iniciado, ocultos em cavernas e criptas secretas; e uma crença idêntica entre os budistas, com relação aos seus próprios livros secretos.

Os Ocultistas afirmam que todas estas obras existem e permanecerão em segurança, fora do alcance das mãos saqueadoras do Ocidente, até uma era mais iluminada, pela qual, segundo as palavras do Swami Dayanand Sarasvati, “os Mlechchhas (párias, selvagens, aqueles que estão fora da civilização Ária) terão de esperar”.

Porque não é por culpa dos iniciados que estes documentos estão agora “perdidos” para o profano. As normas adotadas por eles a este respeito não foram ditadas por um sentimento de egoísmo, ou por algum desejo de monopolizar o conhecimento sagrado que é fonte de vida. Houve porções da Ciência Secreta que tiveram que ficar afastadas do olhar profano durante eras incalculáveis, mas isso ocorreu porque transmitir segredos de tamanha importância para multidões despreparadas seria o mesmo que dar a uma criança uma vela acesa em um paiol cheio de pólvora.

Uma pergunta surge frequentemente nas mentes dos estudantes, quando são feitas afirmações como esta, e cabe esboçar uma resposta.

“Podemos entender”, dizem eles, “a necessidade de esconder da multidão segredos tais como o Vril⁵⁵, a força que destrói rochas, descoberta por J. W. Keeley, da Filadélfia. Mas não podemos compreender que haja qualquer perigo na revelação de uma doutrina tão puramente filosófica como a evolução das cadeias planetárias.”

O perigo era o seguinte: doutrinas como a das cadeias planetárias, ou a das sete raças, dão de imediato uma indicação sobre a natureza setenária do ser humano, porque cada princípio tem uma correlação com um plano, um planeta, e uma raça; e os princípios humanos estão, em cada plano, correlacionados a forças ocultas setenárias, das quais, as que operam nos planos mais elevados dispõem de um poder tremendo. De modo que toda divisão setenária dá imediatamente uma pista na direção de poderes ocultos tremendos. O abuso destes poderes causaria uma desgraça incalculável para a humanidade. Esta talvez não seja uma pista para a geração atual⁵⁶ - especialmente no Ocidente. Ela está protegida pela sua própria

⁵⁵ Vril; força sutil que rompe os muros do mundo físico e é usada pela humanidade no romance póstumo de Sir Edward Bulwer-Lytton “**The Coming Race**” (“**A Próxima Raça**”). Tem relação com o poder do som. A atual energia atômica é uma expressão grosseira da mesma energia. (Nota do Tradutor)

⁵⁶ Geração atual; como “A Doutrina Secreta” foi publicada em 1888, a expressão “geração atual” inclui até o início do século vinte. No plano físico, na década de 1930 começou a corrida atômica entre a Alemanha nazista e os países democráticos. Em 1945, bombas

cegueira e sua descrença materialista e ignorante em relação ao que é oculto; mas trata-se de uma pista, mesmo assim, que teria sido, no entanto, muito real nos primeiros séculos da era cristã, para pessoas profundamente convictas da realidade do ocultismo, vivendo no início de uma era de degradação, que os tornava vulneráveis ao abuso de poderes ocultos e à feitiçaria do pior tipo.

Os documentos foram ocultados, é verdade, mas a existência deste conhecimento nunca foi tratada como um segredo pelos Hierofantes do Templo, no qual os MISTÉRIOS têm sido sempre uma disciplina e um estímulo à virtude. A notícia deste conhecimento é muito antiga, e foi divulgada repetidamente pelos grandes adeptos, desde Pitágoras e Platão até os neoplatônicos. Foi a nova religião dos nazarenos que provocou uma mudança para o pior ao longo dos séculos.

Além disso, há um fato bastante conhecido e curioso, confirmado para esta redatora por um respeitável cidadão que esteve vinculado durante anos a uma embaixada russa. Vários documentos guardados nas Bibliotecas Imperiais de São Petersburgo demonstram que, mesmo em um período tão recente quanto os dias em que a maçonaria florescia sem restrições na Rússia, isto é, no final do último século e princípio do século atual ⁵⁷, mais de um místico russo viajou até o Tibete através dos Urais⁵⁸, em busca de conhecimento e iniciação *nas criptas desconhecidas da Ásia Central*. E mais de um deles voltou, anos depois, com um generoso estoque de informações que jamais poderiam ser adquiridas na Europa. Vários exemplos poderiam ser citados, e nomes bem conhecidos seriam divulgados se tal publicidade não fosse causar perturbação aos parentes, que ainda vivem, de tais iniciados. Que seja feita uma pesquisa nos anais e na história da franco-maçonaria nos arquivos da metrópole russa, e esta afirmação será confirmada.

Esta é uma corroboração de algo que já foi dito muitas vezes antes, infelizmente de modo imprudente. Ao invés de beneficiar a humanidade, as violentas acusações de invenção deliberada e falsificação, feitas contra quem divulgava um fato verdadeiro embora pouco conhecido, geraram mau Carma para os injuriadores. Mas agora a divulgação é um fato consumado e a verdade não deve mais ser negada, sejam quais forem as consequências. “Esta é uma nova religião?” - pode-se perguntar. De modo

atômicas dos Estados Unidos destruíram Hiroshima e Nagasaki. No plano mental, na mesma década de 1930, o nazismo desenvolveu novas técnicas de propaganda subliminar e semi-hipnótica, capazes de controlar a consciência de populações inteiras através de fatores subconscientes. Estas técnicas de manipulação foram em grande parte absorvidas e incorporadas ao mundo democrático depois da segunda guerra mundial, e são hoje usadas como táticas de propaganda para fins comerciais ou políticos. No século 21, ocorrem também outras formas de despertar das forças mentais. Graças à boa lei do carma, quando elas são colocadas a serviço do egoísmo, o resultado é desastroso. (Nota do Tradutor)

⁵⁷ Isto é, final do século 18 e começo do século 19. (Nota do Tradutor)

⁵⁸ Montes Urais; cadeia de montanhas que forma uma fronteira natural entre a Europa e a Ásia. (Nota do Tradutor)

algum. Não é uma *religião*, nem é uma filosofia *nova*; porque, como já foi dito, ela é tão antiga quanto o ser humano pensante. Os seus princípios não são publicados agora pela primeira vez, e foram cautelosamente divulgados, e ensinados, por mais de um Iniciado Europeu - especialmente por Ragon.⁵⁹

Mais de um grande erudito já afirmou que nenhum fundador de religião, seja ariano, semita ou turaniano, jamais *inventou* uma religião nova, ou revelou uma verdade nova. Todos os fundadores foram *transmissores* e não professores originais. Foram autores de novas formas e interpretações; mas as verdades sobre as quais estas se baseavam eram tão antigas quanto a humanidade. Eles selecionavam uma ou mais grandes verdades - reais e visíveis apenas para um verdadeiro sábio e vidente. Eles as destacavam das muitas verdades reveladas à humanidade no começo, e que foram preservadas e perpetuadas nos *áditos*⁶⁰ dos templos através da iniciação, durante os MISTÉRIOS e através de transmissão pessoal. E então eles ensinavam estas verdades às massas. Assim, cada nação recebeu por sua vez uma ou outra destas verdades sob o véu do seu próprio simbolismo local e específico. À medida que o tempo passava, surgia um culto mais ou menos filosófico, um panteão sob a forma de mitos. Deste modo, Confúcio, um legislador muito antigo na cronologia histórica, mas um Sábio bastante moderno na História do Mundo, é apresentado pelo Dr. Legge⁶¹ como “enfaticamente um transmissor, não um produtor”. E o Dr. Legge transcreve estas palavras de Confúcio: “Eu só passo adiante; não crio coisas novas. Acredito nos antigos e portanto sou amigo deles.”⁶² (Citado em “Science of Religions” - “A Ciência das Religiões” - de Max Müller.)

Esta escritora também é amiga dos antigos, e portanto acredita neles, assim como nos herdeiros modernos da antiga Sabedoria. E, como acredita em ambos, ela transmite o que recebeu e aprendeu a todos os que o aceitarem. Quanto àqueles que irão rejeitar o testemunho dela - isto é, a grande maioria - ela não atribuirá a eles má intenção, porque eles estarão tão corretos à sua própria maneira, ao negar, quanto ela estará correta ao afirmar, já que eles e ela olham para a VERDADE desde dois pontos de vista inteiramente diferentes. De acordo com as regras do conhecimento crítico acadêmico, o orientalista deve rejeitar *a priori* qualquer evidência que não puder verificar completamente por si mesmo. E como poderia um erudito ocidental aceitar por ouvir dizer algo sobre o qual não sabe coisa alguma? De fato, o que é dado nestes volumes é selecionado a partir tanto de ensinamentos *orais* quanto de

⁵⁹ Ragon; o pensador J. M. Ragon nasceu em 25 de fevereiro de 1781 e viveu até 1866. No volume II da edição original em inglês da presente obra, H. P. B. menciona o fato de que Ragon fundou a famosa sociedade maçônica dos Trinosofistas (p.575). J. M. Ragon escreveu numerosas obras, entre elas “Maçonnerie Occulte”. (Nota do Tradutor)

⁶⁰ Áditos; câmaras secretas nos templos antigos. (Nota do Tradutor)

⁶¹ “Lun-Yu” (“Analectos”), parágrafo 1, A, Schott, “Chinesische Literatur”, p. 7. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁶² “Life of Confucius”, p. 96. (Nota de H. P. Blavatsky)

ensinamentos escritos. Esta primeira parcela das doutrinas esotéricas está baseada em Estâncias que são os registros documentais de um povo desconhecido pela Etnologia. Alega-se que estas doutrinas estão escritas em um idioma ausente da lista de línguas e dialetos conhecidos pela filologia; afirma-se que elas emanam de uma fonte (o Ocultismo) que é repudiada pela ciência; e, finalmente, elas são oferecidas através de um instrumento incessantemente atacado perante o mundo por todos os que detestam verdades desconfortáveis, ou que pretendem defender algum passatempo predileto seu. Portanto, deve-se esperar e aceitar antecipadamente a rejeição destes ensinamentos. Ninguém que descreva a si mesmo como um “erudito acadêmico” em qualquer departamento das ciências exatas terá permissão para levar a sério estes ensinamentos. Eles serão ridicularizados e rejeitados *a priori* neste século; mas só neste século. Por que no século vinte da nossa era os eruditos acadêmicos irão começar a reconhecer que a *Doutrina Secreta* não foi inventada nem exagerada, mas, ao contrário, apenas esboçada ⁶³; e, finalmente, que os seus ensinamentos são anteriores aos Vedas. ⁶⁴ Estes últimos não foram até cinquenta anos atrás ridicularizados, rejeitados e qualificados como uma “falsificação moderna”? O sânscrito não foi proclamado em certo momento como um dialeto derivado do grego, segundo Lemprière e outros eruditos? Em torno de 1820, diz o Prof. Max Müller, os livros sagrados dos brâmanes, dos zoroastristas e dos budistas “eram todos quase completamente desconhecidos, a sua própria existência era motivo de dúvidas, e não havia um só erudito capaz de traduzir uma linha dos Vedas do Zend Avesta, ou do Tripitaka budista”, e agora está demonstrado que os Vedas são uma obra da mais alta antiguidade, cuja “preservação é quase um milagre” (“Lecture on the Vedas”).

O mesmo será dito da Doutrina Secreta Arcaica, quando forem dadas provas da sua inegável existência, e da existência dos seus registros e documentos. Mas será necessário que passem séculos, antes que muito mais material possa ser divulgado. Ao afirmar que as chaves para os mistérios do zodíaco foram quase perdidas para o mundo, esta escritora destacou, em “Ísis Sem Véu”, cerca de dez anos atrás: “A chave mencionada deve ser girada *sete* vezes antes que todo o sistema se revele.

⁶³ Albert Einstein era leitor de “A Doutrina Secreta”, segundo informa documentadamente Sylvia Cranston no livro “Helena Blavatsky” (Editora Teosófica, Brasília, 1997, 678 pp.; ver pp. 20, 474, 651, e 594). Outros exemplos notáveis, entre os muitos cientistas que trabalharam já no século vinte com conceitos da filosofia esotérica, são Fritjof Capra (“O Tao da Física” e “O Ponto de Mutação”), Rupert Sheldrake, David Bohm, Amit Goswami e Fred Hoyle (“O Universo Inteligente”). Os nomes são tão numerosos que seria impossível elencá-los. (Nota do Tradutor)

⁶⁴ Não há pretensão a fazer *profecia*. Esta é uma afirmação baseada em conhecimento dos fatos. A cada século, é feito um esforço para mostrar ao mundo que o Ocultismo não é uma vã superstição. Uma vez que surge permissão para deixar a porta entreaberta, ela se abrirá um pouco mais a cada século. Chegou o tempo de um conhecimento mais sério do que foi permitido até aqui, embora ainda muito limitado. (Nota de H. P. Blavatsky)

Nós daremos a ela apenas *uma* volta, e assim permitiremos ao profano um vislumbre do mistério. Feliz é aquele que compreende o todo!”⁶⁵

O mesmo pode ser dito do sistema Esotérico inteiro. Uma volta na chave, e não mais do que isso, foi dada com “Ísis”. Um grande número de explicações adicionais é dado nos presentes volumes. Naquela época a escritora tinha um conhecimento limitado da língua em que a obra foi escrita, e ainda era proibida a divulgação de muitas coisas de que hoje se fala livremente. No século vinte, algum discípulo melhor informado, e muito mais adequado, pode ser mandado pelos Mestres de Sabedoria para dar provas finais e irrefutáveis de que existe uma ciência chamada *Gupta Vidya*; e de que - assim como as nascentes antigamente desconhecidas do rio Nilo - a fonte de todas as religiões e filosofias hoje conhecidas no mundo ficou esquecida e perdida para a humanidade, mas agora é, finalmente, reencontrada.

Uma obra como esta não deve ser iniciada com um simples *Prefácio*. Seria melhor iniciá-la com um volume⁶⁶; e um volume que apresente *fatos*, não apenas especulações, porque a DOCTRINA SECRETA não é um tratado ou uma série de teorias vagas, mas contém tudo o que pode ser transmitido ao mundo neste século.

Seria pior que inútil publicar nestas páginas os trechos dos ensinamentos esotéricos que agora foram liberados do confinamento, a menos que ficasse estabelecida antes a confirmação - ou pelo menos a *probabilidade* - da existência autêntica de tais ensinamentos. A respeito das afirmações que agora serão feitas, deve ficar claro que elas são confirmadas por várias autoridades, os filósofos da antiguidade, os clássicos e até mesmo certos Pais da Igreja, alguns dos quais conheciam estas doutrinas porque as haviam estudado, e haviam visto e lido obras sobre elas. Alguns deles haviam sido inclusive iniciados pessoalmente nos Mistérios antigos, durante os quais as doutrinas arcanas eram simbolicamente representadas. Teremos de dar nomes históricos, confiáveis. Citaremos autores bem conhecidos, antigos e modernos, de capacitação reconhecida, de bom discernimento e com legitimidade. E também iremos indicar o nome de alguns sábios das artes e da ciência secretas, e ainda os mistérios destas últimas, tal como eles são divulgados, ou melhor, *parcialmente* apresentados diante do público na sua estranha forma arcaica.

“Como será feito isso? Qual é a melhor maneira de alcançar tal objetivo?” Estas foram as perguntas sempre recorrentes. Para tornar o nosso plano mais claro, vamos usar uma imagem. Quando um viajante, vindo de um país que já foi bem explorado, chega subitamente à fronteira de uma *terra incognita* que está separada e fora do seu campo de visão, devido a uma formidável barreira de rochas que torna a passagem

⁶⁵ Página 461, volume II, da edição original em inglês de “Isis Unveiled”. Na edição brasileira da Ed. Pensamento de “Ísis Sem Véu”, a mesma passagem é traduzida com outras palavras à p. 97 do volume IV. (Nota do Tradutor)

⁶⁶ De fato, somando as páginas do Prefácio, da Introdução e do Proêmio de “A Doutrina Secreta”, o leitor tem material equivalente ao de um volume, pequeno, mas substancial. (Nota do Tradutor)

impossível, ele ainda pode recusar-se a aceitar o fim dos seus planos de explorador. O avanço está fora de cogitação. O viajante não conseguirá visitar pessoalmente a região misteriosa, mas está ao seu alcance descobrir um meio de examiná-la do ponto mais próximo possível. Com base no conhecimento das paisagens que viu antes, ele sabe que obterá uma ideia geral bastante correta do que está além da barreira se subir até o pico mais elevado das alturas que estão à sua frente. Uma vez lá, poderá olhar à vontade para a paisagem além da barreira, comparando o que percebe vagamente com o que já deixou para trás. Graças a seus próprios esforços, ele agora está além da linha do nevoeiro e dos rochedos íngremes rodeados de nuvens.

Um tal ponto de observação preliminar não pode ser oferecido nestes dois volumes a aqueles que gostariam de obter uma compreensão mais correta dos mistérios dos períodos pré-arcaicos dados nos textos. Mas, se o leitor tiver paciência, poderá olhar para o estado atual das crenças e religiões na Europa, comparando-o com o que a História conhece das eras anteriores e posteriores ao começo da era Cristã. Então ele será capaz de ver isso tudo no Volume III desta obra.

O Volume III apresentará uma breve recapitulação dos principais adeptos conhecidos pela história ⁶⁷, e será descrita nele a decadência dos mistérios, depois da qual começou a desapareção, e finalmente a eliminação na memória humana, da real natureza da iniciação e da Ciência Sagrada. A partir daquele momento os seus ensinamentos se tornaram Ocultos, e a Magia passou a usar com demasiada frequência o nome - respeitável, mas frequentemente enganoso - de Filosofia Hermética. Assim como o verdadeiro Ocultismo predominou entre os Místicos durante os séculos anteriores à nossa era, a Magia, ou mais precisamente a Feitiçaria, com suas Artes Ocultas, seguiu-se ao começo do cristianismo.

Por maiores e mais intensos que tenham sido os esforços dos fanáticos para apagar durante aqueles primeiros séculos todos os vestígios do trabalho intelectual e mental dos pagãos, eles fracassaram. Mas o mesmo espírito do demônio escuro do fanatismo e da intolerância perverteu sistematicamente, desde então, cada página

⁶⁷ No primeiro parágrafo do Prefácio à presente obra, H. P. B. escreveu: “Já foi preparada uma grande quantidade de material sobre a história do ocultismo através das vidas dos grandes Adeptos(.....) . Caso os volumes atuais encontrem uma recepção favorável, não serão medidos esforços para que o plano da obra seja realizado integralmente. O terceiro volume está inteiramente pronto; o quarto, quase pronto.” O terceiro e o quarto volume jamais foram publicados por H. P. B. É possível, portanto, que a recepção dada pelos teosofistas aos dois primeiros volumes não tenha sido suficientemente boa. De fato, pouco depois da morte de H. P. B. em 1891, o movimento teosófico passou a ficar desorientado, afastou-se dos ensinamentos originais e fragmentou-se. O reerguimento do esforço teosófico autêntico, começado no século 20, deverá acelerar-se no século 21. Felizmente, uma parte do material a que alude H. P. B. está publicada no volume XIV dos “Collected Writings” (Escritos Reunidos) de H. P. Blavatsky, editados por Boris de Zirkoff. O volume XIV apareceu em 1985. (Nota do Tradutor)

iluminada das épocas pré-cristãs. Mesmo nos seus registros imprecisos, a História tem reunido o suficiente daquilo que sobreviveu para lançar uma luz imparcial sobre o conjunto. Que o leitor, então, permaneça um pouco junto à redatora, no ponto de observação que foi selecionado. A ele é solicitado que dê toda atenção àquele milênio que separa o período pré-cristão do período pós-cristão, em torno do ano UM da Natividade. Este acontecimento - seja ou não historicamente correto - tem servido apesar de tudo como um primeiro sinal da construção dos muitos baluartes de defesa contra qualquer possível retorno, ou mesmo contra qualquer compreensão, das odiadas religiões do Passado. Elas são odiadas e *temidas* porque lançam uma luz clara sobre a nova, e intencionalmente velada, interpretação daquilo que agora é conhecido como “Nova Revelação”.

Apesar dos esforços sobre-humanos dos primeiros padres cristãos para apagar a Doutrina Secreta da memória humana, todos eles falharam. A verdade nunca pode ser destruída; por isso aconteceu o fracasso da tentativa de eliminar da face da Terra qualquer vestígio daquela Sabedoria antiga, e de acorrentar e amordaçar cada testemunha que a conhecia. Basta pensar nos milhares, e talvez milhões de manuscritos que foram queimados; nos monumentos, com suas inscrições e símbolos pictóricos demasiado reveladores, que foram transformados em pó; nos bandos de eremitas e ascetas primitivos que percorreram as ruínas das cidades do Alto Egito e do Baixo Egito, no deserto e nas montanhas, procurando e destruindo todo obelisco e pilar, manuscrito ou pergaminho que tivessem o símbolo do *tau* ou qualquer outro signo adotado como seu pela nova fé. Assim o leitor verá claramente por que restaram tão poucas coisas dos registros do Passado. Verdadeiramente, os espíritos demoníacos do fanatismo do Cristianismo primitivo e medieval e do Islamismo preferiram permanecer desde o início na escuridão e na ignorância; e ambos fizeram

“ ----- o sol ficar vermelho de sangue, a terra ser um túmulo,
o túmulo um inferno, e o próprio inferno ser feito de trevas ainda mais escuras!”

As duas religiões conquistaram os seus seguidores com a ponta da espada; ambas construíram seus templos sobre o *sacrifício religioso de vítimas humanas*. No portal do século I da nossa era, pairam fatalmente as palavras de mau agouro CARMA DE ISRAEL. Sobre o portal do nosso próprio século, o futuro vidente poderá ver outras palavras, que assinalarão o Carma da astuciosa manipulação da HISTÓRIA, com acontecimentos sendo distorcidos conscientemente, e grandes personagens sendo caluniados pela posteridade, fatos sendo alterados até ficarem irreconhecíveis, entre os dois carros de Jaganâtha ⁶⁸ - o Fanatismo e o Materialismo; um deles aceitando coisas em excesso, o outro negando tudo. Sábio é aquele que permanece no ponto

⁶⁸ Carro de Jaganâtha - a expressão, do sânscrito, significa alguma força ou objeto de grande poder destrutivo. Também se refere a uma imagem de Krishna anualmente carregada em uma grande carroça, na Índia antiga, e sob cujas rodas diz a tradição que devotos se atiravam para serem esmagados. Ver “Webster’s Encyclopedic Unabridged Dictionary of the English Language”. (Nota do Tradutor)

de ouro, o ponto intermediário, e acredita na eterna justiça que equilibra todas as coisas. Diz Faigi Diwan, a “testemunha dos discursos maravilhosos de um livre-pensador que pertence a mil seitas”: “Na assembléia do dia da ressurreição, quando as coisas do passado forem perdoadas, os pecados dos Ka’bah serão perdoados pelo bem do pó das igrejas cristãs”.⁶⁹ A isso, o professor Max Muller responde: “Os pecados do Islamismo são *tão destituídos de valor como o pó do Cristianismo. No dia da ressurreição tanto os muçulmanos como os cristãos verão a vaidade das suas doutrinas religiosas.* Os homens entram em conflito por causa da religião na terra; no céu eles descobrirão que só há uma religião verdadeira - a adoração do ESPÍRITO de Deus.”⁷⁰

Em outras palavras, “NÃO HÁ RELIGIÃO (OU LEI) MAIS ELEVADA QUE A VERDADE” - “SATYAT NASTI PARO DHARMAH” - o lema do Maharajá de Benares, adotado pela Sociedade Teosófica.

Como já foi dito no *Prefácio*, “A Doutrina Secreta” não é uma versão de “Ísis Sem Véu”, embora esta tenha sido a intenção inicial. “A Doutrina Secreta” explica aquela obra, e, embora seja inteiramente independente de “Ísis Sem Véu”, é um corolário indispensável para ela. Muito do que foi escrito em ÍSIS não pôde ser compreendido pelos teosofistas naquela época. “A Doutrina Secreta” vai lançar agora uma nova luz sobre muitos problemas deixados sem resolver na primeira obra, especialmente nas suas primeiras páginas, que nunca foram compreendidas.

Como “Ísis” está voltada principalmente para as filosofias dos nossos tempos históricos e para o simbolismo das nações que não existem mais, só foi possível colocar nos seus dois volumes uma visão rápida do panorama do Ocultismo. Na presente obra, são dadas uma detalhada Cosmogonia e a evolução das quatro raças que precederam a nossa Humanidade da Quinta raça. Agora, dois grandes volumes explicam apenas aquilo que foi afirmado na primeira página de ÍSIS SEM VÉU e em algumas alusões espalhadas por vários lugares daquela obra toda. Os presentes volumes também não são uma tentativa de apresentar um catálogo abrangente das Ciências Arcaicas, antes de serem superados problemas tão importantes como a Evolução Cósmica e Planetária, e o desenvolvimento gradual das misteriosas Humanidades e raças que precederam a Humanidade “Adâmica”. Portanto, a presente tentativa de elucidar alguns mistérios da Filosofia Esotérica é na verdade bastante diferente da obra anterior. Como exemplo, o leitor pode fazer um exame do que segue.

O volume I de “Ísis” começa fazendo uma referência a “um livro antigo”, -

“... Tão antigo que os nossos antiquários modernos poderiam ficar um tempo indefinido avaliando as suas páginas, sem chegar a um acordo quanto à natureza do

⁶⁹ Na ocasião, só restará pó das igrejas cristãs. (Nota do Tradutor)

⁷⁰ “Lectures on the Science of Religion”, F. Max Müller, p. 257. (Nota de H. P. Blavatsky)

tecido sobre o qual foi escrito. Atualmente existe um único exemplar original do livro. O mais antigo dos textos hebreus sobre o conhecimento oculto - o *Siphrah Dzeniouta* - foi compilado dele, quando ele já era considerado uma relíquia literária. Uma das suas ilustrações representa a Essência Divina emanando de ADÃO⁷¹ como um arco luminoso que passa a formar um círculo; e depois, tendo alcançado o ponto mais alto da sua circunferência, a glória inefável se inclina ao retorno outra vez, e volta à terra trazendo em seu vórtice um tipo mais elevado de humanidade. Na medida em que ela se aproxima cada vez mais do nosso planeta, a Emissão se torna menos iluminada, até que, ao tocar o chão, ela é tão escura como a noite.”⁷²

O “Livro muito antigo” é a obra original da qual os muitos volumes de *Kiu-ti* foram compilados. Não só *Kiu-ti* e *Siphrah Dzeniouta*, mas até mesmo o *Sepher Jesirah*⁷³, a obra atribuída pelos cabalistas hebreus ao seu Patriarca Abraão (!)⁷⁴, o livro do *Shu-King*, a Bíblia primitiva da China, os sagrados volumes de Thot-Hermes no Egito, os Puranas, na Índia, e o *Livro dos Números* dos caldeus, assim como o próprio *Pentateuco*, todos eles são derivados daquele pequeno volume original.⁷⁵ A tradição diz que o livro foi escrito em *Senzar*, a língua sacerdotal secreta, com base nas palavras dos Seres Divinos, que as ditaram aos filhos da Luz, na Ásia Central, logo no início da (nossa) quinta raça; porque houve um tempo em que o seu idioma, (o *Sen-zar*) era conhecido pelos Iniciados em todas as nações. Os ancestrais dos

⁷¹ O nome é usado no sentido da palavra grega *ἄνθρωπος*. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁷² Neste ponto há uma complexidade adicional. Na Carta 18, à p. 121 do volume I de “Cartas dos Mahatmas” (Ed. Teosófica, Brasília, 2001), um Mestre de Sabedoria assinala um erro de revisão no trecho inicial de “Ísis” que H. P. B. está comentando. Ele afirma que na verdade Adão emana da Essência Divina, ao contrário do que diz, equivocadamente, “Ísis”. O fato confirma a ideia de que nenhum trabalho editorial é infalível. Os bons editores são aqueles que admitem os seus erros e os corrigem. A imperfeição externa estimula a pesquisa independente, e a compreensão deve ser interna. (Nota do Tradutor)

⁷³ O rabino Jehoshua Ben Chananea, que morreu em torno do ano 72 da era atual, declarou abertamente que havia feito “milagres” através do *Livro de Sepher Jesireh*, e desafiou todos os cétricos. Franck, fazendo uma citação do Talmude babilônico, menciona outros dois taumaturgos, os rabinos Chanina e Oshoi. (Veja “Jerusalem Talmud, Sanhedrin”, c. 7, etc.; e “*Franck*”, pp. 55-56. Muitos dos Ocultistas, Alquimistas, e Cabalistas diziam a mesma coisa, e mesmo um *Mago* moderno e mais recente, Eliphas Lévi, afirma isso publicamente em seus livros sobre Magia. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁷⁴ Na sua edição de “The Secret Doctrine”, Boris de Zirkoff dá mais dados sobre a obra de “*Franck*”, citada na nota anterior. Trata-se de “*La Kabbale*”, A. Franck, edição de 1843, I, p. 78. (Nota do Tradutor)

⁷⁵ Cabe destacar um fato de grande importância potencial: nestas linhas H. P. Blavatsky está afirmando claramente que a literatura judaica tem uma origem esotérica e autêntica. (Nota do Tradutor)

Toltecas ⁷⁶ entendiam este idioma com tanta facilidade como os habitantes da perdida Atlântida, que o herdaram por sua vez, dos sábios da terceira Raça, os *Manushis*, que o aprenderam diretamente dos *Devas* da segunda e primeira Raças. A “ilustração” mencionada em “Ísis” se refere à evolução destas Raças e da nossa Humanidade da quarta e da quinta Raças, no Manvântara ou “Ronda” de Vaivasvata. Cada Ronda é composta dos Yugas dos sete períodos da Humanidade.⁷⁷ Quatro destes períodos já foram ultrapassados em *nosso* ciclo de vida; e a região do ponto médio do quinto período foi alcançada. A ilustração é simbólica, naturalmente; e ela abrange o processo desde o início. O velho livro, tendo descrito a Evolução Cósmica e explicado a origem de tudo na terra, inclusive do ser humano físico, ele descreve a verdadeira história das raças desde a *Primeira* até a Quinta (a nossa) raça, e não vai mais além. Ele se interrompe no início do *Kali Yuga*, há precisamente 4989 anos atrás ⁷⁸, quando ocorreu a morte de Krishna, o brilhante “Deus-Sol”, o herói e reformador.

Mas há outro livro. Nenhum dos que o possuem o veem como muito antigo, porque nasceu ao mesmo tempo que a Idade Negra ⁷⁹ e é tão velho quanto ela, isto é, tem 5.000 anos. Dentro de aproximadamente nove anos ⁸⁰ se completará o primeiro ciclo de 5.000 anos do grande ciclo de Kali Yuga. E então a última profecia contida neste livro (o primeiro livro dos registros proféticos da Idade Negra) se terá realizado. Não será preciso esperar um longo tempo. Muitos de nós testemunharão o Nascimento do Novo Ciclo, em cujo final não poucas contas serão acertadas entre as raças. O volume II das Profecias está quase pronto, e vem sendo preparado desde o tempo do grande sucessor de Buddha, Shankaracharia.

Deve ser registrado ainda um ponto importante e que - pelo menos para os Cabalistas Cristãos e seus estudantes - está em primeiro lugar na lista de provas da existência de uma Sabedoria primordial e universal. Os ensinamentos eram pelo menos parcialmente conhecidos por vários Pais da Igreja. Afirma-se, com base em

⁷⁶ Toltecas; povo indígena pré-colombiano do altiplano central do México. (Nota do Tradutor)

⁷⁷ Yuga; uma das quatro Idades do mundo que formam o ciclo manvantárico. Assim, a evolução humana tem sete períodos, mas o manvântara do mundo se divide em quatro Yugas. (Nota do Tradutor)

⁷⁸ “Precisamente 4.989 anos atrás”. Podemos ver na p. 665 do volume I da edição original em inglês de “The Secret Doctrine” que o Kali Yuga começou em 17 / 18 de fevereiro de 3102 antes da era cristã. Portanto, este parágrafo de H. P. B. deve ter sido escrito no ano de 1887. (Nota do Tradutor)

⁷⁹ Idade Negra: Kali Yuga. (Nota do Tradutor)

⁸⁰ “Dentro de aproximadamente nove anos”. Poucas notas acima (veja a nota de pé de página que inicia com a palavra “Precisamente”), constatamos que este trecho de “A Doutrina Secreta” foi escrito em 1887. Portanto, as palavras “Dentro de aproximadamente nove anos” se referem a 1896-1897. (Nota do Tradutor)

dados puramente históricos, que Orígenes, Sinésio, e mesmo Clemente de Alexandria foram iniciados nos mistérios antes de acrescentar ao neoplatonismo da escola de Alexandria o neoplatonismo dos Gnósticos, sob um véu cristão. Além disso, algumas das doutrinas das escolas Secretas - embora não todas, longe disso - foram preservadas no Vaticano, e tem sido, desde então, parte dos mistérios desfigurados pela igreja latina a partir do programa original do cristianismo. Um exemplo é o dogma da Conceção Imaculada, agora interpretado como algo material. Disso surgiram as maiores perseguições promovidas pela igreja católica romana contra o Ocultismo, a Maçonaria, e o misticismo *heterodoxo* em geral.

Os dias de Constantino foram o último ponto de mutação da história, o período da Suprema luta, que terminou, no mundo Ocidental, por suprimir as velhas religiões em favor da nova, construída sobre os corpos das mais antigas. Desde Constantino a visão do Passado distante, além do “Dilúvio” e do Jardim do Éden, passou a ser forçosa e implacavelmente impedida através de todos os meios, justos e injustos, impedindo-se o olhar indiscreto das gerações posteriores. Cada assunto foi bloqueado. Cada registro histórico capturado foi objeto de destruição. E, no entanto, ainda permanece um número suficiente de registros, mesmo mutilados, que nos permitem dizer que eles constituem farta comprovação da real existência de uma Doutrina Original. Os fragmentos sobreviveram a cataclismos geológicos e políticos, para contar a história; e cada um deles nos mostra evidências de que a Sabedoria atualmente *Secreta* foi antes a origem, a fonte perene e sempre ativa, na qual se alimentaram todas as suas correntes - as religiões de todos os povos - desde a primeira até a última. Este período, iniciado com Buddha e Pitágoras numa extremidade e terminado com os Neoplatônicos e Gnósticos na outra ponta, é o único foco ainda presente na História no qual convergem pela última vez os raios claros da luz vinda dos eons de tempo passado, e não obscurecida pelas mãos do fanatismo.

Isso se refere à necessidade que a redatora tem de sempre explicar os fatos do Passado mais remoto através de evidências reunidas no período histórico. Era o único meio disponível, sob pena de ser mais uma vez acusada de não ter método ou sistema. O público deve ser informado dos esforços de muitos adeptos de dimensão mundial, de poetas, escritores e clássicos de todas as eras que eram iniciados, no sentido de preservar nos registros da Humanidade o Conhecimento da existência, pelo menos, de uma tal filosofia, se não dos seus princípios fundamentais. Os Iniciados de 1888 permaneceriam de fato incompreensíveis e sempre como um mito aparentemente impossível, se não fosse demonstrado que Iniciados semelhantes viveram em todas as outras eras da história. Isto só poderia ser feito dando indicações detalhadas sobre onde se pode encontrar menções a estes grandes personagens, que foram precedidos e seguidos por uma linha longa e interminável de outros Mestres das artes, Antediluvianos e Pós-diluvianos. Só assim poderia ser demonstrado, com base em fontes pertencendo em parte à tradição e em parte à História, que o conhecimento do Oculto e dos poderes que ele confere ao ser humano não é de modo algum uma ficção, mas é tão antigo quanto o próprio mundo.

Aos meus juízes passados e futuros, portanto - sejam eles críticos literários sérios ou apenas aqueles dervixes⁸¹ uivantes da literatura que julgam um livro conforme a popularidade ou impopularidade do nome do autor, e que, tendo lançado no máximo um rápido olhar sobre o seu conteúdo, apressam-se como *bacilos* mortais a buscar os pontos mais fracos do corpo -, eu nada tenho a dizer. Tampouco vou levar em conta os caluniadores enlouquecidos - felizmente poucos - que esperam chamar atenção do público lançando descrédito sobre cada escritor cujo nome é mais conhecido que os deles próprios, escumando e latindo diante da sua sombra. Estes, depois de manter durante anos a tese de que as doutrina ensinadas em “The Theosophist”, e que culminaram no livro “O Budismo Esotérico”, *tinham sido todas inventadas por esta redatora*, finalmente se voltaram em outra direção e denunciaram “Ísis Sem Véu” e o resto como plágio de Eliphaz Levi (!), Paracelso (!!), e, *mirabile dictu*⁸², do budismo e do bramanismo (!!!). Do mesmo modo Renan poderia ser acusado de haver roubado sua obra “Vie de Jésus” dos Evangelhos, e Max Müller de haver roubado seus “Sacred Books of the East” ou seus “Fragmentos” das filosofias dos brâmanes e de Gautama, o Buddha. Mas, para o público em geral e os leitores de “A Doutrina Secreta”, posso repetir o que tenho dito constantemente, e que agora coloco nas palavras de Montaigne: Senhores, “EU FIZ AQUI APENAS UM BUQUÊ DE FLORES SELECIONADAS, E NADA TRAGO QUE SEJA MEU, EXCETO O LAÇO QUE AS REÚNE.”

Despedacem o cordão, ou cortem-no em tiras menores, se quiserem. Quanto ao buquê de FATOS - vocês nunca poderão destruí-lo. Podem apenas ignorá-lo e nada mais.

Concluiremos com algumas palavras sobre este volume I. Esta INTRODUÇÃO prefacia a Parte da obra dedicada principalmente à Cosmogonia, e alguns dos temas trazidos podem parecer fora de lugar; mas há mais uma consideração a fazer, além das que foram mencionadas acima, em relação aos motivos que me levam a fazer tal abordagem aqui. Cada leitor irá inevitavelmente julgar as afirmativas feitas desde o ponto de vista do seu próprio conhecimento, da sua experiência, da sua consciência, e com base no que ele já aprendeu. A redatora é obrigada a ter sempre presente este fato. Disso decorrem também as frequentes referências neste primeiro volume a questões que, propriamente falando, pertencem a uma parte posterior da obra -, mas pelas quais não se poderia passar em silêncio, sob pena de o leitor desprezar o livro como uma verdadeira história de fadas, uma ficção fabricada em cérebro moderno.

Assim, o *Passado* irá ajudar a compreender o PRESENTE, e o *Presente* ajudará a apreciar melhor o PASSADO. Os erros de hoje devem ser explicados e eliminados. No entanto é mais do que provável - e nas circunstâncias atuais isso equivale a uma certeza - que, mais uma vez, o testemunho da História e de longas eras não será

⁸¹ Dervixes; ascetas religiosos muçulmanos que expressam sua religiosidade dançando e girando. (Nota do Tradutor)

⁸² “*Mirabile dictu*”; interjeição que significa: “palavras maravilhosas!” (Nota do Tradutor)

suficiente para impressionar a ninguém, além daqueles que são muito intuitivos, e isso significa dizer, muito poucos. Mas neste, como em todos os casos semelhantes, os *sinceros* e os *fiéis* podem ter a satisfação de apresentar ao cético saduceu moderno a prova matemática e o registro de sua endurecida obstinação e fanatismo. Ainda existe em algum lugar na Academia Francesa a famosa lei das probabilidades, que certos matemáticos expressaram por um processo algébrico para benefício dos céticos. A lei diz o seguinte: se duas pessoas dão seu testemunho sobre um fato, e assim transmitem a ele, cada uma, $5/6$ de certeza, este fato terá então $35/36$ de certeza, isto é, a sua probabilidade terá uma relação de 35 para 1 se comparada com a sua improbabilidade. Se três evidências semelhantes forem reunidas, a margem de certeza chegará a $215/216$. A concordância de dez pessoas, dando cada uma $1/2$ de certeza, irá produzir $1023/1024$, etc., etc.⁸³ O Ocultista pode ficar satisfeito com isso, e não necessita de mais nada.

00000

⁸³ Esta é uma expressão matemática do processo pelo qual emerge um novo hábito social, mais saudável, e do modo como um carma novo e regenerador é plantado. Se dez pessoas percebem corretamente a realidade, será mais fácil que uma décima-primeira pessoa alcance a mesma visão: trata-se de uma reação em cadeia. Citando a Academia Francesa, H. P. B. antecipa deste modo o que ficaria conhecido no século vinte - no campo da ciência popular - como "o fenômeno do centésimo macaco". Veja-se o livro "The Hundredth Monkey" ("O Centésimo Macaco", de Ken Keyes (Vision Books, 1982). A base científica do fenômeno específico do centésimo macaco, um evento supostamente ocorrido na ilha de Koshima, é questionada por Ron Amundson e outros autores. Isso não invalida de modo algum a ideia central do "mito do centésimo macaco", que indica o processo de adoção de novos hábitos saudáveis na dinâmica social dos animais superiores, a partir de pequenas experiências inovadoras. (Nota do Tradutor)

Proêmio

Páginas de um Período Pré-Histórico

Diante da visão da redatora está um Manuscrito Arcaico, uma coleção de folhas de palmeira que, devido a algum processo específico desconhecido, se tornaram imunes em relação a água, fogo e ar.

Na primeira página há um disco imaculadamente branco sobre um fundo preto embaçado. Na página seguinte, o mesmo disco, mas com um ponto central. A primeira imagem representa o Cosmos em sua Eternidade, antes do redespertar da Energia ainda adormecida; a emanção da Palavra segundo os sistemas posteriores.

O ponto no Disco até aqui imaculado - o Espaço e a Eternidade em Pralaya⁸⁴ - simboliza a aurora da diferenciação. Este é o ponto no “Ovo do Mundo” (Veja a parte II do volume I, “O Ovo do Mundo”), é o germe dentro deste último, que se transformará no Universo, o TODO, o Cosmos cíclico e ilimitado. Este germe é latente e ativo, periódica e alternadamente. O círculo único é a Unidade divina, de onde tudo emerge, e para onde tudo retorna. A sua circunferência - símbolo necessariamente precário devido às limitações da mente humana - indica a

⁸⁴ Pralaya; o universo não só vive, mas tem seus períodos cíclicos de manifestação externa e de repouso. Os pralayas são os momentos de repouso, assim como os manvântaras são os períodos de atividade. Na linguagem do físico David Bohm, que escreveu nas décadas finais do século 20, trata-se da alternância entre “ordem implícita” e “ordem explícita”. A lei da alternância opera tanto em grande escala como em pequena escala; a reencarnação individual é um dos seus aspectos. (Nota do Tradutor)

PRESENÇA abstrata e eternamente incognoscível, e o seu plano indica a Alma Universal, embora os dois sejam um. O fato de que o Disco é claro e tudo ao redor dele é preto mostra de modo definido que o seu plano, embora seja ainda vago e obscuro, é o único conhecimento alcançável pelo ser humano. É neste plano que começam as manifestações manvantáricas, nesta ALMA dorme, durante o Pralaya, o Pensamento Divino⁸⁵ em que está oculto o plano de todas as futuras Cosmogonias e Teogonias.

É a VIDA UNA, que é eterna, invisível, e no entanto Onipresente; que é sem começo ou fim, e no entanto é cíclica nas suas manifestações regulares, períodos entre os quais reina o obscuro mistério do não-Ser; que é inconsciente, porém é Consciência absoluta; que é incompreensível, no entanto é a única realidade que existe por si mesma; verdadeiramente, “um caos para os sentidos, um Cosmo para a razão”. O seu único atributo absoluto, o Movimento eterno e incessante em si mesmo, é chamado em linguagem teosófica de “Grande Respiração”⁸⁶, que consiste na movimentação perpétua do universo, no sentido de ESPAÇO ilimitado e sempre-presente. O que é destituído de movimento não é divino. Mas a verdade é que não há coisa alguma absolutamente imóvel dentro da alma universal.

Quase cinco séculos antes da era cristã, Leucipo, o instrutor de Demócrito, sustentava que o Espaço estava eternamente cheio de átomos impulsionados por

⁸⁵ É quase desnecessário dizer mais uma vez ao leitor que o termo “Pensamento Divino”, assim como a expressão “Mente Universal”, não tem qualquer semelhança com o processo intelectual exercido pelo ser humano. O “Inconsciente”, segundo von Hartmann, chega ao vasto plano criativo, ou mais precisamente ao Plano Evolutivo, “através de uma sabedoria clarividente superior a toda consciência”, o que na linguagem Vedanta significaria Sabedoria absoluta. Só aqueles que compreendem até que distância a Intuição se ergue acima dos lentos processos do pensamento raciocinado podem ter uma ideia, mesmo vaga, daquela absoluta Sabedoria que transcende as ideias de Tempo e Espaço. A Mente, tal como a conhecemos, existe em estados de consciência cuja duração, intensidade, complexidade, etc., são variáveis - e todos estes fatores dependem, em última instância, de sensações, que são Maya. Sensação, devemos reiterar, implica necessariamente limitação. O Deus pessoal do Deísmo ortodoxo percebe, pensa e é atingido por emoções; ele se arrepende e sente “intensa raiva”. Mas a noção de tais estados mentais claramente envolve o postulado impensável da externalidade de estímulos, para não falar da impossibilidade de atribuir caráter imutável a um Ser cujas emoções flutuam de acordo com os acontecimentos ocorridos no mundo que ele próprio preside. As concepções de um Deus Pessoal como imutável e infinito não fazem sentido do ponto de vista psicológico e, o que é pior, não fazem sentido do ponto de vista filosófico. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁸⁶ Platão demonstra ser um Iniciado ao dizer em “Crátilo” que *θεός* [theós] tem como origem o verbo *θέειν*, “mover-se”, “correr”, porque os primeiros astrónomos que observavam os movimentos dos corpos celestes chamaram os planetas de *θεοί*, deuses. (Veja, no Volume II de “A Doutrina Secreta”, o texto “O Simbolismo dos Nomes de Mistério *Iao* e *Jeová*, em sua relação com a Cruz e o Círculo”. Mais tarde, a palavra produziu outro termo, *ἀλήθεια*, “a respiração de Deus”. (Nota de H. P. Blavatsky)

uma movimentação incessante, e que esta movimentação gerava, a seu devido tempo - quando os átomos se agregavam - uma movimentação em círculo, através de colisões mútuas que produziam movimentos laterais. Epicuro e Lucrecio ensinaram o mesmo, apenas acrescentando à movimentação lateral dos átomos a ideia da afinidade - um ensinamento oculto.

Desde o começo da evolução hereditária dos seres humanos, desde que apareceram pela primeira vez os arquitetos do globo em que eles vivem, a Divindade não-revelada foi identificada e considerada sob o seu único aspecto filosófico - o movimento universal, a vibração da Respiração criadora na Natureza. O Ocultismo resume a “Existência Una” da seguinte maneira: “A Divindade é um FOGO arcano, vivo (ou em movimento), e as eternas testemunhas desta Presença não-vista são a Luz, o Calor, a Umidade”; e esta trindade inclui todos os fenômenos da Natureza, e é a causa deles.⁸⁷ O movimento intra-cósmico é eterno e incessante; o movimento cósmico (o visível, ou que é sujeito à percepção) é finito e periódico. Como abstração eterna ele é SEMPRE-PRESENTE; como manifestação é finito tanto numa direção como na outra, e as duas são o alfa e o ômega de sucessivas reconstruções. O Cosmos - o NÚMENO - nada tem a ver com as relações causais do Mundo fenomênico. É só em relação à alma intra-cósmica, o Cosmos ideal no imutável Pensamento Divino, que podemos dizer: “Ela nunca teve um início nem terá um final.” Com relação a este corpo ou organização Cósmica, embora não se possa dizer que ele teve uma primeira construção, nem que terá uma última construção, a cada novo Manvântara a sua organização pode ser vista como a primeira e a última do seu tipo, porque ele evolui cada vez em um plano mais elevado

Há alguns anos nós afirmamos que: -

“Assim como o Budismo, o Bramanismo e mesmo a Cabala, a doutrina esotérica ensina que a Essência única, infinita e desconhecida existe por toda eternidade, e que

⁸⁷ Os nominalistas, argumentando com Berkeley que “é impossívelformar a ideia abstrata de movimento como algo independente do corpo que se move” (“Prin. of Human Knowledge”, *Introd., par. 10*) podem questionar: “Que corpo é aquele, que produz tal movimento? É uma substância? Então vocês acreditam em um Deus Pessoal?”, etc., etc. Este ponto será respondido mais adiante neste livro. Enquanto isso, defendemos nossas posições como Concepcionalistas, e contra a visão materialista de Roscelini a respeito do Realismo e do Nominalismo. “Será que a Ciência”, diz um dos seus defensores mais hábeis, Edward Clodd, “revelou alguma coisa que enfraqueça ou se oponha às antigas palavras em que a Essência de toda religião, passada, presente e futura, é expressada, ou seja; agir com justiça, valorizar o sentimento de compaixão, e caminhar humildemente diante do seu Deus?” O argumento é aceitável, uma vez que a palavra Deus *não* signifique *o grosseiro antropomorfismo que ainda domina a nossa teologia atual, mas sim a concepção simbólica da Vida e do Movimento do Universo*, cujo conhecimento no plano físico é o mesmo que conhecer o tempo presente, passado e futuro, na existência dos fenômenos sucessivos; e cujo conhecimento no plano moral é o mesmo que saber o que existiu, existe e existirá, na consciência humana. (Veja “*Science and the Emotions*”. *A Discourse delivered at South Place Chapel, Finsbury, London, Dec. 27th, 1885.*) (Nota de H. P. Blavatsky)

é ativa e passiva em sucessões regulares e harmoniosas. Na fraseologia poética do Manu, estas condições são chamadas de ‘Dias’ e ‘Noites’ de Brahmâ. Este último está ‘acordado’ ou ‘dormindo’. Os Svabhavikas ⁸⁸, ou filósofos da escola mais antiga do Budismo (que ainda existe no Nepal) especulam apenas sobre a condição ativa desta ‘Essência’, que chamam de Svabhâvat; e consideram uma tolice teorizar sobre a força abstrata e ‘incognoscível’ em sua condição passiva. Por isso eles são chamados de ateus tanto pelos teólogos cristãos como pelos cientistas modernos. Nenhum destes dois grupos consegue compreender a lógica profunda da filosofia dos Svabhavikas. Os teólogos cristãos não aceitarão qualquer Deus diferente dos poderes secundários personificados que produziram o universo visível, e que se transformaram no pensamento deles no Deus antropomórfico dos cristãos - o Jeová masculino, rugindo entre relâmpagos e trovões. Por sua vez, a ciência racionalista saúda os Budistas e os Svabhavikas como os ‘positivistas’ das eras arcaicas. Se adotarmos uma visão unilateral da filosofia destes últimos, os nossos materialistas podem estar certos, à sua maneira. Os Budistas afirmavam que não há um Criador, mas uma infinidade de poderes criadores que formam coletivamente a substância una e eterna, e cuja essência é inescrutável, não sendo, portanto, objeto de especulação para nenhum verdadeiro filósofo. Sócrates invariavelmente se recusava a discutir sobre o mistério do ser universal; no entanto, ninguém jamais poderia pensar em acusá-lo de ateísmo, exceto aqueles que visavam a sua destruição. Ao inaugurar um período ativo, diz a Doutrina Secreta, uma expansão desta essência Divina ocorre de fora para dentro e de dentro para fora, em obediência à lei eterna e imutável ⁸⁹, e o universo fenomênico ou visível é o resultado último da longa corrente de forças cósmicas assim colocada progressivamente em movimento. De modo semelhante, quando é retomada a condição passiva, ocorre uma contração da essência Divina, e o trabalho anterior de criação é gradual e progressivamente desfeito. O universo visível se desintegra, o seu material fica disperso, e a ‘escuridão’, sozinha e solitária, paira mais uma vez sobre a face da ‘profundez’.








Para usar uma Metáfora dos Livros Secretos, que transmite a ideia de modo ainda mais claro, uma respiração que lança para fora a ‘essência desconhecida’ produz o mundo; e uma inalação faz com que ele desapareça. Este processo vem ocorrendo durante toda a eternidade, e o nosso atual universo é apenas um dentro de uma série



⁸⁸ No original em inglês, “Svâbhâvikas”, com dois acentos circunflexos. Na presente tradução, não estamos mantendo acentos nas transliterações de todas as palavras. Consideramos que é preciso dar passos para que palavras de origem sânscrita sejam absorvidas e popularizadas na língua portuguesa. A preservação do sânscrito é uma meta louvável. No entanto, estamos abordando aqui apenas modestas transliterações, sejam elas acentuadas ou não. O alfabeto devanagari do sânscrito é amplamente diferente do nosso. (Nota do Tradutor)

⁸⁹ O símbolo do movimento teosófico moderno inclui dois triângulos entrelaçados, um apontando para baixo, o outro apontando para cima. A imagem expressa este processo, que ocorre tanto em pequena como em grande escala ou “assim na terra como no céu”. O símbolo é conhecido como selo de Salomão ou estrela de David. (Nota do Tradutor)

infinita, que não teve início e não terá fim.” (Veja “Ísis Sem Véu”⁹⁰, e o texto “Dias e Noites de Brahmâ”, na parte II⁹¹.)




Esta passagem será explicada, tanto quanto possível, na presente obra. Embora, tal como está agora, ela não contenha nada novo para o orientalista, a sua interpretação esotérica pode conter muita informação até agora inteiramente desconhecida para o estudante ocidental.

A primeira ilustração é um disco simples: . A segunda ilustração dos símbolos arcaicos mostra um disco com um ponto, , a primeira diferenciação nas manifestações periódicas da natureza sempre-eterna, o “Aditi NAQUILO” (Rig Veda), destituído de sexo, e infinito. O ponto no círculo é o Espaço potencial no Espaço abstrato. No seu terceiro estágio, o ponto é transformado num diâmetro, assim: . A figura agora simboliza uma Mãe-Natureza divina e imaculada, dentro da absoluta Infinitude que tudo abrange. Quando a linha do diâmetro é atravessada por uma linha vertical, , ela se torna a cruz do mundo. A Humanidade agora chegou à sua terceira-raça; este é, em primeiro lugar, o signo da origem da vida humana. Quando a circunferência desaparece e deixa apenas a , este é um sinal de que a queda do homem na matéria se completou, e a QUARTA raça começa. A Cruz dentro de um círculo simboliza o puro Panteísmo; quando a Cruz foi deixada sem círculo, se tornou fálica. Ela tinha, entre outros, o mesmo significado que um TAU dentro de um círculo, , ou que “o martelo de Thor”, a chamada cruz Jaina, ou simplesmente uma suástica dentro de um círculo, .

O terceiro símbolo - o círculo dividido em dois pela linha horizontal do diâmetro - significa a primeira manifestação da Natureza criativa (ainda passiva, porque feminina). A primeira e vaga percepção do ser humano em relação à procriação é feminina, porque o homem conhece sua mãe mais do que conhece seu pai. Assim, as divindades femininas eram mais sagradas que as masculinas. A Natureza é portanto feminina, e, até certo ponto, objetiva e tangível, e o espírito do Princípio que a faz frutificar é oculto. Ao acrescentar-se ao círculo e sua linha horizontal uma linha perpendicular, foi formado o tau -  - a forma mais antiga da letra. Este foi o glifo da terceira raça-raiz até o dia da sua Queda simbólica - isto é, quando ocorreu a separação dos sexos através da evolução natural -, quando a figura se tornou , o

⁹⁰ “Ísis Unveiled”, Theosophy Co., Los Angeles, Vol. II, p. 264-265. Na edição brasileira, veja outra tradução do mesmo trecho em “Ísis Sem Véu”, H.P. Blavatsky, Ed. Pensamento, vol. III, pp.234-235. (Nota do Tradutor)

⁹¹ Referência à parte II do primeiro volume de “The Secret Doctrine”, edição original. O texto começa à p. 368. (Nota do Tradutor)

círculo, ou vida sem sexo modificada ou separada - um glifo ou símbolo duplo. No caso das raças da nossa Quinta Raça, ele se tornou em simbologia o *sacr'*, e em hebraico o *n'cabvah* das primeiras raças formadas⁹²; mais tarde transformou-se no  egípcio (símbolo da vida), e ainda depois no signo de Vênus, . Em seguida vem a Suástica (o martelo de Thor, ou a “cruz hermética”, atualmente) inteiramente separada do seu círculo, e tornando-se assim puramente fálica.⁹³ O símbolo esotérico de Kali Yuga é a estrela de cinco pontas invertida, assim:  - o símbolo da feitiçaria humana, com suas duas pontas (dois chifres) voltadas para cima, uma posição que todo Ocultista reconhecerá como pertencendo ao “caminho da esquerda”, e usado em magia cerimonial.⁹⁴

Esperamos que durante o exame desta obra as ideias errôneas do público em geral em relação ao Panteísmo sejam corrigidas. É errado e injusto ver os Ocultistas budistas e advaitas como ateus. Se nem todos eles são filósofos, todos estudam Lógica, pelo menos, e suas objeções e argumentos são baseados em raciocínios claros. De fato, o Parabrahm dos hindus pode ser visto como representante das divindades ocultas e sem nome das outras nações, e este Princípio absoluto será reconhecido como o protótipo do qual todos os outros foram copiados. Parabrahm não é “Deus”, porque Ele não é *um* Deus. “Ele é aquilo que é supremo, e não supremo (paravara)”, conforme explica o Mandukya Upanixade (2.28). Ele é “Supremo” como CAUSA, e não é supremo como efeito. Parabrahm é simplesmente, como uma “Realidade Única”, o Cosmos que tudo abrange - ou

⁹² Veja a sugestiva obra “The Source of Measures”, em que o autor explica o real significado da palavra *sacr'*, de onde derivam as palavras “sagrado” e “sacramento”. Hoje estas palavras se tornaram sinônimos de “santo” e “santidade”, embora sejam puramente fálicas em sua origem! (Nota de H. P. Blavatsky)

⁹³ Durante o século vinte, este símbolo foi usado para fins de feitiçaria pelos criminosos do nazismo alemão. O nazi-fascismo usava técnicas de magia negra para dominar mentalmente populações inteiras. Discretamente apoiado pelo Vaticano, a máfia nazista combinava em seus crimes contra a humanidade o uso de medo, violência, mentira sistemática, hipnotismo coletivo e “lavagem cerebral”. (Nota do Tradutor)

⁹⁴ Matemáticos ocidentais e alguns cabalistas norte-americanos nos dizem que na Cabala, também, “o valor do nome de Jeová é igual ao diâmetro de um círculo”. Acrescente-se a isso o fato de que Jeová é o terceiro sefirote, *Binah*, palavra feminina, e se terá a chave para o mistério. Através de certas transformações Cabalísticas, este nome, *andrógino* nos primeiros capítulos do Gênesis, passa a ser inteiramente masculino, cainita e fálico. O fato de escolher uma divindade entre os deuses pagãos e de fazer dele um Deus nacional especial, e de chamá-lo de “único Deus vivo”, de “Deus dos Deuses”, e depois proclamar esta adoração como Monoteística, não transforma esta divindade no Princípio ÚNICO cuja “Unidade não admite multiplicação, mudança ou forma”, especialmente no caso de uma divindade priápica, como Jeová agora demonstra ser. (Nota de H. P. Blavatsky)

melhor, o Espaço Cósmico infinito, no mais elevado sentido espiritual, é claro. Como Brahma (neutro) é a Raiz imutável, pura, livre, imperecível e suprema, “a ÚNICA verdadeira Existência, Paramarthika”, e também a absoluta Chit e Chaitanya (inteligência, consciência), Brahma não pode ser um conhecedor, “porque AQUILO não pode ter um tema de conhecimento”. Será que a chama pode ser chamada de essência do Fogo? Esta Essência é “a VIDA e a LUZ do Universo, o fogo visível e a chama são destruição, a morte, e o mal”. “O Fogo e a Chama destroem o corpo de um Arhat, a essência deles o torna imortal.” (*Bodhi-mur, Livro II*). “O conhecimento do Espírito absoluto, como o esplendor do sol, ou como o calor do fogo, não é nada mais que a própria Essência absoluta”, diz Shankaracharia. ELE - é “o Espírito do Fogo”, e não o próprio fogo; portanto, “os atributos deste último, calor ou chama, não são os atributos do Espírito, mas daquilo que é originado, inconscientemente, pelo Espírito.” Não é verdade que a frase acima constitui a verdadeira nota-chave da filosofia Rosacruz mais recente? Parabrahm é, em resumo, o agregado coletivo do Cosmos em sua infinitude e eternidade, o “AQUILO” e “ISSO” aos quais estes agregados distributivos não podem ser aplicados.⁹⁵ “No começo ISSO era o Ser, o único (*Aitareya Upanixade*); o grande Shankaracharia explica que “ISSO” se refere ao Universo (Jagat); as palavras “No começo” significam “antes da reprodução do universo fenomênico”.

Portanto, quando os panteístas repetem as palavras dos Upanixades, que afirmam, como na Doutrina Secreta, que “ISSO” não pode criar, eles não negam um Criador, ou melhor, um *agregado coletivo* de criadores, mas apenas se recusam, de maneira muito lógica, a atribuir uma “criação”, e especialmente uma formação, algo finito, a um Princípio Infinito. Para eles, Parabrahm é passivo porque é uma Causa Absoluta, *Mukta* incondicionada. Só a Onisciência e a Onipotência limitadas são impossíveis para a *Mukta*, porque estes são ainda atributos (tal como se refletem nas percepções do ser humano); e porque Parabrahm, sendo o “TODO Supremo”, o sempre invisível espírito e Alma da Natureza, imutável e eterno, não pode ter atributos; o seu caráter absoluto naturalmente elimina qualquer ideia de conexão entre ele e o que é finito ou condicionado. E se o Vedanta postula que os atributos pertencem simplesmente à sua emanção, e o chama de “Ishwara *misturado com Maya*”, e Avidya (Agnosticismo e Insensatez, mais que ignorância), é difícil encontrar qualquer ateísmo nesta concepção.⁹⁶ Já que não pode haver dois INFINITOS nem dois

⁹⁵ Ver “Vedanta Sara”, do major G. A. Jacob; assim como “The Aphorisms of S’ândilya”, traduzidos por Cowell, p. 42. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁹⁶ No entanto, orientalistas cristãos, preconceituosos e um tanto fanáticos, gostariam de provar que se trata de puro ateísmo. Uma prova disso pode ser encontrada em “Vedanta Sara”, de Major Jacob. No entanto, toda a Antiguidade ecoa este pensamento Vedântico:

“Omnis enim per se divom natura necesse est
Immortali aevosumma cum pace fruatur”. (Nota de H. P. Blavatsky)

[Tradução da citação feita por H.P.B. em latim:

“Porque é necessário que todos os deuses, por sua própria natureza, desfrutem da vida eterna em perfeita paz.” - Nota do Tradutor.]

ABSOLUTOS em um Universo que se considera Ilimitado, esta Auto-Existência dificilmente pode ser concebida como algo que cria personalidade. No sentido e nas percepções de “Seres” finitos, AQUILO é um Não-“ser”, no sentido de que é a EXISTENCIALIDADE única ⁹⁷; porque neste TODO está oculta a sua emanação co-eterna e coeva, ou sua radiação inerente, a qual, transformando-se periodicamente em Brahmâ (a Potência masculina-feminina) se converte no Universo manifestado, ou se expande até se transformar nele. Narayana movendo-se nas águas (abstratas do Espaço) passa a ser as Águas da substância concreta movimentada por ele, que agora se transforma na PALAVRA manifestada, ou Logos.

Os brâmanes ortodoxos - que estão entre os primeiros a erguer-se contra os panteístas e os advaitas, chamando-os de ateus - são forçados, se o Manu é aceito como autoridade nesta questão, a admitir a morte de Brahmâ, o criador, ao final da “Era” desta divindade (criativa) (100 anos divinos, um período que em nossos números requer 15 algarismos para ser expressado). No entanto, nenhum filósofo entre eles verá esta “morte” de qualquer outra maneira exceto como uma desapareição temporária do plano manifestado da existência, ou como um descanso periódico.

Os Ocultistas estão, portanto, em unidade com os filósofos advaitas e vedantinos em relação ao ponto mencionado acima. Eles mostram a impossibilidade de aceitar no contexto filosófico a ideia de o TODO absoluto criar ou mesmo emanar o “Ovo de Ouro”, no qual afirma-se que ele entra para transformar-se em Brahmâ - o Criador, que se expande mais tarde transformando-se em deuses em todo o universo visível. Os Ocultistas dizem que a Unidade Absoluta não pode passar para o infinito, porque o infinito pressupõe a extensão ilimitada de *algo*, e a duração deste “algo”; e o Todo Uno é como o Espaço - que constitui a sua única representação mental e

⁹⁷ Existencialidade. No original em inglês, BE-NESS; em sânscrito, SAT. É um termo de difícil tradução. Uma versão literalista seria “ser-alidade” (“a condição de ser”); mas esta palavra não transmitiria a ideia. Na edição brasileira de “A Doutrina Secreta”, tradução do texto adulterado por Annie Besant (Ed. Pensamento), é usada a palavra SEIDADE, um neologismo que não apresenta qualquer relação aparente com o verbo “ser”. Cabe registrar que, em inglês, o verbo “to be” significa não apenas “ser” e “estar”, mas também “existir”. Em consequência disso, traduzir o termo “Be-ness” por uma palavra derivada de “existir” é admissível. Além disso, o volume “The Secret Doctrine Commentaries” (I.S.I.S., The Netherlands, 2010), transcreve uma conversa de H.P. Blavatsky com alguns seus - em uma reunião em Londres - sobre a tradução do mesmo termo sânscrito SAT por BE-NESS. Ela diz: “Eles riram de ‘Be-ness’ e no entanto não há outra maneira no mundo de traduzir a palavra *Sat* exceto como Be-ness, porque ela não significa existência, já que existência implica algo que sente que existe. Existência deve dar a ideia de haver um começo, uma criação, e um final (.....).” (pp. 23-24). Assim, HPB associa claramente “BE-NESS” com “Existência”, ao dizer que não se trata de existência, mas sim da condição da existência. Isso, em português, seria “existencialidade”, ou a “potencialidade da existência e a sua condição essencial”. A palavra “Sat” também pode ser definida como “a realidade eterna no universo infinito, da qual não se pode dizer que existe, porque é a substância do Absoluto, Be-ness” (Ver o item “Sat” no “Theosophical Glossary”, Theosophy Company, Los Angeles). (Nota do Tradutor)

física nesta Terra ou em nosso plano de existência. Se fosse possível supor que o Todo Eterno Infinito, a Unidade Onipresente, ao invés de existir na Eternidade se transforma através da manifestação periódica em um Universo multidimensional, ou em uma personalidade múltipla, aquela Unidade deixaria de ser uma Unidade. A ideia de Locke segundo a qual “o Espaço puro não é capaz de resistência nem de Movimento” é uma ideia errada. O Espaço não é nem um “vazio ilimitado” nem uma “plenitude condicionada”, mas ambos; porque ele está no plano da abstração absoluta, da Divindade sempre incognoscível, que é um vazio apenas para as mentes finitas e no plano da percepção *maivica*. O Espaço é o Plenum, o Recipiente absoluto de tudo o que é; seja manifestado, seja não manifestado. Ele é, portanto, aquele TODO ABSOLUTO. Não há diferença entre a afirmativa do Apóstolo cristão segundo a qual “Nele vivemos, nos movemos e temos o nosso ser” e a do Rishi hindu: “O Universo vive em Brahma, teve sua origem em Brahma, e voltará a Brahma (Brahmâ)”. Porque Brahma (neutro), o imanifestado, é esse Universo *in abscondito*; e Brahmâ, o manifestado, é o Logos, que é transformado em masculino-feminino ⁹⁸ nos dogmas simbólicos ortodoxos. O Deus do Apóstolo-Iniciado, assim como o do Rishi, é tanto o ESPAÇO visível como o ESPAÇO invisível. No simbolismo esotérico, o Espaço é chamado “o Eterno Mãe-Pai de Sete Peles”. Desde a sua superfície indiferenciada até sua superfície diferenciada, ele é composto de sete camadas.

O Catecismo esotérico Senzar pergunta: “O que é que existiu, existe e existirá, quer haja um Universo ou não, e quer haja deuses ou não?” E a resposta dada é: “O ESPAÇO.”

Não é a Natureza *in abscondito* ⁹⁹, o Deus Único e Desconhecido sempre-presente na Natureza, que é rejeitado, mas o Deus do dogma humano e a sua “Palavra” *humanizada*. Em sua infinita presunção e no orgulho e vaidade que lhes são inerentes, seres humanos criaram eles mesmos Deus com suas mãos sacrílegas, com base no material que encontraram em suas próprias e reduzidas estruturas cerebrais, e o impuseram à humanidade como se fosse uma revelação vinda do ESPAÇO não-revelado. ¹⁰⁰ O Ocultista aceita uma revelação como algo vindo de Seres divinos,

⁹⁸ Veja a narrativa de Manu sobre como Brahmâ divide o seu corpo em um macho e uma fêmea, sendo ela a fêmea Vâch, na qual ele cria Viraj; e compare isso com o esoterismo dos capítulos II, III e IV do Gênesis. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁹⁹ Natureza *in abscondito*; Natureza oculta, invisível. (Nota do Tradutor)

¹⁰⁰ O Ocultismo está realmente no ar, neste final de século. Entre muitas outras obras publicadas recentemente, recomendamos especialmente uma, aos estudantes de Ocultismo teórico que não quiserem aventurar-se além do reino do nosso plano humano específico. Está intitulado “New Aspects of Life and Religion” (“Novos Aspectos da Vida e da Religião”), e o autor é o médico Henry Pratt. Está repleto de princípios esotéricos e de filosofia esotérica, esta última um tanto limitada, nos capítulos finais, pelo que parece ser um espírito de positivismo condicionado. No entanto, o que o livro diz sobre o Espaço como “a Primeira Causa Desconhecida” merece ser citado. “Este algo desconhecido, assim

mas ainda assim finitos; de vidas manifestadas, nunca da VIDA UNA Imanifestável; daquelas entidades que são chamadas de Homem Primordial, de Dhyani-Buddhas, ou Dhyani-Chohans; e que são os “Rishi-Prajâpati” dos hindus, os Elohim ou “Filhos de Deus”, os Espíritos Planetários de todas as nações, que se tornaram Deuses para os homens. O Ocultista também vê a Adi-Shakti ¹⁰¹ - a emanção direta de Mulaprakriti, a Raiz eterna DAQUILO e aspecto feminino da Causa Criadora Brahmâ, em sua forma akáshica ¹⁰² ou Alma Universal, filosoficamente como uma Maya e como causa da Maya humana. Mas este ponto de vista não o impede de acreditar na sua existência enquanto ela dura, isto é, durante um Maha-manvântara ¹⁰³; nem de empregar Akasha, a radiação de Mulaprakriti ¹⁰⁴, para propósitos

reconhecido como, e identificado com, a primeira corporificação da Unidade Simples, é invisível e impalpável” (espaço *abstracto*, sem dúvida); e porque é invisível e impalpável, é também incognoscível. E esta qualidade de incognoscível levou ao erro de supor que ele seja um simples vazio, que tenha uma função meramente receptiva. Mas, mesmo quando o vemos como vazio absoluto, o espaço deve ser reconhecido como sendo auto-existente, infinito e eterno, ou como algo que teve uma primeira causa fora, atrás ou mais além de si mesmo.

“E no entanto, se que esta causa pudesse ser encontrada e definida, isso apenas nos levaria a transferir para ela as características até aqui atribuídas ao espaço, e assim somente lançaríamos a dificuldade da origem um passo mais para trás, sem obter mais esclarecimento quanto à causa primária.” (p. 5)

Isso é precisamente o que foi feito pelos que acreditam em um Criador antropomórfico, um Deus extra-cósmico, ao invés de intra-cósmico. Muitos dos assuntos abordados pelo Sr. Pratt - a maior parte deles, pode-se dizer - são velhas ideias e teorias cabalísticas que ele apresenta em roupagem totalmente nova: “New Aspects” (“Novos Aspectos”) do Oculto na Natureza, de fato. O espaço, no entanto, visto como uma “Unidade Substancial” - a “Fonte viva da Vida” - é como a “desconhecida Causa sem Causa”, o princípio mais antigo do Ocultismo, anterior por milênios ao *Pater-Aether* dos gregos e latinos. O mesmo pode ser dito da “Força e Matéria como Potências do Espaço, inseparáveis, e como os Desconhecidos reveladores do Desconhecido”. Todos eles são encontrados na filosofia ariana, personificados como Visvakarman, Indra, Vishnu, etc., etc. De qualquer modo eles são expressos de forma muito filosófica, e sob muitos aspectos pouco usuais, na obra a que nos referimos. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁰¹ No original, Adi-Sakti. Usamos um “sh” para assinalar a pronúncia, ficando a palavra “Adi-shakti”. (Nota do Tradutor)

¹⁰² Akáshica; no original, “A’kásic”. Estamos aportuguesando a transliteração, e colocamos “sh” para indicar o som da penúltima sílaba. O mesmo vale para “A’kâsa” -- “Akasha”. (Nota do Tradutor).

¹⁰³ Maha-manvântara: Grande Manvântara. (Nota do Tradutor)

¹⁰⁴ Em contraste com o universo manifestado e material, o termo *Mulaprakriti* (derivado de *Mula*, “a raiz”, e *prakriti*, “natureza”), significa a matéria primordial imanifestada, que os alquimistas ocidentais chamam de Terra de Adão. O termo é aplicado pelos Vedantinos a *Parabrahm*. A matéria é dual na metafísica religiosa, e setenária nos ensinamentos

práticos, já que a Alma do Mundo está conectada com todos os fenômenos naturais, sejam eles conhecidos ou desconhecidos pela ciência.

As religiões mais antigas do mundo - exotericamente, já que a raiz ou base esotérica é uma só - são o hinduísmo, o zoroastrismo, e a religião egípcia. Em seguida, e como resultado delas, vêm os caldeus, hoje totalmente ausentes do mundo com a exceção do desfigurado sabeianismo ¹⁰⁵, hoje apresentado pelos arqueólogos. Depois, passando por um bom número de religiões que serão mencionadas mais adiante, vem a religião judaica, que segue esotericamente a linha do Magismo da Babilônia, como na Cabala; exotericamente, como no Gênesis e no Pentateuco, uma coleção de lendas alegóricas. Lidos à Luz do Zohar, os quatro capítulos iniciais do Gênesis são parte de uma seção altamente filosófica da Cosmogonia do Mundo. (Veja o Livro III, “A Gupta Vidya e o Zohar”) ¹⁰⁶. Mantidos em sua forma simbólica, eles são como uma história para crianças, um espinho cravado na ciência e na lógica, um efeito evidente do Carma. Que eles sirvam de prólogo para o Cristianismo foi uma vingança cruel da parte dos rabinos, que sabiam mais sobre o significado do seu Pentateuco. Foi um protesto silencioso contra a espoliação, e os judeus têm hoje certamente vantagem sobre os seus tradicionais perseguidores. As crenças exotéricas citadas acima serão explicadas à luz da doutrina Universal à medida que prosseguirmos.

O Catecismo Oculto contém as seguintes perguntas e respostas:

“O que é que sempre existe?” “O Espaço, o eterno Anupadaka”.¹⁰⁷ “O que é que sempre existiu?” “O Germe na Raiz”. “O que é que está sempre vindo e indo?” “A Grande Respiração”. “Então, há três Eternos?” “Não, os três são um. Aquilo que

esotéricos, como todas as outras coisas do universo. Como *Mulaprakriti*, a matéria é indiferenciada e eterna; como *Vyakta*, ela se torna diferenciada e condicionada, de acordo com o *Svetasvatara Upanixade*, I, 8, e *Devi Bhagavat Purâna*. O autor das quatro palestras sobre o Bhagavad Gita diz, ao falar de *Mulaprakriti*: “Desde o ponto de vista objetivo do Logos, *Parabrahman* aparece para o Logos como *Mulaprakriti*. Naturalmente este *Mulaprakriti* é material para nós, assim como qualquer objeto material é material para nós. *Parabrahman* é uma realidade incondicionada e absoluta, e *Mulaprakriti* é uma espécie de véu lançado sobre ele.” (“The Theosophist”, Vol. VIII, p. 304.) (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁰⁵ Sabeianismo; religião de um povo antigo da península arábica. Promove a adoração do Sol e de outros corpos celestes, como representantes de um princípio universal supremo e indescritível. (Nota do Tradutor)

¹⁰⁶ Livro III; referência ao volume III de “A Doutrina Secreta”, que H. P. Blavatsky não chegou a publicar, e teve destino ignorado. Para mais detalhes, veja a nota 10, de Boris de Zirkoff, à p. 679 do volume I de “The Secret Doctrine”, Adyar, TPH, 1979. (Nota do Tradutor)

¹⁰⁷ Anupadaka; o termo significa “sem pais” - veja mais adiante. (Nota de H. P. Blavatsky)

sempre existe é um, aquilo que sempre existiu é um, e aquilo que está sempre existindo e se transformando também é um: e ele é o Espaço.”

“Explica, ó Lanu (discípulo).” - “O Um é um Círculo (anel) ininterrupto, sem circunferência, porque não está em lugar algum e está em todas as partes; o Um é o plano sem limites do Círculo, manifestando um diâmetro apenas durante os períodos manvântáricos; o Um é o ponto indivisível que não é encontrado em parte alguma, que é percebido em todas as partes durante estes períodos; ele é o Vertical e o Horizontal, o Pai e a Mãe, a cúpula e a base do Pai, as duas extremidades da Mãe, que não chegam na realidade a lugar algum, porque o Um é o Anel assim como também os anéis que estão dentro daquele Anel. Luz na escuridão e escuridão na luz; a ‘respiração que é eterna’. Ela surge de fora para dentro, quando está por toda parte (isto é, maya¹⁰⁸, um dos centros¹⁰⁹). Ela se expande e se contrai (exalação e inalação). Quando ela se expande, a mãe difunde e espalha; quando ela se contrai, a mãe recua e se interioriza. Isso produz os períodos de Evolução e Dissolução, Manvântara e Pralaya. O Germe é invisível e tem a natureza do fogo; a Raiz (o plano do círculo) é fria; mas durante a Evolução e o Manvântara as suas vestes são frias e radiantes. A Respiração Quente é o Pai que devora os filhos do Elemento que têm muitas faces (os heterogêneos), e deixa os que têm uma só face (os homogêneos). A Respiração Fria é a Mãe, que concebe, forma, produz, e os recebe de volta em seu âmago, para reformá-los no momento da Aurora (do dia de Brahma, ou Manvântara)”.

Para uma compreensão mais clara por parte do leitor, deve ser dito que a Ciência Oculta reconhece *sete* Elementos Cósmicos - quatro deles inteiramente físicos, e o quinto (Éter), semi-material, já que irá tornar-se visível no ar perto do final da nossa Quarta Ronda, reinando supremo sobre os outros elementos durante a Quinta Ronda. Os dois elementos restantes estão ainda absolutamente além da percepção humana.

¹⁰⁸ A filosofia esotérica vê como Maya (a ilusão da ignorância) todas as coisas finitas. Em consequência disso, ela deve ver da mesma forma necessariamente todo planeta ou corpo celeste intra-Cósmico, na medida em que é organizado, e portanto finito. Portanto, a expressão “Ela surge de fora para dentro”, etc., se refere na primeira parte da frase ao alvorecer do período manvântárico, ou à grande re-evolução, depois de uma das periódicas dissoluções completas de todas as formas compostas na Natureza (desde os planetas até as moléculas), quando elas se reduzem à sua última essência ou elemento último. Na segunda parte da frase, a expressão se refere ao manvântara local ou parcial, que pode ser um manvântara solar ou mesmo planetário. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁰⁹ Aqui a palavra “centro” significa um centro de energia ou um foco Cósmico. Quando a chamada “Criação”, ou formação de um planeta, é realizada por aquela força que os Ocultistas designam como VIDA, e que a Ciência chama de “energia”, então o processo ocorre de dentro para fora, e cada átomo, afirma-se, contém em si mesmo a energia criativa da respiração divina. Como resultado, por um lado, depois de um pralaya absoluto, ou quando o material pré-existente consiste apenas de UM Elemento, e a RESPIRAÇÃO “está por toda parte”, e esta última atua “de fora para dentro”; por outro lado, depois de um pralaya pequeno, quando tudo permaneceu em *statu quo*, ou paralisado - em um estado refrigerado, digamos assim, como a lua. Com a primeira vibração do manvântara, o planeta ou planetas começam a ressurreição da vida de dentro para fora. (Nota de H. P. Blavatsky)

No entanto, eles aparecerão como pressentimentos durante a sexta e a sétima Raças da Ronda atual, e se tornarão conhecidos respectivamente na sexta e na sétima Rondas. ¹¹⁰ Estes sete elementos, com os seus inúmeros Sub-Elementos (muito mais numerosos do que os conhecidos pela Ciência) são simplesmente modificações *condicionais* do ÚNICO Elemento existente. Este último não é o *Éter* ¹¹¹, nem sequer o Akasha, mas a Fonte destes dois. O Quinto Elemento, cuja existência é agora defendida bastante livremente pela ciência, não é o Éter levantado como hipótese por Sir Isaac Newton, embora Newton o chame por este nome provavelmente depois de associá-lo em sua mente com o *Aether*, o “Pai-Mãe” da antiguidade. Como diz Newton, demonstrando intuição, “A Natureza faz um trabalho perpetuamente circulatório, gerando fluídos a partir de sólidos, coisas fixas a partir de coisas voláteis, coisas voláteis a partir de coisas fixas, coisas sutis a partir de coisas grosseiras, e coisas grosseiras a partir de coisas sutis. Assim, talvez, todas as coisas possam ser originadas do Éter”. (Hypoth, 1675.) ¹¹²

O leitor deve levar em conta que as Estâncias dadas tratam apenas da Cosmogonia do nosso próprio Sistema planetário, e do que é visível ao seu redor, depois de um

¹¹⁰ É curioso perceber que, nos ciclos evolutivos das ideias, o pensamento antigo parece estar refletido nas especulações modernas. Terá o Sr. Herbert Spencer lido e estudado textos antigos dos filósofos hindus, quando ele escreveu uma certa passagem em seu livro “First Principles” (“Primeiros Princípios”) (p. 482)? Também pode ser que tenha tido um relâmpago de percepção interna, que fez com que ele dissesse o seguinte, de modo parcialmente incorreto: “como o movimento, tal qual a matéria, têm uma quantidade constante (?), e como parece ser que a mudança na distribuição da Matéria que é provocada pelo Movimento chega a um limite seja qual for direção em que ela ocorre (?), o indestrutível Movimento necessita de uma distribuição inversa. Aparentemente, as forças universalmente co-existentes da atração e da repulsão, que, como vimos, necessitam de um ritmo em todas as mudanças menores ao longo do Universo, também necessitam de um ritmo na totalidade das suas mudanças -, produzindo agora um período imensurável durante o qual as forças de atração predominam, o que causa uma concentração universal, e mais adiante um período imensurável durante o qual as forças de repulsão predominam, o que causa uma difusão universal. Há uma alternância entre era de Evolução e de dissolução”. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹¹¹ Sejam quais forem os pontos de vista da Ciência física a respeito, a Ciência Oculta vem ensinando há eras que o A’kâs a [*Akasha*] - do qual o Éter é a sua forma mais grosseira - , o quinto Princípio Cósmico Universal (ao qual corresponde e do qual surge a mente humana, Manas), é, cosmicamente, uma matéria diatérmica, plástica, fria, radiante, criativa em sua natureza física, correlativa em seus aspectos e suas porções mais grosseiras, imutável em seus princípios superiores. Na condição anterior, ela é chamada de Sub-Raiz; e, em conjugação com o calor radiante, ela faz com que “mundos mortos revivam”. No seu aspecto superior ela é a Alma do Mundo; no seu aspecto inferior, o DESTRUIDOR. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹¹² Na bem cuidada edição de 1979 de “The Secret Doctrine” (TPH), Boris de Zirkoff dá mais detalhes bibliográficos sobre o texto de que faz parte esta afirmação de Newton. Zirkoff informa que se trata de uma carta datada de 7 de dezembro de 1675, e indica o seu título completo: “An Hypothesis explaining the Properties of Light discoursed of in my several Papers”. Fonte: “Register of the Royal Society”, Vol. V, p. 65. (Nota do Tradutor)

Pralaya Solar. Os ensinamentos secretos sobre a Evolução do Cosmo Universal não podem ser dados, porque não poderiam ser compreendidos pelas mentes mais elevadas da época atual; e parece haver muito poucos Iniciados, mesmo entre os maiores, que têm permissão para especular a respeito. Além disso, os Instrutores dizem abertamente que nem sequer os mais elevados Dhyani-Chohans¹¹³ penetraram jamais os mistérios que estão além das fronteiras graças às quais os bilhões de sistemas solares estão separados do “Sol Central”, conforme ele é chamado. Portanto, o que é dado diz respeito apenas ao nosso Cosmo visível, depois de uma “Noite de Brahma”.

Antes que o leitor passe a considerar as Estâncias do Livro de Dzyan, que formam a estrutura da presente obra, é absolutamente necessário que ele seja informado das poucas concepções fundamentais que estão na base e permeiam todo o sistema de pensamento para o qual é chamada a sua atenção. Estas ideias básicas são poucas em número, e é da clara percepção delas que depende tudo o que se segue; portanto, não é necessário pedir desculpas por solicitar ao leitor que se familiarize primeiro com elas, antes de começar o exame da obra propriamente dita.

A Doutrina Secreta estabelece três proposições fundamentais:

(a) Um PRINCÍPIO Onipresente, Eterno, Ilimitado e Imutável, sobre o qual toda especulação é impossível, porque ele transcende o poder da concepção humana e só poderia ser distorcido por qualquer expressão ou comparação humanas. Está além dos limites e do alcance do pensamento - nas palavras do Mandukya, é “impensável e indescritível”.

Para que estas ideias fiquem mais claras para o leitor geral, ele deve começar com o postulado de que há uma Realidade absoluta que antecede todo ser manifestado, condicionado. Esta Causa Infinita e Eterna - vagamente formulada nas ideias de “Inconsciente” e “Incognoscível” da filosofia européia atual - é a raiz sem raiz de “tudo o que foi, é, ou será algum dia”. Ela é naturalmente destituída de quaisquer atributos, e essencialmente não possui qualquer relação com o Ser manifestado e finito. Ela é a “existencialidade”, mais do que Ser (em sânscrito, *Sat*)¹¹⁴, e está além de todo pensamento e especulação.

Essa “existencialidade” é simbolizada na Doutrina sob dois aspectos. De um lado, Espaço absoluto e abstrato, o que representa pura subjetividade, a única coisa que nenhuma mente humana pode nem conceber por si mesma, nem excluir das suas concepções. De outro lado, absoluto Movimento Abstrato, representando a

¹¹³ Conforme H. P. B. indicou mais acima, os Dhyani-Buddhas, Dhyani-Chohans ou Dhyani-Chohans são “os ‘Rishi-Prajâpati’ dos hindus, os Elohim ou ‘Filhos de Deus’, os Espíritos Planetários de todas as nações, que se tornaram Deuses para os homens.” (Nota do Tradutor)

¹¹⁴ Veja mais acima a nota em que discutimos a tradução do termo “Be-Ness” (*Sat*) como “Existencialidade” (Nota do Tradutor).

Consciência Incondicionada. Até mesmo os nossos pensadores ocidentais têm mostrado que a Consciência é inconcebível para nós, se estiver separada da mudança; e é o movimento que melhor simboliza a mudança, a sua característica essencial. Este último aspecto da Realidade una também é simbolizado pela expressão “A Grande Respiração”, uma imagem tão clara que não necessita mais explicações. Assim, o primeiro axioma fundamental da Doutrina Secreta é este UNO ABSOLUTO - A EXISTENCIALIDADE - , simbolizado pela inteligência finita através da Trindade teológica.

No entanto, mais algumas explicações podem ser úteis ao estudante.

Ultimamente, Herbert Spencer tem modificado tanto seu Agnosticismo que chega ao ponto de afirmar que a natureza da “Causa Primeira”¹¹⁵ - que o Ocultismo, de modo mais lógico, vê como sendo derivada da “Causa Sem Causa”, o “Eterno” e “Incognoscível” - pode ser essencialmente a mesma causa da Consciência que brota dentro de nós: em resumo, que a realidade impessoal que permeia o Cosmo é o puro númeno do pensamento. Este progresso da sua parte coloca-o muito próximo da doutrina esotérica e vedantina.¹¹⁶

Parabrahm (a Realidade Una, o Absoluto) é o campo da Consciência Absoluta, isto é, aquela Essência que está fora de qualquer relação com a existência condicionada, e da qual a existência consciente é um símbolo condicionado. Mas uma vez que nós passemos em pensamento para além desta (para nós) Absoluta Negação, surge a dualidade no contraste entre Espírito (ou consciência) e Matéria; Sujeito e Objeto.

O Espírito (ou Consciência) e a Matéria devem no entanto ser vistos não como realidades independentes, mas como as duas facetas ou os dois aspectos do Absoluto (Parabrahm), que constitui a base do Ser condicionado, seja ele subjetivo ou objetivo.

Considerando esta tríade metafísica como a Raiz da qual procede toda manifestação, a grande Respiração assume o caráter da Ideação pré-cósmica. Ela é a *fons et origo* da energia e de toda consciência individual, e dá a inteligência orientadora no vasto esquema da Evolução cósmica. Por outro lado, a substância-raiz pré-cósmica (*Mulaprakriti*) é aquele aspecto do Absoluto que está na base de todos os planos objetivos da Natureza.

¹¹⁵ A palavra “primeira” indica necessariamente algo que é “o primeiro a ser produzido”, “o primeiro no tempo, no espaço e em hierarquia”, e portanto finito e condicionado. O “primeiro” *não pode ser o absoluto*, porque é uma manifestação. Portanto, o Ocultismo Oriental chama o Todo Abstrato de “Causa Una Sem Causa”, a “Raiz Sem Raiz”, e limita a “Causa Primeira” ao *Logos*, no sentido que Platão dá a este termo. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹¹⁶ Veja as quatro eficientes palestras do Sr. Subba Row sobre o Bhagavad Gita, na revista “The Theosophist”, de fevereiro de 1887. (Nota de H. P. Blavatsky)

Assim como a Ideação Pré-Cósmica é a raiz de toda consciência individual, assim também a Substância Pré-Cósmica é o substrato da matéria nos vários graus da sua diferenciação.

A partir disso, fica claro que o contraste entre estes dois aspectos do Absoluto é essencial para a existência do “Universo Manifestado”. Separada da Substância Cósmica, a Ideação Cósmica não poderia manifestar-se como consciência individual, já que é só através de um veículo¹¹⁷ material que a consciência surge como “eu sou eu”, sendo necessária uma base física para focar um raio da Mente Universal em determinado estágio de complexidade. Novamente, separada da Ideação Cósmica, a Substância Cósmica permaneceria como uma abstração vazia, e nenhum surgimento da consciência poderia ocorrer.

O “Universo Manifestado”, portanto, é permeado pela dualidade, e a dualidade constitui, digamos, a própria essência da sua EX-istência como “manifestação”. Mas assim como os polos opostos do sujeito e do objeto, do espírito e da matéria, são apenas aspectos da Unidade Única na qual eles são sintetizados, assim também, no Universo manifestado, há “aquilo” que liga o espírito à matéria, o sujeito ao objeto.

Esse algo, atualmente desconhecido para a especulação ocidental, é chamado pelos ocultistas de Fohat. Ele é a “ponte” pela qual as “Ideias” que existem no “Pensamento Divino” são impressas na substância Cósmica como “leis da Natureza”. Fohat é, assim, a energia dinâmica da Ideação Cósmica; ou, visto do outro ponto de vista, é o meio inteligente, o poder orientador de toda manifestação, o “Pensamento Divino” transmitido e tornado manifesto pelos Dhyan Chohans¹¹⁸, os Arquitetos do mundo visível. Assim, do Espírito, ou Ideação Cósmica, vem a nossa consciência; da Substância Cósmica, vêm os vários veículos nos quais aquela consciência é individualizada e alcança a auto-consciência ou consciência reflexiva; enquanto que Fohat, em suas várias manifestações, é elo misterioso entre a Mente e a Matéria, o princípio animador que eletrifica cada átomo, dando-lhe vida.

O seguinte resumo transmitirá uma ideia mais clara ao leitor.

(1.) O ABSOLUTO ; o *Parabrahm* dos vedantinos ou a Realidade una, SAT, que é, como diz Hegel, tanto o Absoluto Ser como o Absoluto Não-Ser.

(2.) A primeira manifestação, o Logos impessoal e, em filosofia, o Logos *imanifestado*, precursor do “manifestado”. Esta é a “Primeira Causa”, o “Inconsciente” dos panteístas europeus.

¹¹⁷ Chamado em sânscrito de “Upadhi”. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹¹⁸ Chamados pela teologia cristã de Arcanjos, Serafins, etc. (Nota de H. P. Blavatsky)

(3.) Espírito-matéria, VIDA ; o “Espírito do Universo”, o Purusha e Prakriti, ou *segundo* Logos.

(4.) Ideação Cósmica, MAHAT ou Inteligência, a Alma-do-Mundo Universal ; o Númeno Cósmico da Matéria, também chamado de MAHA-BUDDHI.

A REALIDADE UNA ; os seus aspectos *duais* no Universo condicionado.

A Doutrina Secreta afirma também: -

(b) A Eternidade do Universo *in toto* como um plano ilimitado ; sendo periodicamente “cenário de inúmeros Universos que se manifestam e desaparecem incessantemente”, chamados de “estrelas em manifestação” e “centelhas da Eternidade”. “A Eternidade do Peregrino” ¹¹⁹ é como um piscar do Olho da Auto-Existência (Livro de Dzyan). “A aparição e a desapareção de Mundos é como o fluxo e o refluxo regulares da maré. (Veja, na Parte II, “Dias e Noites de Brahmâ”.)

Esta segunda afirmação da Doutrina Secreta estabelece a absoluta universalidade daquela lei da periodicidade, do fluxo e refluxo, da maré alta e baixa, que a ciência física tem observado e registrado em todos os departamentos da natureza. Alternâncias como as de Dia e Noite, Vida e Morte, Sono e Despertar, são fatos tão comuns, tão perfeitamente universais e sem exceção que é fácil compreender que neles nós vemos uma das leis absolutamente fundamentais do universo.

Além disso, a Doutrina Secreta ensina também: -

(c) A identidade fundamental de todas as Almas com a Alma-Superior Universal, sendo esta última, em si mesma, um aspecto da Raiz Desconhecida ; e a peregrinação obrigatória de cada Alma - uma centelha da Alma-Superior Universal - através do Ciclo da Encarnação (ou “da Necessidade”), de acordo com a lei Cíclica e Cármica, durante todo o período. Em outras palavras, nenhum Buddhi (alma divina) puramente espiritual pode ter uma existência independente (consciente) antes que a centelha, que surgiu da pura Essência do Sexto princípio Universal, - ou ALMA-SUPERIOR - tenha, (a) passado através de cada forma elemental do mundo fenomênico daquele Manvântara, e (b) adquirido

¹¹⁹ “Peregrino” é um termo para designar a nossa Mônada (os dois em um) durante seu ciclo de encarnações. É o único princípio imortal e eterno em nós, sendo uma parte indivisível do todo integral - o Espírito Universal, do qual ela emana, e no qual ela é absorvida no final do ciclo. Quando se afirma que a Mônada emana do espírito uno, está sendo necessário usar uma expressão inadequada e incorreta, por falta de palavras adequadas em inglês. Os vedantinos a chamam de Sutratma (Fio-da-Alma), mas sua explicação, também, difere um pouco da explicação dos ocultistas. No entanto, deixamos para os vedantinos a tarefa de explicar a diferença. (Nota de H. P. Blavatsky)

individualidade, primeiro por impulso natural, e depois por impulsos auto-induzidos e auto-planejados (limitados pelo seu Carma), ascendendo assim através de todos os graus de inteligência, desde o Manas mais inferior até o Manas mais elevado, do mineral e do vegetal até o mais sagrado arcanjo (Dhyani-Buddha). A doutrina central da filosofia Esotérica não admite privilégios ou dons especiais no homem, exceto aqueles que tenham sido conquistados por seu próprio Ego através de esforço e mérito pessoal ao longo de toda uma longa série de metempsicoses e reencarnações. É por isso que os hindus dizem que o Universo é Brahma e Brahmâ, por que Brahma está em cada átomo do universo, e os seis princípios na Natureza são todos resultados - os aspectos diversamente diferenciados - do SÉTIMO e UNO, a única realidade no Universo, seja Cósmico ou micro-cósmico; e também é por isso que as permutações (psíquicas, espirituais e físicas), no plano da manifestação e da forma, do sexto (Brahmâ, o veículo de Brahma) são vistas por antífrase metafísica como ilusórias e Maiávicas. Porque embora a raiz de cada átomo individualmente, e de cada forma coletivamente, seja aquele sétimo princípio ou a Realidade una, ainda assim, no seu mundo fenomênico manifestado e na sua aparência temporária, ela não é mais que uma ilusão passageira dos nossos sentidos. (Para uma definição mais clara, veja o Adendo “Deuses, Mônadas e Átomos”, e também “Teofania”, “Bodhisatvas e Reencarnação”, etc., etc.)

Na sua dimensão absoluta, o Princípio Único, sob seus dois aspectos (de Parabrahm e Mulaprakriti) é sem sexo, incondicionado e eterno. A sua emanção periódica (manvantárica) - ou radiação primária - também é una, andrógina e fenomenicamente finita. Por sua vez quando a radiação ocorre todas as suas irradiações são também andróginas, tornando-se masculinas e femininas em seus aspectos inferiores. Depois de um Pralaya, seja o Pralaya grande ou o menor (esse último deixa os mundos em *statu quo*¹²⁰), o primeiro que re-desperta para a vida ativa é o Akasha plástico, o Pai-Mãe, o Espírito e a Alma do Éter, ou o plano da superfície do Círculo. O Espaço é chamado de “a Mãe”, antes da sua atividade cósmica, e Pai-Mãe no primeiro estágio do re-despertar. (Veja os Comentários à Estância II.) Na Cabala, o Espaço é também Pai-Mãe-Filho. Mas enquanto para a doutrina Oriental estes constituem o sétimo princípio do Universo manifestado, ou o seu “Atma-Buddhi-Manas” (Espírito, Alma, Inteligência), a tríade que se ramifica e se divide nos sete princípios cósmicos e humanos, para a Cabala Ocidental dos místicos cristãos, trata-se da Tríade ou Trindade, e segundo os seus ocultistas, o macho-fêmea, Jeová, Jah-Havah. Esta é a única diferença entre as trindades esotérica e cristã. Os místicos e os filósofos, os panteístas orientais e ocidentais, sintetizam a sua tríade pré-genética na pura abstração divina. Os ortodoxos a antropomorfizam. *Hiranyagarbha, Hari e Sankara* - as três hipóstases do “Espírito do Supremo Espírito” em manifestação (por cujo título Prithivi, a Terra, saúda

¹²⁰ Não são os organismos físicos, e muito menos os seus princípios psíquicos, que permanecem em *statu quo* durante os grandes pralayas cósmicos ou mesmo pralayas solares, mas somente as suas “fotografias” astrais ou akáshicas. Porém durante os pralayas menores, uma vez tomados pela “Noite”, os planetas permanecem intactos, embora mortos, assim como um animal enorme, capturado e soterrado no gelo polar, permanece igual durante eras. (Nota de H. P. Blavatsky)

Vishnu em seu primeiro Avatar) - são as qualidades puramente metafísicas e abstratas de formação, preservação e destruição, e são os três Avasthas (lit. hipóstases) divinos daquilo que “não morre com as coisas criadas” (ou Achiuta, um nome de Vishnu); enquanto que o cristão ortodoxo separa sua Divindade pessoal criadora nos três personagens da Trindade, e não admite nenhuma Divindade mais elevada. Esta última, em Ocultismo, é o Triângulo abstrato; para os ortodoxos, é o Cubo perfeito. O deus criativo ou os deuses agregados são vistos pelo filósofo Oriental como *Bhrantidarsanath* - “falsa compreensão”, algo “concebido como uma forma material devido a aparências errôneas”, o que é explicado como surgindo da visão ilusória da alma Egoísta, pessoal e humana (quinto princípio inferior). Isso foi expresso de maneira bela em uma nova tradução do Vishnu Purâna. “Aquele Brahmâ em sua totalidade tem essencialmente o aspecto de Prakriti, tanto exteriorizado como não exteriorizado (Mulaprakriti), e também o aspecto de Espírito e o aspecto de Tempo. O Espírito, ó nascido-pela-segunda-vez, é o aspecto principal do Supremo Brahma.¹²¹ O aspecto seguinte é duplo - Prakriti, tanto exteriorizado como não exteriorizado, e o tempo é o último.” Na teogonia órfica, Cronos é descrito como sendo também um deus ou agente gerado.

Neste estágio do redespertar do Universo, o simbolismo sagrado o representa como um Círculo perfeito com o ponto (raiz) no centro. Este signo era universal, portanto nós o encontramos também na Cabala. A Cabala Ocidental, no entanto, agora nas mãos dos místicos cristãos, o ignora completamente, embora ele seja claramente mostrado no Zohar. Estes sectários começam pelo final, e apresentam como símbolo do Cosmo pré-genético este signo \oplus , chamando-o de “a União da Rosa e da Cruz”, o grande mistério da geração oculta, de onde vem o nome - rosacruz (Rosa Cruz) !

No entanto, como se pode ver a partir do mais importante e mais bem conhecido dos símbolos rosacruz, existe um que nunca até agora foi compreendido nem mesmo pelos místicos modernos. É o símbolo do “pelicano” que rompe e abre seu próprio peito para alimentar seus sete filhotes - o verdadeiro credo dos Irmãos da Rosacruz e um produto direto da Doutrina Secreta Oriental. Brahma (de gênero neutro) é chamado de Kalahansa, o que significa, como explicado por orientalistas ocidentais, o Eterno Cisne ou ganso (veja a Estância III, comentário 8); e o mesmo ocorre com Brahmâ, o Criador. Um grande erro fica desse modo à mostra. É Brahma (neutro) que deveria ser referido como Hansa-vahana (aquele que usa o cisne como seu Veículo), e não Brahmâ, o criador. Brahmâ é o verdadeiro Kalahansa, enquanto

¹²¹ Assim, Spencer, embora, como Schopenhauer e von Hartmann, apenas reflita um aspecto dos velhos filósofos esotéricos, desse modo lançando seus leitores na praia deserta do desespero agnóstico - reverentemente formula o grande mistério ; “aquilo que persiste imutável em quantidade, mas sempre mudando na forma sob estas aparências sensíveis que o Universo apresenta para nós, é um poder desconhecido e incognoscível, que somos obrigados a reconhecer como sem limite no Espaço e sem começo ou final no tempo.” É só a audaciosa Teologia - nunca a Ciência ou a Filosofia - que busca calcular o Infinito e revelar o Insondável e Incognoscível. (Nota de H.P. Blavatsky)

Brahma (neutro) é hamsa, e “Ahamsa”, como será explicado no comentário. Deve ser levado em conta que os termos Brahmâ e Parabrahman não são usados aqui porque eles pertencem à nossa nomenclatura Esotérica, mas apenas porque são mais familiares para os estudantes ocidentais. Ambos são os perfeitos equivalentes dos nossos termos com uma, três e sete vogais, que correspondem ao TODO UNO, e ao Uno “Todo em Tudo”.

Estes são os conceitos básicos sobre os quais está estabelecida a Doutrina Secreta. Não cabe fazer aqui a defesa deles, nem dar qualquer comprovação do seu caráter intrinsecamente razoável. Tampouco posso fazer uma pausa para mostrar como estes conceitos estão na verdade contidos - embora demasiado frequentemente sob aparências enganosas - em cada um dos sistemas de pensamento ou sistemas filosóficos dignos deste nome.

Uma vez que o leitor tenha obtido uma clara compreensão desses conceitos, e tenha percebido a luz que eles lançam sobre todos os problemas da vida, já não será necessária mais nenhuma justificação deles junto ao leitor, porque sua veracidade será tão evidente quanto a existência do Sol no céu. Passo adiante, portanto, abordando o assunto das Estâncias tal como elas são dadas neste volume, e acrescentando um esboço mínimo delas, com a esperança de tornar a tarefa do estudante mais fácil colocando diante dele, em poucas palavras, a ideia geral que é explicada através delas.

Estância I. A história da evolução cósmica, tal como descrita nas Estâncias, é, digamos assim, a fórmula algébrica abstrata desta Evolução. Assim, o estudante não deve pensar que encontrará na Estância I um relato de todos os estágios e de todas as transformações que ocorrem entre o primeiro começo da evolução “Universal” e o nosso estado atual. Publicar um tal relato seria impossível porque ele não poderia ser compreendido por seres humanos que não entendem nem sequer a natureza do plano de existência imediatamente superior àquele em que, de momento, a sua natureza está situada, e ao qual está limitada.

As Estâncias apresentam, portanto, uma fórmula abstrata que se pode aplicar, *mutatis mutandis*¹²², a toda evolução, isto é: à evolução de nossa pequena terra, à evolução da cadeia de planetas a que pertence a terra, à evolução do Universo solar que contém essa cadeia, e assim sucessivamente, em escala ascendente, até que a mente fica perplexa e exausta pelo esforço.

As sete Estâncias dadas neste volume representam os sete termos desta fórmula abstrata. Elas se referem às sete grandes etapas do processo evolutivo, e as descrevem. Estas etapas são mencionadas nos Puranas como as “Sete Criações”, e na Bíblia como os “Dias da Criação.”

00000000000000000000000000000000

¹²² “Mutatis Mutandis” (latim), isto é, com as adaptações necessárias. (Nota do Tradutor)

A Primeira Estância descreve o estado do TODO UNO durante o Pralaya, antes da primeira vibração da manifestação que volta a despertar.

Basta uma breve reflexão para perceber que um tal estado pode ser apenas simbolizado. Descrivê-lo é impossível. Além disso, pode-se simbolizá-lo usando apenas negações, já que, como ele é o próprio estado do Absoluto, não pode ter nenhum dos atributos específicos que empregamos para descrever objetos de maneira afirmativa. Por isso, só se pode sugerir este estado recorrendo às negações dos atributos mais abstratos, que os seres humanos sentem, mais do que compreendem, e que são os limites mais remotos alcançáveis pelo seu poder de percepção.

Para a mente ocidental, o estágio descrito na Estância II é tão idêntico ao mencionado na primeira Estância que para expressar a ideia da sua diferença se precisaria escrever um tratado. Portanto, convém deixá-lo a cargo da intuição e das faculdades superiores do leitor, pelas quais entenderá, até onde puder, o significado das frases alegóricas empregadas. Em verdade, deve-se ter presente que todas estas Estâncias falam mais às faculdades internas do que à compreensão convencional do cérebro físico.

A Estância III descreve o Re-despertar do Universo para a vida, depois do Pralaya. Ela retrata o surgimento das “Mônadas”, quando elas abandonam o seu estado de absorção dentro do UNO; é o primeiro estágio e também o mais elevado na formação dos “Mundos”, pois o termo *Mônada* pode ser aplicado igualmente ao mais vasto Sistema Solar e ao mais diminuto átomo.

A Estância IV mostra a diferenciação do “Germe” do Universo na hierarquia setenária de Poderes Divinos conscientes, que são as manifestações ativas da Energia Suprema Única. Eles são os construtores, aqueles que dão forma, e em última instância os criadores de todo o Universo manifestado, apenas na acepção em que o termo “Criador” é compreensível. Eles orientam e guiam o Universo. Eles são os Seres inteligentes que ajustam e controlam a evolução, expressando, em si mesmos, aquelas manifestações da LEI UNA que conhecemos como “As Leis da Natureza.”

Em geral, eles são conhecidos como Dhyán Chohans, embora, na Doutrina Secreta, cada um dos seus vários grupos tenha sua própria designação.

Esta etapa da evolução é mencionada na mitologia hindu como a “Criação” dos Deuses.

Na Estância V é descrito o processo da formação do mundo: primeiro, a Matéria Cósmica difusa, depois, o “remoinho” ígneo, a primeira etapa na formação de uma nebulosa. Essa nebulosa se condensa e, depois de passar através de várias transformações, forma um Universo Solar, uma cadeia planetária, ou um único planeta, conforme o caso.

A Estância VI trata das etapas subsequentes na formação de um “Mundo”, que fazem o processo evolutivo de tal mundo descer até a seu quarto grande período, que corresponde ao período em que vivemos atualmente.

A Estância VII continua a história, descrevendo a descida da vida até a aparição do Homem. Assim termina o primeiro Livro de A Doutrina Secreta.

O desenvolvimento do “Homem” desde a sua primeira aparição sobre a terra, nesta Ronda, até o estado que ele ocupa agora, irá constituir o tema do livro II.

000

Nota

As Estâncias que são a tese de cada seção estão apresentadas na sua tradução moderna, pois seria pior que inútil tornar o tema ainda mais difícil introduzindo a fraseologia arcaica do original, cujas palavras e cujo estilo são enigmáticos. São dados trechos das traduções chinesa, tibetana e sânscrita dos Comentários originais em Senzar, e de comentários sobre o Livro de DZYAN. É a primeira vez que este material é traduzido para um idioma europeu. É quase desnecessário afirmar que aqui se introduzem apenas partes das sete Estâncias. Se elas fossem publicadas na íntegra, ninguém as compreenderia, exceto alguns poucos ocultistas de alto nível. Tampouco há necessidade de dizer ao leitor que a autora, ou melhor, a humilde redatora, não entende melhor do que a maior parte dos profanos estas passagens proibidas. Para facilitar a leitura e para evitar a frequente referência a notas de pé de página, decidiu-se que seria melhor unir os textos e os comentários, usando os termos sânscritos e tibetanos mais adequados, sempre que estes não podem ser evitados - em lugar dos termos originais. Especialmente porque tais nomes são todos sinônimos aceitos, enquanto que os originais em Senzar se empregam entre um Mestre e seus chelas (discípulos.)

Assim, se fôssemos traduzir o primeiro versículo usando só os substantivos e os termos técnicos tal como se empregam em uma das versões tibetana e senzar, teríamos:

“Tho-ag em Zhi-gyu dormiu sete Khorlo. Zodmanas zhiba. Todo Nyug seio. Konch-hog não; Thyan-Kam não; Lha-Chohan não; Tenbrel Chugnyi não; Dharmakaya cessado; Tgenchang não se tinha convertido em; Barnang e Ssa em Ngovonyidj; só Tho-og Yinsin na noite de Sun-chan e Yong-grub (Paranishpanna), etc., etc.” Tudo isso soaria como mero *abracadabra*.

Como esta obra foi escrita para instruir os estudantes do Ocultismo, e não para benefício dos filólogos, evitaremos sempre que for possível os termos estranhos. Mantemos apenas os termos intraduzíveis, que não podem ser compreendidos sem a explicação do seu significado. Mas todos estes termos são apresentados na sua

forma sânscrita. Não é necessário lembrar ao leitor que estas palavras são em quase todos os casos desenvolvimentos mais recentes do sânscrito, e pertencem à Quinta Raça-Raiz. A raça atlante não falava o sânscrito que se conhece atualmente, e a maioria dos termos filosóficos usados nos sistemas indianos posteriores ao período do Mahabharata não estão nos Vedas, nem podem ser encontrados nas Estâncias originais, mas só os seus equivalentes são encontrados. O leitor que não é teosofista é convidado mais uma vez a considerar tudo o que se segue como uma história de fadas, se quiser; no melhor dos casos, como uma especulação de *sonhadores*, ainda não demonstrada e, na pior possibilidade, como mais uma hipótese entre as muitas hipóteses científicas, passadas, presentes e futuras, algumas já destruídas, e outras que estão desvanecendo. Esta hipótese não é de modo algum pior do que muitas das assim chamadas teorias científicas; e em cada caso ela é mais filosófica e mais provável.

Tendo em vista a necessidade de numerosos comentários e explicações, as referências das notas de pé de página são dadas da forma usual, enquanto as frases a serem comentadas são dadas com números. Mais material será encontrado nos capítulos sobre Simbolismo na parte II, assim como na Parte III, e eles em muitos casos terão mais informação do que o texto principal.¹²³

Parte I.
Evolução Cósmica
Sete Estâncias
Traduzidas com Comentários
do
Livro Secreto de Dzyan.

¹²³ Aqui termina o Proêmio. (Nota do Tradutor)

“Nãõ havia coisa alguma; o céu claro e distante
Nãõ existia, nem havia o amplo telhado celestial, espalhado ao alto.
O que é que encobria tudo? O que o abrigava? O que o ocultava?
Seria o insondável abismo das águas?
Nãõ havia a morte - porém nada havia de imortal.
Nãõ existia diferença entre o dia e a noite;
Só Aquilo que é Uno respirava sem respirar, sozinho,
E desde então nada jamais existiu fora Daquilo.
Havia escuridão, e no início tudo estava velado
Em trevas profundas -; um oceano sem luz.
O germe ainda coberto pela casca
Despertou, como natureza una, - devido ao intenso calor.
.....
Quem sabe o segredo? Quem o proclamou aqui?
De onde veio, de onde veio - esta criação múltipla?
Os próprios Deuses só passaram a existir mais tarde -.
Quem sabe de onde surgiu, esta grande criação?
Aquilo, de onde veio esta grande criação,
O Mais Elevado Vidente que está no mais alto céu,
Só Ele sabe a resposta -; ou talvez nem Ele saiba.”¹²⁴

“Olhando a eternidade ...,
Antes que as bases da terra fossem estabelecidas,
.....
Tu existias. E quando a chama subterrânea
Romper a sua prisão e devorar a estrutura
Tu ainda existirás como existias antes,
Sem conhecer o que é mudança - quando o tempo já não existir.
Ah! Pensamento infinito, divina ETERNIDADE.”¹²⁵

¹²⁴ Este é um trecho do Rig Veda. Na edição de 1979 de “The Secret Doctrine”, há uma nota de Boris de Zirkoff informando que a fonte é “Rigveda, Mandala X, 129, 1-7, segundo Max Müller em “History of Ancient Sanskrit Literature” (Londres, 1959, p. 564). (Nota do Tradutor)

¹²⁵ Boris de Zirkoff informa (na edição de 1979 de “The Secret Doctrine”, TPH), que este é um trecho de um poema de John Gay (1685-1732), intitulado “A Thought on Eternity”. (Nota do Tradutor)

A EVOLUÇÃO CÓSMICA

EM SETE ESTÂNCIAS TRADUZIDAS DO LIVRO DE DZYAN

00000000000000000000000000000000

ESTÂNCIA I

1. Envolta em suas vestes sempre invisíveis, a eterna origem ¹²⁶ havia dormido, mais uma vez, durante sete eternidades.
2. O tempo não existia, pois estava adormecido no seio infinito da duração.
3. A Mente Universal não existia, porque não havia Ah-Hi para contê-la.
4. Os sete caminhos para a bem-aventurança não existiam. As grandes causas do sofrimento não existiam, pois não havia ninguém que as produzisse ou que ficasse dominado por elas.
5. Só a escuridão enchia o todo ilimitado, porque o pai, a mãe e o filho eram um mais uma vez, e o filho ainda não havia acordado para a nova roda e para a sua peregrinação por ela.
6. Os sete senhores sublimes e as sete verdades tinham deixado de existir, e o Universo, filho da Necessidade, estava imerso em Paranishpanna, para ser exalado por aquilo que existe e no entanto não existe. Não havia nada.
7. As causas da existência haviam sido afastadas; o visível que existiu, e o invisível que existe, descansavam no eterno não-ser - o único ser.
8. Só a forma única de existência se estendia ilimitada, infinita, sem causa, em um sono sem sonhos; e a vida pulsava inconsciente no espaço universal, ao longo daquela total presença que é percebida pelo olho aberto de Dangma.

¹²⁶ Em inglês, “eternal parent”. A palavra “parent” significa “pai, mãe, causa, matriz ou origem”. (Nota do Tradutor)

9. Mas onde estava o Dangma quando o Alaya do universo estava em Paramartha e a grande roda era Anupadaka?

ESTÂNCIA II

1. Onde estavam os construtores, os filhos luminosos do amanhecer Manvantárico? Na escuridão desconhecida, no Paranishpanna dos Ah-Hi. Os que produzem a forma a partir da não-forma - a raiz do mundo - a Devamatri e Svabhâvat, descansavam na bem-aventurança do não-ser.

2. Onde estava o silêncio? Onde os ouvidos para percebê-lo? Não, não havia nem silêncio nem som, nada exceto o incessante alento eterno que não tem consciência de si mesmo.

3. A hora ainda não havia soado; o raio ainda não havia atravessado o Germe; a Matripadma ainda não havia inchado.

4. O coração dela ainda não se abria para que entrasse o raio único, e para que assim caísse, como o três no quatro, no seio de Maya.

5. Os sete filhos ainda não haviam nascido da rede de luz. Só a escuridão era mãe, Svabhâvat; e Svabhâvat estava em escuridão.

6. Estes dois são o Germe, e o Germe é um. O Universo ainda estava escondido no pensamento Divino, e no seio Divino.

ESTÂNCIA III

1. A última vibração da sétima eternidade palpita através da infinidade. A mãe incha, expandindo-se de dentro para fora, como o botão do lótus.

2. A vibração se propaga, tocando com sua asa rápida o universo inteiro e o germe que reside na escuridão: a escuridão que lança seu alento sobre as águas adormecidas da vida

3. A escuridão irradia a luz, e a luz lança um só raio na profundidade da mãe. O raio atravessa o ovo virgem. O raio faz com que o ovo eterno estremeça e lance de si o germe não-eterno, que se condensa no ovo do mundo.

4. Então o três cai no quatro. A essência radiante converte-se em sete por dentro, sete por fora. O ovo luminoso, que é três em si mesmo, coagula e espalha em coágulos brancos como o leite, por todas as profundezas da mãe, a raiz que cresce nas profundezas do oceano da vida.

5.A raiz permanece, a luz permanece, os coágulos permanecem, e, ainda, Oeahoo é um.

6.A raiz da vida estava em cada gota do oceano da imortalidade, e o oceano era luz radiante, que era fogo, e calor, e movimento. A escuridão se desfez e não existiu mais; ela desapareceu na sua própria essência, o corpo de fogo e água, ou pai e mãe.

7.Observa, ó Lanu! O filho radiante dos dois, a glória resplandecente sem igual: o Espaço Claro, Filho do Espaço Escuro, que emerge das profundezas das grandes águas escuras. É Oeahoo, o mais jovem, o * * *. Ele brilha como o filho; é o resplandecente Dragão Divino da Sabedoria; O Um é Quatro, e o Quatro toma para si o Três ¹²⁷, e a União produz o Saptá, no qual o sete se torna o Tridasa (ou as hostes e as multidões). Observa como ele ergue o véu e como o desdobra desde o Leste até o Oeste. Ele oculta o que está acima, e deixa o que está abaixo ser visto como a grande ilusão. Ele marca os lugares para os seres luminosos, e transforma o mais elevado num mar de fogo que não tem praias, e faz com que o um manifestado se transforme nas grandes águas.

8.Onde estava o germe e onde estava agora a escuridão? Onde está o espírito da chama que arde em tua lâmpada, ó Lanu? O germe é aquilo, e aquilo é luz, o filho branco e brilhante do pai oculto e escuro.

9.A luz é uma chama fria, e chama é fogo, e o fogo produz calor, que produz água; a água da vida na grande mãe.

10.O pai-mãe tece uma rede cuja extremidade superior fica unida ao espírito - a luz da escuridão una -, e a sua extremidade inferior fica ligada ao aspecto sombrio, a matéria; e esta rede é o universo tecido com as duas substâncias que se tornaram uma, Svabhâvat.

11.Ele se expande quando o alento do fogo está sobre ele; ele se contrai quando o alento da mãe o toca. Então os filhos se separam e se espalham, retornando para o seio de sua mãe ao final do grande dia, e formando outra vez uma unidade com ela; quando ele está esfriando, ele se torna radiante, e os filhos se expandem e contraem através dos seus próprios seres e corações; eles abraçam a infinitude.

12.Então Svabhâvat manda Fohat para que ele endureça os átomos. Cada um deles é uma parte da rede. Refletindo, como espelhos, o “Senhor que Existe Por Si Mesmo”, cada um deles se torna, por sua vez, um mundo.

ESTÂNCIA IV

¹²⁷ Na tradução do sânscrito para o inglês os números são dados em sânscrito transliterado, Eka, Chatur, etc., etc. Considerou-se melhor colocá-los aqui em inglês. (Nota de H. P. Blavatsky)

1 Filhos da Terra, escutem vocês, aos seus instrutores - os Filhos do Fogo. Aprendam que não existe nem primeiro nem último, pois tudo é um: os números saem do não-número.

2. Aprendam o que nós, que descendemos do sete primordial, nós, que nascemos da Chama Primordial, aprendemos dos nossos pais

3. Do resplendor da luz - o raio da eterna escuridão - surgiram no espaço as energias despertadas outra vez; o um surgiu do ovo, o seis, e o cinco. E então o três, o um, o quatro, o um, o cinco - o duas vezes sete, a soma total. E estas são as essências, as chamas, os elementos, os construtores, os números, o arupa, o rupa e a força do Homem Divino - a soma total. E do Homem Divino emanaram as formas, as centelhas, os animais sagrados, e os mensageiros dos pais sagrados dentro do quatro sagrado.

4. Este foi o exército da voz - a mãe divina dos sete. As centelhas dos sete são súditas e servidoras do primeiro, do segundo, do terceiro, do quarto, do quinto, do sexto e do sétimo dos sete. Estas “centelhas” são chamadas de esferas, triângulos, cubos, linhas, e modeladores; porque assim permanece o Eterno Nidana, o Oeaoohoo, que é:

5. “Escuridão”, o que não tem limite, ou o não-número, Adi-Nidana Svabhâvat: -

I. O Adi-Sanat, o número, porque ele é um.

II. A voz do Senhor Svabhâvat, os números, porque ele é um e nove.

III. O “quadrado sem forma”.

E estes três, situados dentro do **O**, são o quatro sagrado; e os dez são o universo arupa. Neste ponto vêm os “filhos”, os sete lutadores, o um, o oito é deixado de fora, e o seu alento, que é o produtor-da-luz.

6. E então o segundo grupo de sete, que são os Lipika, produzidos pelos três. O filho rejeitado é um. Os Filhos-sóis são inúmeros.

ESTÂNCIA V

1. Por sua vez, os Sete Primordiais, os Sete Primeiros Alentos do Dragão da Sabedoria, produzem - a partir dos seus Sopros Sagrados que se movimentam em círculo - o Redemoinho de Fogo.

2. Eles fazem dele o mensageiro da sua vontade. O Dzyu se torna Fohat. O filho veloz dos filhos Divinos, cujos filhos serão os Lipika, distribui mensagens

circulares. Fohat é o cavalo, e o pensamento é o cavaleiro. Ele passa como um relâmpago através das nuvens de fogo; ele dá três, cinco e sete passos através das sete regiões acima, e das sete regiões abaixo. Ele ergue sua voz e chama as inúmeras centelhas, e se une a elas.

3. Ele é o seu espírito-guia e seu líder. Quando começa a trabalhar, separa as centelhas do Reino Inferior que flutuam e vibram alegres nas suas moradas radiantes, e forma com elas os germes das rodas. Ele as coloca nas seis direções do espaço, e uma no meio - a roda central.

4. Fohat lança linhas espirais para unir o sexto ao sétimo - a coroa; um exército dos Filhos da Luz permanece em cada ângulo, e os Lipika na roda do meio. Eles dizem: Isto é bom, o primeiro mundo divino está pronto, o primeiro agora é o segundo. Então o “Divino Arupa” lança um reflexo de si mesmo em Chhaya Loka, a primeira veste de Anupadaka.

5. Fohat dá cinco passos e constrói uma roda alada em cada canto do quadrado, para os quatro seres sagrados e seus exércitos.

6. Os Lipikas traçam um limite circular em torno do triângulo, o primeiro, do cubo, o segundo, e do pentagrama dentro do ovo. Este é o anel chamado “Não-Passem”, para aqueles que descem e que sobem. E também para aqueles que, durante o Kalpa, estão progredindo em direção ao grande dia “Estejam-Conosco”. Assim foram formados o Rupa e o Arupa. De uma luz, sete luzes. De cada uma das sete, sete vezes sete luzes. As rodas observam o anel

ESTÂNCIA VI

1. Pelo poder da Mãe de Misericórdia e Conhecimento - Kwan-Yin - a “tríplice” de Kwan-Shai-Yin, que reside em Kwan-yin-Tien, e tendo Fohat, o Alento dos seus Filhos, o Filho dos Filhos, evocado, desde o abismo inferior, a forma ilusória de Sien-Tchang e os Sete Elementos: ¹²⁸

2. O Ser Veloz e Radiante produz os Sete Centros Laya, contra os quais nada poderá prevalecer até o grande dia “Estejam-Conosco”, e coloca o Universo sobre estes Alicerces Eternos, que rodeiam Tsien-Tchan junto com os Germes dos Elementos.

3. Dos Sete - o primeiro deles manifestado, seis ocultos; dois manifestados, cinco ocultos; três manifestados, quatro ocultos; quatro visíveis, três ocultos; quatro e um

¹²⁸ O verso um da Estância VI é muito mais recente que as outras estâncias, embora ainda assim seja muito antigo. O texto antigo deste verso usa termos inteiramente desconhecidos para os Orientalistas e não seria compreensível de modo algum para o estudante. (Nota de H.P. Blavatsky)

Tsan revelados, dois e meio ocultos; seis por serem manifestados, um deixado à parte. Finalmente, sete pequenas rodas giram; cada uma dá nascimento a outra.

4. Ele as constrói à semelhança de rodas mais antigas, colocando-as nos Centros Imperecíveis.

Como Fohat as constrói? Ele reúne o pó de fogo. Ele faz bolas de fogo, passa através delas e ao redor delas, dando-lhes vida, e então as coloca em movimento; algumas delas num sentido, outras em outro sentido. Elas são frias, ele as torna quentes. Elas são secas, ele as torna úmidas. Elas brilham, ele as abana e as resfria. Assim age Fohat desde um crepúsculo a outro, durante sete eternidades.

5. Na quarta vez, é dito aos filhos que criem suas imagens. Um terço se recusa a fazê-lo - dois terços obedecem.

A maldição é pronunciada; eles vão nascer na quarta, irão sofrer e causar sofrimento; esta é a primeira guerra.

6. As rodas mais antigas giraram para baixo e para cima As ovas da mãe enchiam o todo. Batalhas eram travadas entre os Criadores e os Destruidores, e batalhas eram travadas por causa do espaço; a velocidade aparecia e reaparecia continuamente.

7. Faz os teus cálculos, Lanu, se queres saber qual é a idade da tua pequena roda. O quarto raio dela é a nossa mãe. Chega até o quarto “Fruto” do quarto caminho de conhecimento que leva ao Nirvana, e então tu irás compreender, porque tu verás. . . .
. . . .

ESTÂNCIA VII

1. Observa o começo da vida sensível sem forma.

Primeiro o Divino, o um que surge da Mãe-Espírito; depois, o Espiritual; os três que surgem do um, os quatro do um, e os cinco, dos quais surgem os três, os cinco e os sete.

São eles que são tu, eu, e ele, ó Lanu. Eles cuidam de ti e da tua Mãe-Terra.

2. O raio uno multiplica os raios menores. A vida precede a forma, e a vida sobrevive ao último átomo da forma. Através dos inúmeros raios surge o raio da vida, o um, assim como o fio que passa por muitas contas.

3. Quando o um se torna dois, aparece o tríplice, e os três são um; e este é o nosso fio, ó Lanu, o coração do homem-planta chamado Saptasarma.

4. É a raiz que nunca morre; a chama de três línguas, das quatro mechas. As mechas são as centelhas que atraem da chama de três línguas projetada pelos sete – a sua

chama - os raios e centelhas de uma lua refletida nas águas correntes de todos os rios da Terra.

5.A centelha pende da chama pelo mais fino fio de Fohat. Ela viaja através dos Sete Mundos de Maya. Ela pára no primeiro, e é um metal e uma pedra; passa para o segundo e veja - uma planta; a planta atravessa sete mudanças e se torna um animal sagrado. Dos atributos combinados destes, é formado Manu, o pensador. Quem o forma? As sete vidas, e a vida una. Quem o completa? O Lha quántuplo. E quem aperfeiçoa o último corpo? O peixe, o pecado, e Soma.

6.Desde o primeiro a nascer, o fio entre o Vigilante Silencioso e a sua sombra se torna a cada mudança mais forte e radiante. A luz do sol da manhã se transformou na glória do meio-dia.

7.Esta é a tua roda atual, disse a Chama à Centelha. Tu és eu mesma, minha imagem e minha sombra. Eu me revesti em ti, e tu és o meu Vahan até o dia “Estejam-Conosco”, quando tu te tornarás outra vez eu mesma e outros, e serás tu mesma e eu. Então os construtores, tendo colocado sua primeira vestimenta, descem sobre a Terra radiante e reinam sobre os homens - que são eles próprios.

Assim termina esta parte da narrativa arcaica, obscura, confusa, quase incompreensível. Será feita agora uma tentativa de lançar luz sobre sua obscuridade, e mostrar o significado que há debaixo da sua aparente FALTA DE SENTIDO.

COMENTÁRIOS

SOBRE AS SETE ESTÂNCIAS E OS SEUS TERMOS, DE ACORDO COM SUA NUMERAÇÃO, EM ESTÂNCIAS E VERSOS.

ESTÂNCIA I

1.Envolta em suas vestes sempre invisíveis, a Eterna Origem (o Espaço) havia dormido, mais uma vez, durante sete eternidades.

O “Espaço Original” é a causa eterna, sempre presente, de tudo -; a causa da incompreensível DIVINDADE, cujas “vestes invisíveis” são a raiz mística de toda matéria, e também do Universo. O Espaço é *a única coisa eterna* que podemos imaginar com facilidade. É imóvel em seu caráter abstrato, e não é influenciado nem

pela presença nem pela ausência em si de um Universo objetivo. Ele não tem dimensões, em todos os sentidos, e é auto-existente. O Espírito é a primeira diferenciação DAQUILO, da causa sem causa que dá origem tanto ao Espírito como à Matéria. Segundo ensina o Catecismo Oculto, o Espaço não é nem um vazio ilimitado nem uma plenitude condicionada, mas as duas coisas. Ele sempre existiu e sempre existirá. (Veja os primeiros parágrafos do Proêmio ¹²⁹.)

Assim, as “Vestes” significam o númeno da Matéria Cósmica indiferenciada. Não se trata da matéria como nós a conhecemos, mas da essência espiritual da matéria, que é co-eterna e existe em unidade com o Espaço no seu sentido abstrato. A matéria-raiz também é a origem das propriedades sutis invisíveis, presentes na matéria visível. Ela é a alma, digamos assim, do Espírito UNO e infinito. Os hindus a chamam de Mulaprakriti, e dizem que ela é a substância primordial, isto é, a base do Upadhi ou veículo de todo fenômeno, seja físico, mental ou psíquico.¹³⁰ Ela é a fonte de onde o Akasha se irradia.

(a) A expressão “sete eternidades” se refere a eons ou períodos. A palavra “eternidade”, tal como entendida na teologia cristã, não tem qualquer significado no contexto asiático, exceto quando significa a existência UNA. A ideia de uma eternidade ilimitada, ou de uma eternidade apenas no futuro, não passa de um equívoco.¹³¹ Tais noções não existem nem poderiam existir na metafísica filosófica, e eram desconhecidas até o surgimento do cristianismo eclesiástico. A Sete Eternidades referidas são os sete períodos, ou um período passando durante sua duração por sete períodos de um Manvântara, e estendendo-se por todo um Maha-Kalpa ou “Grande Era” - 100 anos de Brahmâ - o que completa um total de 311.040.000.000.000 de anos. Cada ano de Brahmâ contém 360 “dias” e o mesmo número de “noites” de Brahmâ (períodos calculados pelo Chandrayana ou ano lunar), e cada “Dia de Brahmâ” consiste de 4.320.000.000 de anos mortais. Estas “Eternidades” são objeto dos cálculos mais secretos, nos quais, para chegar ao verdadeiro total, cada cifra deve ser 7^x (sete à potência x), sendo que x varia de acordo com a natureza do ciclo no mundo subjetivo ou no mundo real; e cada cifra ou número se relaciona com, ou representa, todos os diferentes ciclos, desde o maior até o menor - no mundo objetivo ou irreal - devendo ser necessariamente um

¹²⁹ Página 2 e seguintes do Proêmio, na edição original em inglês (Theosophy Company).
(Nota do Tradutor)

¹³⁰ “Psíquico”; embora o termo seja usado de modo muito amplo por diferentes autores, em Blavatsky ele geralmente significa “relativo ao eu inferior, especialmente às funções sensitivas deste nível ilusório de consciência”. (Nota do Tradutor)

¹³¹ O livro II, capítulo VIII do Vishnu Purana afirma: “Imortalidade significa existir até o final do Kalpa”; e Wilson, o tradutor, destaca em uma nota de pé de página: “Isto, de acordo com os Vedas, é o único significado da ideia de imortalidade (ou eternidade) dos deuses; eles perecem ao final da dissolução universal (ou Pralaya).” E a filosofia esotérica afirma: “Eles não ‘perecem’, mas são *reabsorvidos*.” (Nota de H.P. Blavatsky)

múltiplo de sete. A chave disso não pode ser dada, porque nela está o mistério dos cálculos esotéricos, que, do ponto de vista dos cálculos convencionais, não faz sentido. “O número sete”, diz a Kabala, “é o grande número dos Mistérios Divinos”; o número dez é o do conhecimento humano total (a década pitagórica); o número 1.000 é o número dez à terceira potência, e portanto o número 7.000 é também simbólico. Na Doutrina Secreta o algarismo e o número 4 são o símbolo masculino só no plano mais alto de abstração; no plano da matéria o três é o masculino e o quatro o feminino; o vertical e o horizontal no quarto estágio do simbolismo, quando os símbolos se tornam símbolos dos poderes reprodutivos no plano físico.

ESTÂNCIA I - Continuação.

2.O Tempo não existia, pois estava adormecido no seio infinito da duração. (a)

(a) O tempo é apenas uma ilusão produzida pela sucessão dos nossos estados de consciência, à medida que viajamos pela duração eterna. O tempo não existe onde não haja uma consciência em que a ilusão possa ser percebida; ele “fica adormecido”. O presente é apenas uma linha matemática que divide aquela parte da duração eterna que chamamos de futuro, daquela parte que chamamos de passado. Nada na terra tem real duração, porque nada permanece sem mudar. Nada permanece igual, nem sequer durante uma bilionésima parte de um segundo. A sensação que temos da realidade da divisão do “tempo” conhecido como presente surge do caráter vago daquele vislumbre momentâneo, ou daquela sucessão de vislumbres, de coisas que os nossos sentidos nos transmitem, à medida que as coisas da região de ideais que chamamos de futuro passam para a região de memórias, que chamamos de passado. Do mesmo modo, experimentamos a sensação de duração no caso de uma faísca elétrica instantânea, devido à impressão vaga e contínua na retina. A pessoa real ou coisa real não consiste apenas do que é visto em qualquer momento particular, mas é composta da soma de todas as suas condições variadas e mutáveis, desde a sua aparição na forma material até a sua desapareção da terra. São estas “somatotalis” que existem desde a eternidade no “futuro”, e passam gradualmente pela matéria, para existir na eternidade do “passado”. Ninguém poderia dizer que uma barra de metal jogada no mar começou a existir quando deixou o ar, e deixou de existir quando entrou na água; ou que a barra em si mesma consistia apenas daquela seção transversal que em determinado momento coincidiu com o plano matemático que separa, e ao mesmo tempo comunica, a atmosfera e o oceano. A mesma ideia é válida para pessoas e coisas que, enquanto se transferem daquilo que existe para aquilo que existiu, e do futuro para o passado, apresentam momentaneamente aos nossos sentidos de certo modo uma seção transversal dos seus seres totais, à medida que passam pelo tempo e pelo espaço (como matéria) no seu caminho desde uma eternidade para a outra. Estas duas eternidades constituem a “duração”, a única instância em que qualquer coisa tem real existência, e nós saberíamos disso, se os nossos sentidos pudessem perceber o processo.

ESTÂNCIA I - Continuação.

3. A Mente Universal não existia, porque não havia Ah-hi (seres celestiais) para contê-la (e portanto para manifestá-la). (a)

(a) *Mente* é um nome dado à soma dos estados de Consciência agrupados em torno das noções de Pensamento, Vontade e Sentimento. Durante o sono profundo, a ideação cessa no plano físico, e a memória está em suspensão temporária. Assim, durante algum tempo “a mente não existe”, porque o órgão através do qual o Eu Superior ¹³² manifesta ideação e memória no plano material deixou temporariamente de funcionar. Um númeno só pode tornar-se um fenômeno, em qualquer plano de existência, manifestando-se naquele plano através de uma base ou veículo apropriado. Durante a longa noite de descanso que é chamada de Pralaya, quando todas as existências são dissolvidas, a “MENTE UNIVERSAL” continua sendo uma possibilidade permanente de ação mental, ou ela permanece como aquele pensamento abstrato e absoluto do qual a mente é a manifestação concreta e relativa. Os Ah-Hi (Dhyan-Chohans) são as hostes coletivas de seres espirituais - as Hostes Angélicas do cristianismo, os Elohim e “Mensageiros” dos judeus -, e constituem o veículo da manifestação do pensamento e da vontade divinos ou universais. Eles são as Forças Inteligentes que dão à Natureza e aplicam nela as suas “leis”, enquanto eles próprios atuam de acordo com leis impostas a eles de modo similar por Poderes ainda mais altos; mas eles não são “personificações” dos poderes da Natureza, como alguns pensam erradamente. Esta hierarquia de Seres espirituais, através da qual a Mente Universal entra em ação, é como um exército - uma “Hoste”, verdadeiramente - através da qual o poder de luta de uma nação se manifesta, e que é composta do corpo do exército, de divisões, brigadas, regimentos, e assim sucessivamente, cada um com sua individualidade ou vida separada, e a sua limitada liberdade de ação e suas responsabilidades delimitadas; cada um fazendo parte de uma individualidade maior, à qual os seus próprios interesses estão subordinados, e cada um contendo individualidades menores em si mesmo.

ESTÂNCIA I - Continuação.

4. Os sete caminhos para a bem-aventurança (Moksha ¹³³ ou Nirvana) não existiam (a). As grandes causas do sofrimento (Nidana ¹³⁴ e Maya) não existiam, pois não havia ninguém que as produzisse ou que ficasse dominado por elas (b).

¹³² Eu Superior; “Ego” no original em inglês; *verdadeiro eu*, por oposição ao eu inferior e ilusório. (Nota do Tradutor)

¹³³ Nippang na China; Neibban na Birmânia (Mianmar); ou Moksha na Índia. (Nota de H.P. Blavatsky)

¹³⁴ Os “12” Nidanas (em tibetano, Ten-brel Chu-nyi), principal causa da existência, são efeitos causados por uma concatenação de causas produzidas (ver Comentário II). (Nota de H.P. Blavatsky)

(a) Há sete “Caminhos” ou “modos de chegar” até a bem-aventurança da Não-Existência, que é o absoluto Ser, a absoluta Existência e a absoluta Consciência. Eles não existiam, porque o Universo estava, ainda vazio, e existia apenas no Pensamento Divino. Porque é

(b) Os doze Nidanas ou causas da existência. Cada um deles é o efeito da sua causa anterior, e é uma causa, também, do seu sucessor; a soma total dos Nidanas está baseada nas quatro verdades, uma doutrina especialmente característica do Sistema Hinayana.¹³⁵ Eles pertencem à teoria da corrente da lei concatenada que produz mérito e demérito, e finalmente coloca o Carma em completo funcionamento. Estão baseados na grande verdade de que a reencarnação deve ser temida, já que a encarnação neste mundo apenas deixa como legado para o homem mais sofrimento, dor e miséria; nem a própria Morte é capaz de libertar o homem do sofrimento, já que a morte é apenas a porta através da qual ele passa para outra vida na terra depois de um pequeno descanso no seu limiar - o Devachan. O Sistema Hinayana, ou Escola do “Pequeno Veículo”, é de origem muito antiga; enquanto o Mahayana pertence a um período posterior, tendo surgido após a morte do Buddha. No entanto os princípios deste último são tão velhos quanto as montanhas que abrigam estas escolas desde tempos imemoriais, e as escolas Hinayana e Mahayana (esta última, o “Grande Veículo”) ensinam ambas a mesma doutrina, na realidade. *Yana*, ou Veículo (em sânscrito, *Vahan*) é uma expressão mística. Os dois “veículos” ensinam que o homem pode escapar do sofrimento das reencarnações e mesmo da falsa bem-aventurança do Devachan, obtendo a Sabedoria e o Conhecimento que são indispensáveis para afastar os frutos da Ilusão e da Ignorância.

Maya ou Ilusão é um elemento que faz parte de todas as coisas finitas, porque tudo o que existe só tem uma realidade relativa, e não absoluta. A aparência que o númereno oculto assume para o observador depende do poder de cognição que ele possui. Para o olhar destreinado do selvagem, uma pintura é a princípio uma confusão sem significado combinando linhas e borrões de cores, enquanto um olhar educado vê instantaneamente um rosto ou uma paisagem. Nada é permanente exceto a existência una, oculta e absoluta, que contém em si mesma os númenos de todas as realidades. As existências que pertencem a cada plano do ser, até os mais elevados Dhyanchohans, são, conforme o grau, da mesma natureza que as sombras lançadas por uma lanterna mágica sobre uma tela sem cor; mas todas as coisas são relativamente reais, porque o conhecedor também é um reflexo, e as coisas conhecidas são, portanto, tão reais para ele como ele próprio é. A realidade que as coisas possuem, seja ela qual for, deve ser procurada nas coisas antes ou depois que elas tenham passado como um raio pelo mundo material, mas nós não podemos conhecer este tipo de existência diretamente, enquanto tivermos instrumentos sensoriais que trazem apenas a existência material para o campo da nossa consciência. Seja qual for o plano em que a nossa consciência possa estar atuando, tanto nós como as coisas que pertencem àquele plano são, de momento, nossas únicas realidades. À medida que nos erguemos na escala do desenvolvimento, percebemos que durante os

¹³⁵ Veja Wassilief sobre Budismo, pp. 97-950. (Nota de H.P. Blavatsky)

estágios pelos quais já passamos nós confundimos sombras com realidades, e o progresso para o alto feito pelo eu superior consiste em uma série de despertamentos sucessivos. Cada avanço traz consigo a ideia de que agora, finalmente, alcançamos a “realidade”; mas só quando tivermos chegado à Consciência absoluta, e tivermos unido a nossa própria consciência com ela, é que estaremos livres das ilusões produzidas por Maya.

ESTÂNCIA I - Continuação.

5. Só a escuridão enchia o todo ilimitado (a), porque o pai, a mãe e o filho eram um mais uma vez, e o filho ainda não havia acordado para a nova roda ¹³⁶ e para a sua peregrinação por ela (b).

(a) “A escuridão é Pai-Mãe; a luz é o filho”, diz um velho provérbio oriental. A luz é inconcebível exceto como algo que vem de alguma fonte que é sua causa. A fonte é desconhecida, como no caso da luz primordial, embora sua existência seja fortemente exigida pela razão e pela lógica. Assim, ela deve ser chamada por nós de “Escuridão”, desde um ponto de vista intelectual. Quanto à luz emprestada ou secundária, seja qual for a sua fonte, ela só pode ter um caráter temporário e mayáxico. A escuridão, portanto, é a matriz eterna na qual as fontes de luz aparecem e desaparecem. Nada se acrescenta à escuridão para transformá-la em luz, ou à luz para transformá-la em escuridão, nesse nosso plano. Elas são intercambiáveis, e cientificamente a luz é apenas uma forma de escuridão e vice-versa. No entanto ambas são fenômenos do mesmo númeno - que é absoluta escuridão do ponto de vista da mente científica, e apenas um crepúsculo cor de cinza para a percepção do místico comum, embora seja absoluta luz para a visão espiritual do Iniciado. O grau de percepção da luz que brilha na escuridão depende da nossa capacidade de enxergar. O que é luz para nós constitui escuridão para alguns insetos, e a visão do clarividente percebe iluminação onde a visão normal só enxerga o preto. Quando todo o universo estava mergulhado no sono - depois de retornar ao seu elemento primordial único - não havia um centro de luminosidade, e a visão não percebia luz, e a escuridão preenchia necessariamente o todo ilimitado.

(b) O Pai-Mãe reúne o princípio masculino e o princípio feminino na raiz-da-natureza. São os pólos opostos que se manifestam em todas as coisas em cada plano do Cosmo; ou Espírito e Substância, em um aspecto menos alegórico. Deles resulta o Universo, ou o Filho. Eles são “outra vez Um” quando, durante a “Noite de Brahmâ”, no Pralaya, todo o Universo objetivo voltou à sua causa primordial e eterna, para reaparecer no Alvorecer seguinte, como faz periodicamente. “Karana” -

¹³⁶ A expressão “roda” simboliza um mundo ou globo, o que mostra que os antigos estavam conscientes de que nossa Terra é um globo que gira, e não, como alguns Padres Cristãos ensinavam, um quadrado imóvel. A “Grande Roda” é a duração do nosso Ciclo de existência, ou Maha Kalpa, isto é, a revolução completa da nossa cadeia especial de sete planetas ou Esferas desde o início até o final; as “Pequenas Rodas” significam as Rondas, também em número de sete. (Nota de H.P. Blavatsky)

a causa eterna - estava sozinha. Para colocar o fato de modo mais claro: Karana fica sozinha durante as “Noites de Brahmâ”. O Universo objetivo anterior dissolveu-se na sua causa única, primordial e eterna, e é, de certo modo, mantido em dissolução no espaço, para diferenciar-se novamente e cristalizar-se outra vez no alvorecer do Manvântara seguinte, que é o começo de um novo “Dia” ou nova atividade de Brahmâ - o símbolo do Universo. Em linguagem esotérica, Brahmâ é ao mesmo tempo Pai-Mãe-Filho, ou Espírito, Alma e Corpo; cada personagem simboliza um atributo, e cada atributo ou qualidade é um fluxo gradual da Respiração Divina em sua diferenciação cíclica, de involução e de evolução. No sentido cósmico-físico, Brahmâ é o Universo, a cadeia planetária e a terra; no sentido puramente espiritual, ele é a Divindade Desconhecida, o Espírito Planetário, e o Homem, o Filho dos dois, a criatura que surge do Espírito e da Matéria, uma manifestação deles nas periódicas aparições do homem na Terra durante as “rodas”, ou Manvântaras. (Veja a Parte II do Volume I, parágrafo VII, “Dias e Noites de Brahmâ”.)¹³⁷

ESTÂNCIA I - Continuação.

6. Os sete senhores sublimes e as sete verdades tinham deixado de existir (a), e o Universo, filho da Necessidade, estava imerso em Paranishpanna (b) (perfeição absoluta, Paranirvana, o que é Yong-Grüb) para ser exalado por aquilo que existe e no entanto não existe. Não havia nada. (c)

(a) Os sete senhores sublimes são os Sete Espíritos Criativos, os Dhyan-Chohans, que correspondem aos Elohim hebreus. Esta é a mesma hierarquia de Arcanjos à qual São Miguel, São Gabriel e outros pertencem na teogonia cristã. A diferença é que enquanto São Miguel, por exemplo, tem permissão na teologia dogmática latina para zelar por todos os promontórios e golfos, no Sistema Esotérico, os Dhyanis zelam sucessivamente por cada uma das Rondas e das grandes raças-raízes da nossa cadeia planetária. Considera-se, além disso, que eles mandam os seus Bhodisatvas, os equivalentes humanos dos Dhyani-Buddhas (sobre os quais leia mais adiante), a cada Ronda e cada Raça. Das Sete Verdades e Revelações, ou melhor, sete segredos revelados, só quatro foram transmitidos a nós, porque estamos ainda na Quarta Ronda, e o mundo também só teve quatro Buddhas, até agora. Esta é uma questão bastante complicada, e será tratada de modo mais amplo, mais adiante.

Até agora “Há apenas Quatro Verdades, e Quatro Vedas” dizem os Hindus e os Budistas. Por uma razão similar, Irineu insistiu na necessidade dos Quatro Evangelhos. Mas como cada nova raça-raiz na direção de uma Ronda deve ter a sua revelação e os seus reveladores, a próxima Ronda trará a Quinta, a seguinte trará a Sexta, e assim sucessivamente.

(b) “*Paranishpanna*” é a perfeição absoluta que todas as existências alcançam na conclusão de um grande período de atividade, ou Maha-Manvântara, e na qual elas

¹³⁷ Páginas 368-378 da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

descansam durante o período de repouso que lhe sucede. Em tibetano, seu nome é Yong-Grüb. Até a época da escola Yogacharya, a verdadeira natureza do Paranirvana era ensinada publicamente; mas desde então este ensinamento se tornou inteiramente esotérico, e por isso há tantas interpretações contraditórias sobre ele. Só um verdadeiro Idealista pode entendê-lo. Tudo é visto como ideal, exceto Paranirvana, por aquele que é capaz de compreender este estado e adquirir um conhecimento de como o Não-Eu, o Vazio, e a Escuridão são Três em Um, e como só eles são auto-existentes e perfeitos. Ele é absoluto, no entanto, só num sentido relativo, porque ele deve dar lugar para uma perfeição absoluta ainda maior, de acordo com um padrão mais elevado de excelência no período seguinte de atividade - exatamente como uma flor deve deixar de ser uma flor perfeita e morrer, para transformar-se em um perfeito fruto - se pudermos usar uma expressão com certo tom irlandês.

A Doutrina Secreta ensina que há um desenvolvimento progressivo de tudo, inclusive mundos e átomos; e não é possível conceber o começo nem imaginar o final deste desenvolvimento estupendo. O nosso “Universo” é apenas um, entre um número infinito de Universos, todos eles “Filhos da Necessidade”, porque são elos na grande cadeia Cósmica de Universos, cada um situado como um efeito na relação com o seu antecessor, e sendo uma causa em relação ao seu sucessor.

A aparição e a desapareção do Universo são descritas como uma expiração e uma inspiração da “Grande Respiração”, que é eterna, e que, sendo um Movimento, é um dos três aspectos do Absoluto -; os outros dois são o Espaço Abstrato e a Duração. Quando a “Grande Respiração” é projetada, ela é chamada de Respiração Divina, e é vista como a respiração da Deidade Incognoscível - a Existência Una -, que, de certo modo, expelle um pensamento que se transforma no Cosmos. (Veja “Ísis Sem Véu”.) Assim também ocorre quando a Respiração Divina é inspirada outra vez e o Universo desaparece no seio da “Grande Mãe”, que, então, dorme “envolvida em suas vestes invisíveis”.

(c) “Aquilo que existe e no entanto não existe” é a própria Grande Respiração, da qual só podemos dizer que é a existência absoluta, mas que não podemos representar em nossa imaginação como nenhuma forma de existência que possamos distinguir da não-existência. Os três períodos - o Presente, o Passado e o Futuro - são em filosofia esotérica um tempo composto. Os três são um número composto apenas em relação ao plano dos fenômenos, mas isso não tem validade abstrata no reino dos númenos. Como dizem as Escrituras: “O tempo Passado é o tempo Presente, e também é o Futuro, que, embora ainda não tenha começado a existir, ainda assim existe”. Este é um preceito dos ensinamentos Prasanga Madhyamika, cujas doutrinas têm sido conhecidas desde que deixaram de pertencer exclusivamente às escolas esotéricas.¹³⁸ Em resumo, nossas ideias sobre o tempo e a duração derivam

¹³⁸ Veja “Mani Kumbum”, o “Livro dos 10.000 Preceitos” (“Book of 10,000 Precepts”), Dzungarian. Consulte também “Der Buddhismus”, de Wassilief, pp. 327 e 357, etc. (Nota de H.P. Blavatsky)

todas das nossas sensações, de acordo com as leis da Associação. Inevitavelmente ligadas à relatividade do conhecimento humano, estas ideias não podem existir exceto na experiência do eu individual, e morrem quando a sua marcha evolutiva elimina o Maya da existência no plano dos fenômenos. O que é o Tempo, por exemplo, exceto a sucessão panorâmica dos nossos estados de consciência? Nas palavras de um Mestre, “Sinto-me até irritado ao ter que usar essas três palavras desajeitadas, passado, presente e futuro! Como conceitos miseravelmente estreitos de fases objetivas do Todo Subjetivo, elas são tão inadequadas nesse sentido quanto seria usar um machado para fazer um trabalho delicado de escultura.”¹³⁹ O estudante deve adquirir *Paramartha* para que não seja vítima fácil de *Samvriti* -; este é um axioma filosófico.¹⁴⁰

ESTÂNCIA I - Continuação.

7.As causas da existência haviam sido afastadas (a); o visível que existiu, e o invisível que existe, descansavam no eterno não-ser - o único ser (b).

(a) “As causas da existência” são não só as causas físicas conhecidas pela ciência, mas as causas metafísicas, a principal das quais é o desejo de existir, resultado de Nidana e de Maya. Este desejo de uma vida sensível se mostra em tudo, desde um átomo até um sol, e é um reflexo do Pensamento Divino empurrado para a existência objetiva e transformado em uma Lei segundo a qual o Universo deve existir. De acordo com o ensinamento esotérico, a causa real deste suposto desejo, e de toda existência, permanece eternamente oculta, e as suas primeiras emanações são as mais completas abstrações que a mente pode conceber. Estas abstrações devem necessariamente ser postuladas como a causa do Universo material que se apresenta diante dos sentidos e do intelecto; e elas são subjacentes aos poderes secundários e subordinados da Natureza, os quais, uma vez antropomorfizados, têm sido adorados como Deus e como deuses pela massa popular de cada era. É impossível conceber qualquer coisa sem uma causa; a tentativa de fazer isso leva a mente a um vazio. Esta é, virtualmente, a condição à qual a mente deve chegar finalmente quando tentamos investigar a cadeia de causas e efeitos, mas tanto a ciência como a religião saltam a esta condição de vazio muito mais rapidamente do que é necessário, porque elas ignoram as abstrações metafísicas que constituem a única causa concebível das concretizações físicas. Estas abstrações se tornam cada vez mais concretas à medida

¹³⁹ Estas palavras do Mestre fazem parte de uma Carta que mais tarde foi publicada na íntegra. Trata-se da Carta 15 no volume I de “Cartas dos Mahatmas”, Editora Teosófica, Brasília, 2001; ver p. 97. (Nota do Tradutor)

¹⁴⁰ Em outras palavras: “É necessário adquirir uma verdadeira Autoconsciência para compreender *Samvriti*, ou ‘a origem da ilusão’.” *Paramartha* é sinônimo do termo sânscrito *Svasam-vedana*, ou “o reflexo que analisa a si mesmo”. Na interpretação do significado de “*Paramartha*”, há uma diferença entre os Yoga-charyas e os Madhyamikas, nenhum dos quais, no entanto, explica o sentido esotérico real e verdadeiro da expressão. Veja mais adiante o comentário do verso 9. (Nota de H.P. Blavatsky)

que elas se aproximam do nosso plano de existência, até que finalmente se fenomenalizam na forma do Universo material, por um processo de conversão de metafísica em física que é análogo ao modo pelo qual o vapor pode ser condensado na forma de água, e a água, transformar-se em gelo.

(b) A ideia de um Eterno Não-Ser que é o Único Ser parece um paradoxo para quem não lembra que nós limitamos nossas ideias sobre ser à nossa consciência atual da existência, e que tornamos este termo específico, ao invés de geral. Do mesmo modo, uma criança não-nascida, se pudesse pensar conforme a nossa aceção do termo, necessariamente limitaria a sua concepção de ser à vida intra-uterina, a única vida que conhece; e se a criança tentasse expressar para sua consciência a ideia de vida após o nascimento (que para ela seria a morte), ela, na ausência de dados confiáveis e de faculdades perceptivas para compreender tais dados, provavelmente iria descrever aquela vida como “Não-Ser que é Verdadeiro Ser”. No nosso caso, o Único Ser é o númeno de todos os númenos que nós sabemos que devem subjazer aos fenômenos e dar a eles qualquer sombra de realidade que eles tenham, mas que não podemos perceber atualmente porque não temos o intelecto nem os sentidos necessários para isso. Os impalpáveis átomos de ouro espalhados pela substância de uma tonelada de quartzo aurífero podem ser imperceptíveis para o olho nu do mineiro, mas ele sabe não só que eles estão lá, mas também que só eles dão ao seu quartzo qualquer valor significativo; e esta relação do ouro com o quartzo pode refletir palidamente a relação do númeno com o fenômeno. Mas o mineiro sabe que aparência o ouro terá quando tiver sido extraído do quartzo, enquanto que o mortal comum não pode ter qualquer concepção da realidade das coisas separadas da Maya que as encobre e na qual elas estão ocultas. Só o Iniciado, rico em conhecimento adquirido pelas inúmeras gerações dos seus predecessores, dirige o “Olho de Dangma”¹⁴¹ para a essência das coisas, na qual nenhuma Maya pode ter qualquer influência. É aqui que os ensinamentos da filosofia esotérica em relação aos Nidanas e às Quatro Verdades adquirem a maior importância; mas eles são secretos.

ESTÂNCIA I - Continuação.

8. Só a forma única de existência se estendia ilimitada, infinita, sem causa, em um sono sem sonhos (a); e a vida pulsava inconsciente no espaço universal, ao longo daquela total presença que é percebida pelo “olho aberto”¹⁴² de Dangma (b).¹⁴³

¹⁴¹ Olho de Dangma; a visão de um Iniciado e Mahatma, que obteve completa sabedoria. (Nota do Tradutor)

¹⁴² Na Índia esta visão é chamada de “Olho de Shiva”, mas, além da grande cordilheira, ela é chamada, na fraseologia esotérica, de “olho aberto de Dangma”. (Nota de H. P. Blavatsky)

(a) A tendência do pensamento moderno é recorrer à ideia arcaica de uma base homogênea para coisas aparentemente muito diferentes - heterogeneidade desenvolvida a partir de homogeneidade. Biólogos estão agora pesquisando sobre um protoplasma homogêneo deles, e os químicos estão procurando pelo seu protilo¹⁴⁴, enquanto a ciência busca pela força da qual a eletricidade, o magnetismo, o calor, etc., são diferenciações. A Doutrina Secreta leva esta ideia para a região da metafísica e postula uma “Forma Única de Existência” que é a base e a fonte de todas as coisas. Mas talvez a expressão “Forma Única de Existência” não seja completamente correta. A palavra sânscrita é Prabhavapyaya, “o lugar, ou melhor, o plano, de onde emerge a originação, e no qual todas as coisas se dissolvem”, diz um comentador. Não é a “Mãe do Mundo”, tal como traduzido por Wilson (veja o Livro I do *Vishnu Purana*); porque Jagad Yoni (como demonstrado por Fitz Edward Hall) dificilmente pode ser “a Mãe do Mundo” ou “o Útero do Mundo”, tanto quanto é “a Causa Material do Universo”. Os comentadores dos Puranas explicam a ideia como Karana - “Causa” - mas a filosofia esotérica prefere dizer “o espírito ideal daquela causa”. No seu segundo estágio, o espírito ideal da causa é o Svabhâvat do filósofo budista, a eterna causa-efeito, onipresente e no entanto abstrata, a Essência plástica auto-existente e raiz de todas as coisas, vista desde o mesmo ponto de vista dual com que o Vedantino vê Parabrahm e Mulaprakriti, dois aspectos de algo que é um. Parece realmente extraordinário encontrar grandes eruditos especulando sobre a possibilidade de que o Vedanta, e especialmente o Uttara-Mimansa, tenham sido “evocados pelos ensinamentos dos budistas”, enquanto que na verdade, ao contrário, é o budismo (de Gautama, o Buddha) que foi “evocado” e erguido inteiramente sobre a base dos princípios da Doutrina Secreta, dos quais tenta-se fazer um esquema parcial na presente obra, e sobre os quais também os Upanixades estão baseados.¹⁴⁵ O fato acima é inegável, segundo os ensinamentos de Sri Shankaracharia.¹⁴⁶

¹⁴³ A palavra “Dangma” significa “uma alma purificada”, alguém que se tornou um Jivanmukta, o mais alto adepto, ou melhor, um Mahatma. O seu “olho aberto” é o olho interno espiritual do vidente, e a faculdade que se manifesta através dele não é a clarividência tal como se entende comumente, isto é, o poder de ver a distância, mas sim a intuição espiritual, através da qual se obtém um conhecimento direto e seguro. Esta faculdade está intimamente conectada com o “terceiro olho”, que a tradição mitológica atribui a certas raças humanas. Explicações mais completas podem ser encontradas no volume II. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁴⁴ Protilo; “Protyle” no original em inglês. Do grego “protos”, primeiro, e “yle”, matéria. Matéria primordial. Ver o Glossário de H. P. Blavatsky. (Nota do Tradutor)

¹⁴⁵ E no entanto alguém *que pretende ter autoridade*, Sir Monier Williams, Professor Boden de Sânscrito em Oxford, recentemente negou este fato. Isso é o que ele ensinou à sua audiência, dia 4 de junho de 1888, na sua palestra anual diante do *Victoria Institute* da Grã-Bretanha; “Originalmente, o budismo voltou-se contra todo ascetismo solitário . . . para obter níveis sublimes de conhecimento. Ele *não tinha sistema oculto ou esotérico* de doutrina . . . mantido à parte dos homens comuns” (!) E, novamente: “. . . Quando Gautama Buddha começou sua carreira, a forma *mais recente e mais inferior* de Yoga

(b) O sono sem sonhos é um dos sete estados de consciência conhecidos no esoterismo oriental. Em cada um destes estados entra em ação uma parte diferente da mente; ou, como um Vedantino diria, o indivíduo é consciente em um plano diferente do seu ser. A expressão “sono sem sonhos” neste caso é aplicada alegoricamente ao Universo para simbolizar uma situação de certo modo análoga àquele estado de consciência no ser humano, o qual, não sendo lembrado durante o estado de vigília, parece um intervalo em branco, assim como o sono do sujeito mesmerizado parece para ele um período em branco e inconsciente quando ele volta à sua condição normal, embora ele tenha estado falando e atuando como faria um indivíduo consciente.

ESTÂNCIA I - Continuação.

9. Mas onde estava o Dangma quando o Alaya do universo (a alma como base de tudo, Anima Mundi) estava em Paramartha (a) (Ser e Consciência Absolutos, que são também Não-Ser e Inconsciência Absolutos) e a grande roda era Anupadaka (b) ?

(a) Temos diante de nós aqui o tema de séculos de disputas escolásticas. Os dois termos “Alaya” e “Paramartha” têm provocado mais divisão entre escolas e fragmentação da verdade do que quaisquer outros termos místicos. Alaya é literalmente a “Alma do Mundo” (Anima Mundi) ou “Alma-Superior”¹⁴⁷ de Emerson, e de acordo com o ensinamento esotérico ela muda periodicamente sua natureza. Alaya, embora eterna e imutável em sua essência interior e nos planos que são inalcançáveis tanto por seres humanos como por Deuses Cósmicos (Dhyani Buddhas), se altera durante o período de vida ativa em relação aos planos inferiores, inclusive o nosso. Durante aquele tempo não só os Dhyani-Buddhas estão em completa unidade com Alaya, na Alma e na Essência, mas até mesmo o homem que é forte em Ioga (meditação mística) “é capaz de unir sua alma” com Alaya

parece que era pouco conhecida.” E mais adiante, contradizendo a si mesmo, o erudito palestrante informou sua audiência de que “Ficamos sabendo através do *Lalita-Vistâra* que várias formas de tortura corporal, auto-maceração e austeridade eram comuns na época de Gautama.” (!! Mas o palestrante parece ignorar completamente o fato de que este tipo de tortura e auto-maceração é precisamente a forma *inferior* de Yoga, *Hatha Yoga*, que era “pouco conhecida” e no entanto tão “*comum*” na época de Gautama. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁴⁶ É argumentado até mesmo que todas as Seis Darshanas (Escolas de filosofia) mostram traços de influência budista, tendo sido tiradas do budismo ou devido à influência dos ensinamentos gregos. (Ver Weber, Max Müller, etc.) Nós temos a impressão de que Colebrooke, “a mais alta autoridade” em tais questões, tinha esclarecido este ponto há muito tempo ao mostrar que “os Hindus foram neste caso os professores, não os alunos”. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁴⁷ Alma-Superior; “Over-Soul” no original em inglês. (Nota do Tradutor)

(Aryasanga, escola *Bumapa*). Isso não é Nirvana, mas é uma condição próxima ao Nirvana. Daí a discordância. Os Yogacharyas (da escola Mahayana) dizem que Alaya é a personificação do Vazio, e que, no entanto, Alaya (*Nyingpo* e *Tsang* em tibetano) também é a base de todo objeto visível ou invisível. Afirmam que, embora seja eterna e imutável em sua essência, ela se reflete em cada objeto do Universo “como a Lua em águas claras e tranquilas”. Mas outras escolas questionam a afirmação. O mesmo ocorre em relação a Paramartha. Os Yogacharyas interpretam Paramartha como aquilo que também é dependente de outras coisas (*paratantra*); e os Madhyamikas dizem que Paramartha está limitada a Paranishpanna ou perfeição absoluta; isto é, na exposição destas “duas verdades” (de um total de quatro), os Yogacharyas acreditam e sustentam que (neste plano, pelo menos) existe apenas um Samvritisatya ou verdade relativa; e os Madhyamikas ensinam que existe Paramarthasatya, a “verdade absoluta”.¹⁴⁸ “Nenhum Arhat, oh mendicantes, pode chegar ao conhecimento absoluto antes de alcançar a unidade com Paranirvana. *Parikalpita* e *Paratantra* são os seus dois grandes inimigos.” (Aforismos dos Bodhisatvas) *Parikalpita* (em tibetano, *Kun-ttag*) significa o erro cometido por quem é incapaz de compreender o caráter vazio e ilusório de todas as coisas; por aquele que acredita na existência de algo que não existe - por exemplo, o Não-Eu. E *Paratantra* é tudo aquilo que só existe através de uma conexão dependente ou causal, e que deve desaparecer tão logo a causa da qual surgiu é removida - por exemplo, a luz do pavio de um lampião. Destrua o pavio, e a luz desaparece.

A filosofia esotérica ensina que tudo vive e é consciente, mas não diz que toda vida e consciência são semelhantes às do ser humano, ou mesmo às dos seres animais. Vemos a vida como “a única forma de existência”, que se manifesta no que é chamado de matéria; ou, como no caso do ser humano, vida é o que nós chamamos - errando ao separar estes elementos - de Espírito, Alma e Matéria. A matéria é o veículo da manifestação da alma neste plano de existência, e a alma é o veículo, em um plano mais alto, para a manifestação do espírito. Estes três formam uma trindade sintetizada pela Vida que permeia a todos eles. A ideia de vida universal é uma daquelas concepções antigas que retornam à mente humana neste século¹⁴⁹, como consequência da sua libertação da teologia antropomórfica. É verdade que a ciência se contenta com identificar ou postular os sinais da vida universal, e ainda não teve a coragem suficiente nem mesmo para sussurrar as palavras “Alma do Mundo” (Anima Mundi) ! A ideia de uma “vida dos cristais”, agora algo familiar para a ciência, teria sido motivo de zombaria meio século atrás. Os botânicos estão agora procurando pelos nervos das plantas; não porque eles pensem que as plantas possam sentir ou pensar como os animais, mas porque acreditam que a existência de alguma

¹⁴⁸ “Paramartha” é autoconsciência em sânscrito; Svasamvedana, ou “reflexo que analisa a si mesmo”. O termo é formado por duas palavras, “parama” (acima de tudo) e “artha” (compreensão). Satya significa ser absoluto e verdadeiro, ou *Esse*. Em tibetano, Paramarthasatya é Dondampaidenpa. O oposto dessa realidade absoluta, ou realidade última, é Samvritisatya - a verdade apenas relativa. “Samvriti” significa “falsa concepção”, e é a origem do termo “ilusão”, Maya: em tibetano, Kundzabchi-denpa, “aparência criadora de ilusão”. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁴⁹ Neste século; isto é, no século 19. (Nota do Tradutor)

estrutura na vida da planta que possua uma correspondência com os nervos na vida dos animais é necessária para explicar o crescimento e a nutrição dos vegetais. É improvável que a ciência consiga negar para si própria por muito mais tempo - usando apenas termos como “força” e “energia” - o fato de que as coisas que possuem vida são coisas vivas, sejam elas átomos ou planetas.

O leitor pode perguntar: “Mas o que pensam as Escolas esotéricas internas? Quais são as doutrinas ensinadas sobre este assunto pelos ‘budistas’ esotéricos?” Para eles, “Alaya” tem um significado duplo e mesmo tríplice. No sistema Yogacharya da escola contemplativa Mahayana, Alaya é tanto a Alma Universal (Anima Mundi) como o eu superior de um Adepto avançado. “Aquele que é forte no Yoga pode viver quando quiser a sua Alaya através da meditação na verdadeira natureza da existência.” A “Alaya tem uma existência eterna absoluta”, diz Aryasanga, o rival de Nagarjuna ¹⁵⁰. Em um sentido, Alaya é *Pradhana*, que o Vishnu Purana explica do seguinte modo: “aquilo que é a causa não exteriorizada é enfaticamente chamado pelos sábios mais eminentes de Pradhana, a base original que constitui Prakriti sutil, isto é, aquilo que é eterno e que ao mesmo tempo é (ou abrange) o que existe e o que não existe, ou é um mero processo.” No entanto, “Prakriti” é uma palavra incorreta, e Alaya seria uma palavra melhor, porque Prakriti não é o “incognoscível Brahma”. ¹⁵¹ Ensinar que a Anima Mundi, a Vida Una ou “Alma Universal” foi mencionada pela primeira vez por Anaxágoras, ou durante a época dele, é um erro daqueles que nada sabem da Universalidade das doutrinas Ocultas desde o próprio berço das raças humanas, e especialmente dos eruditos que rejeitam a ideia de uma “revelação primordial”. Anaxágoras trouxe o ensinamento simplesmente para opor-se às concepções excessivamente materialistas de Demócrito sobre Cosmogonia, baseadas em sua teoria exotérica sobre átomos orientados *cegamente*. Anaxágoras de Clazômene não foi o inventor da ideia, mas apenas um propagador, como Platão também foi. Aquilo que ele chama de Inteligência do Mundo, o *nous* (νοῦς), o princípio que segundo o seu ponto de vista está absolutamente separado e livre da matéria e age deliberadamente ¹⁵², era chamado de Movimento, de VIDA UNA, ou *Jivatma*, na Índia, já eras antes do ano 500 AEC. No entanto, os filósofos ários nunca atribuíram a este princípio, que consideravam infinito, a função finita de “pensar”.

¹⁵⁰ Aryasanga foi um Adepto pré-cristão e fundou uma escola esotérica budista, embora Csoma di Koros prefira colocá-lo no século sete da era cristã. Há outro Aryasanga, que viveu durante os primeiros séculos da nossa era, e o erudito húngaro provavelmente confunde os dois. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁵¹ “A causa íntegra que é uniforme, e que é tanto causa como efeito, e que aqueles que conhecem os princípios básicos chamam de Pradhana e de Prakriti, é o incognoscível Brahma que existia antes de tudo” (Vayu Purana). Isto é, Brahma não provoca a evolução ele próprio, nem cria, mas apenas mostra diversos aspectos de si mesmo, um dos quais é Prakriti, um aspecto de Pradhana. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁵² Isto é, com autoconsciência finita. Porque, como poderia o *absoluto* fazer uma ação deliberada exceto através de um dos seus *aspectos*, o mais alto dos quais, segundo nós conhecemos, é a consciência humana? (Nota de H. P. Blavatsky)

Isso leva o leitor naturalmente ao “Espírito Supremo” de Hegel e dos transcendentalistas alemães, formando um contraste que vale a pena assinalar. As escolas de Schelling e Fichte afastaram-se bastante da concepção antiga e primitiva de um princípio ABSOLUTO, e refletiram apenas um aspecto da ideia básica do Vedanta. Mesmo o “Geist Mais Absoluto” emitido por von Hartman ¹⁵³ em sua filosofia pessimista do Inconsciente, embora seja, talvez, a melhor aproximação especulativa feita por um europeu na direção das doutrinas hindus Advaitas, também fica aquém da verdade.

De acordo com Hegel, o “Inconsciente” nunca teria empreendido a tarefa vasta e laboriosa de exteriorizar o Universo se não fosse a esperança de alcançar uma clara autoconsciência. Em relação a isso, devemos levar em consideração que, ao dizer que o Espírito, que os panteístas europeus usam como equivalente a Parabrahm, é inconsciente, eles não atribuem ao termo “Espírito” - empregado apenas por falta de uma expressão melhor para simbolizar um profundo mistério - a conotação que ele normalmente carrega.

A “Consciência Absoluta” que existe “atrás” dos fenômenos, dizem eles, transcende a concepção humana e só é chamada de inconsciência pela ausência de qualquer elemento de personalidade. Incapaz de formar um só conceito exceto em termos de fenômenos empíricos, o homem - devido à própria constituição do seu ser - não consegue levantar o véu que encobre a grandiosidade do Absoluto. Só o Espírito liberto é capaz de perceber palidamente a natureza da fonte de onde o Espírito surgiu e para onde deve finalmente retornar No entanto, como até o mais alto Dhyán Chohan só pode curvar-se e admitir sua ignorância diante do mistério tremendo do Ser Absoluto, e já que, mesmo naquela culminação da existência consciente - “a fusão da consciência individual com a consciência universal”, para usar uma frase de Fichte - o Finito não pode conceber o Infinito, nem pode aplicar ao Infinito o seu próprio padrão de experiências mentais, de que modo alguém poderia afirmar que o “Inconsciente” e o Absoluto podem ter até mesmo um impulso instintivo ou uma esperança instintiva de alcançar uma clara autoconsciência? ¹⁵⁴ Um vedantino nunca admitiria esta ideia hegeliana; e o Ocultista diria que ela se aplica perfeitamente ao MAHAT desperto, a Mente Universal já projetada no mundo fenomênico como o primeiro aspecto do ABSOLUTO imutável, mas nunca ao próprio ABSOLUTO. “Espírito e Matéria, ou Purusha e Prakriti, são apenas os dois aspectos primordiais do Uno e Único”, diz um ensinamento que foi dado a nós. ¹⁵⁵

¹⁵³ Referência a Karl Robert Eduard von Hartman (23 de fevereiro de 1842 - 5 de junho de 1906). Autor de “The Philosophy of the Unconscious”. (Nota do Tradutor)

¹⁵⁴ Veja “Handbook of the History of Philosophy”, de Schwegler, na tradução de Sterling. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁵⁵ Nas linhas acima, as referências à filosofia alemã sugerem a participação de um Mestre de Sabedoria oriental na redação deste trecho da obra. H. P. Blavatsky passou algum tempo na Alemanha, e viveu na mesma região em que, poucas décadas antes, um Mestre havia

O Nous que move a matéria, a Alma que tudo anima, imanente em cada átomo, manifestado no ser humano, latente na pedra, tem vários graus de poder; e esta ideia panteísta de um Espírito-Alma geral que permeia toda a Natureza é a mais antiga de todas as noções filosóficas. Tampouco foi o conceito de Archeus uma descoberta de Paracelso, nem do seu aluno Van Helmont; pois o Archeus é “Pai-Éter”¹⁵⁶, a base manifestada e fonte dos inúmeros fenômenos localizados da vida. As inúmeras especulações deste tipo são apenas variações do tema, cuja nota-chave foi soada nesta primeira Revelação. (Ver o capítulo III, “Substância Primordial e Pensamento Divino”, na Parte II do volume I da presente obra.)

(b) O termo Anupadaka, “sem pais”, sem progenitores, é uma designação mística que possui vários significados na filosofia. O nome se refere a seres celestiais, os Dhyani-Chohans ou Dhyani-Buddhas. Misticamente, eles correspondem aos Buddhas e Bodhisatvas humanos, conhecidos como “Buddhas Manushi” (ou humanos), estes últimos também são chamados de “Anupadaka”, uma vez que toda a personalidade deles está unida com a combinação dos seus sexto e sétimo princípios -, ou Atma-Buddhi e que eles se transformaram em “almas de diamante” (Vajra-sattvas)¹⁵⁷, ou Mahatmas completos. O “Senhor Oculto” (Sangbai Dag-po), “aquele que uniu-se ao Infinito”, não pode ter progenitores porque é Auto-Existente

estado. Em 1885, H. P. B. escreveu o seguinte em carta à Sra. Patience Sinnett: “Gosto de Würzburg. É perto de Heidelberg e Nüremberg e de todos os centros em que um dos Mestres viveu, e foi Ele que aconselhou meu Mestre a me mandar para lá.” (“Letters of H. P. Blavatsky to A. P. Sinnett”, T.U.P., Pasadena, California, USA, 1925 / 1973, 404 pp., ver p. 105.) Em 1880, o mesmo instrutor admitiu haver estudado em detalhe a obra do grande filósofo alemão Immanuel Kant. (“Cartas dos Mahatmas”, Ed. Teosófica, Brasília, 2001, volume I, Carta 11, p.82.) É bem conhecido em Teosofia que a filosofia do pensador alemão Arthur Schopenhauer tem muito em comum com a filosofia esotérica oriental. Veja, por exemplo, o parágrafo final da Carta 65, em “Cartas dos Mahatmas”, vol. I. (Nota do Tradutor)

¹⁵⁶ “Archeus”; o termo, que deu origem à palavra “arquétipo”, significa a luz astral, ou akasha. (Nota do Tradutor)

¹⁵⁷ Vajra - aquele que possui um diamante. Em tibetano *Dorjeseempa*. *Sempa* significa a alma. A sua qualidade adamantina se refere à sua indestrutibilidade no pós-morte. A explicação em relação a “Anupadaka”, tal como dada no *Kala Chakra*, primeira na divisão Gyu (t) do Kanjur, é semi-esotérica, e desorientou os Orientalistas induzindo-os a fazer especulações erradas sobre os Dhyani-Buddhas e os seus equivalentes terrestres, os Buddhas Manushi. O real princípio envolvido será sugerido em um volume posterior desta obra, e será bem melhor explicado no lugar certo (veja “The Mystery About Buddha” - “O Mistério de Buddha”). (Nota de H. P. Blavatsky) [**Sub-Nota do Tradutor:** O texto “The Mystery of Buddha” e outros fragmentos relacionados a ele estão disponíveis às pp. 370-421 do volume XIV de “Collected Writings of H. P. Blavatsky” (TPH). O texto específico “The Mystery of Buddha” está às pp. 388-399.]

e está unido ao Espírito Universal (Svayambhu) ¹⁵⁸, o Svabhâvat em seu aspecto mais elevado. É grande o mistério na hierarquia de Anupadaka, e o seu ponto mais alto é o Espírito-Alma universal, e o grau mais baixo o Buddha Manushi; e mesmo cada homem dotado de uma Alma é um Anupadaka em estado latente. Disso decorre a frase “o Universo era Anupadaka” -, ao falar-se do Universo como algo destituído de forma, eterno, absoluto, e anterior ao momento em que ele ganha forma, graças aos “Construtores”. (Veja o capítulo III da Parte II deste primeiro volume, “Substância Primordial e Pensamento Divino”)

ESTÂNCIA II

1. Onde estavam os construtores, os filhos luminosos do amanhecer Manvantárico (a)? Na escuridão desconhecida, no Paranishpanna (Chohânico, Dhyani-Búddhico) dos Ah-Hi. Os que produzem a forma (rupa) a partir da não-forma (arupa) - a raiz do mundo - a Devamatri ¹⁵⁹ e Svabhâvat, descansavam na bem-aventurança do não-ser. (b)

(a) Os “Construtores”, os “Filhos da Aurora Manvantárica”, são os verdadeiros criadores do Universo; e, nesta doutrina, que se refere ao nosso Sistema Planetário, eles, sendo os arquitetos deste sistema, também são considerados como os “Observadores” das Sete Esferas, que exotericamente são os Sete planetas, e esotericamente também as sete terras ou esferas (planetas) da nossa cadeia. A frase que abre a Estância I, ao mencionar “Sete Eternidades”, se aplica tanto ao *Maha-Kalpa* ou “a (grande) Idade de Brahmâ”, como ao *pralaya* Solar e à subseqüente ressurreição do nosso Sistema Planetário em um plano mais elevado. Há muitos tipos de *pralaya* (a dissolução de algo visível), conforme será demonstrado mais adiante.

(b) Paranishpanna, lembremos, é o *summum bonum* ¹⁶⁰, o Absoluto, portanto o mesmo que Paranirvana. Além de ser o estado final, Paranishpanna é aquela condição de subjetividade que não tem relação com coisa alguma, exceto a verdade

¹⁵⁸ Para citar novamente Hegel, que, com Schelling, praticamente aceitou a concepção panteísta dos Avatares periódicos (encarnações especiais do Espírito-do-Mundo na forma humana, tal como se vê no caso de todos os grandes reformadores religiosos) “.... a essência do homem é espírito e só abandonando a sua finitude e abandonando-se à pura auto-consciência ele consegue alcançar a verdade. Cristo-homem, como um ser humano em quem apareceu a Unidade Deus-homem (a identidade do indivíduo com a consciência universal segundo o ensinamento dos Vedantinos e de alguns Advaitas), é apresentado, em sua morte e em sua história em geral, como uma narrativa da eterna história do Espírito; uma história que cada homem tem que realizar em si mesmo, para poder existir como Espírito.” (“Philosophy of History”, tradução ao inglês de Sibree, p. 340.) (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁵⁹ “Mãe dos deuses”, Aditi, ou Espaço Cósmico. No Zohar, ela é chamada de Sefira, a mãe dos sefirot, e de Shekina em sua forma primordial, oculta. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁶⁰ *Summum bonum*; em latim, “o mais elevado bem”. (Nota do Tradutor)

[Home](#)

[Lista de Textos por Ordem Alfabética](#)